UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

DAVID GOULART NUNES

A SERPENTE SOB A GRAMA: O NEONAZISMO BRASILEIRO E O FENÔMENO DA INTERNET

Tubarão

2020

DAVID GOULART NUNES

A SERPENTE SOB A GRAMA: O NEONAZISMO BRASILEIRO E O FENÔMENO DA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Bruna Cataneo Zamparetti Ms.

Tubarão

2020

DAVID GOULART NUNES

A SERPENTE SOB A GRAMA: O NEONAZISMO BRASILEIRO E O FENÔMENO DA INTERNET

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 01 de dezembro de 2020

_____

Professora e orientadora Bruna Cataneo Zamparetti Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Prof. Geovan Martins Guimarães Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Prof. Ricardo Neuman Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

A Joice, que me encoraja e me apoia em tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Daniel e Kartineli, que me educaram e me ensinaram valiosas lições. Agradeço a minha noiva, Joice, que sempre me apoio e leu minhas pesquisas. Agradeço a minha professora orientadora, Bruna Cataneo Zamparetti, que, atenciosamente, acompanhou e aconselhou-me durante a pesquisa. Agradeço a todos professores que me formaram, tanto ne educação básica quanto na superior, em especial professora Simone, que me surtiu interesse por História no Ensino Fundamental, e professor Giovanni, de filosofia, que me ensinou o rigor da escrita e da metodologia da educação. A todos estes, agradeço imensamente.

“Na Alemanha, tanto a memória quanto a amnésia são perigosas; cada qual traz consigo seus próprios riscos morais”

Theodore Dalrymple

RESUMO

A presente monografia atesta para o presença do neonazismo no Brasil, sua articulação dentro e fora da internet, suas políticas e propagandas. Para isso, propõe-se a debater as características que identificam o neonazismo e seus diferentes grupos, bem como a metodologia de conceituação do mesmo. Aborda, também, os referenciais teóricos utilizados por estes, suas principais ideias e objetivo. Compara, também, com o nazismo clássico, política antecessora do neonazismo, e as influências estruturais que exerceu no movimento da atualidade, como o uso de sátiras como crítica social e o conteúdo utilizado de respaldo ideológico. Para tal, a monografia faz o uso de uma série de referências bibliográficas, bem como de recortes de blogs, fóruns e sites online. De forma complementar, cita operações policiais, dentro e fora do Brasil, e dados estatísticos, disponibilizados por organizações que registram denúncias de crimes online, como a ADL, Anti-Defamation League (Liga Anti-Difamação).

Palavras-chave: nazismo, neonazismo, internet.

ABSTRACT

This monograph attests to the presence of neo-Nazism in Brazil, its articulation inside and outside the internet, its policies and advertisements. To this end, it is proposed to debate the characteristics that identify neo-Nazism and its different groups, as well as its conceptualization methodology. It also addresses the theoretical frameworks used by them, their main ideas and objective. It also compares with classic Nazism, a predecessor policy of neo-Nazism, and the structural influences that it exercised in the current movement, such as the use of satires as social criticism and the content used for ideological support. To this end, the monograph makes use of a series of bibliographic references, as well as clippings from blogs, forums and online sites. In a complementary way, it cites police operations, inside and outside Brazil, and statistical data, made available by organizations that register online reports of crimes, such as the ADL, Anti-Defamation League.

Keywords: Nazism, neo-Nazism, internet.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A - Auswärtiges Amt
ADL – Anti-Defamation League (Liga Anti-Difamação)
AIB – Ação Integralista Brasileira
A.O - Auslands-Organization
BKA - Departamento Federal de Investigações Criminais,
CA - Aurora Dourada (em grego Χρυσή Αυγή, transl. *Chryssí Avguê*),
ED – Extrema Direita
EUA – Estados Unidos da América
FN - Frente Nacional (Partido francês)
NSDAP - Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães
NF – National Front (Partido inglês)
NSU - Clandestinidade Nacional-socialista
SPLC - Southern Poverly Law Center
WUNS - União Mundial dos Nacional Socialistas

Lista de Quadros

Quadro 1 - domínios online citados na pesquisa 16

Lista de Figuras

Figura 1 - A esquerda, a insígnia da 3ª Divisão SS Panzer Totenkopf. A direita, disco lançado pela Blood and Honror, 2012, que faz uso da insígnia da SS 30
Figura 2 - Hoolingans alemães com a bandeira imperial Reichskriegsflagge, em Lille, França, 2016. 41
Figura 3 - Comparativo: Frente Nacionalista / Azov Batallion / SS – Das Reich 61
Figura 4 - comentário de internauta onde questiona o caráter criminoso da fala de Alvim. 66
Figura 5 - internauta expõe sua opinião sobre Olavo de Carvalho. 68
Figura 6 - manifestante pró-Bolsonaro com símbolos nazistas pelo corpo, 2011 71
Figura 7 - internautas estrangeiros comemoram a vitória presidencial de Jair Bolsonaro no Stormfront, fórum neonazista. 71
Figura 8 - *board* do fórum 4chan 75
Figura 9 - resultados de busca pelo livro 'Holocausto Judeu ou Alemão?' no Mercado Livre, em 31/10/2020. 86
Figura 10 - site estadunidense que realiza entregas ao Brasil. 88
Figura 11- skinzine Das Ruas para as Ruas, que faz menção ao coronavírus. 89
Figura 12 - uma das lições do livro Der Giftpilz – versão em inglês -, onde se ensina a reconhecer um judeu. 91
Figura 13 - edição do jornal Zero Hora que traz Wandercy como "devoto declarado" de Adolf Hitler 93
Figura 14 - charge do Der Stürmer, edição Nº 51 de 1929 96
Figura 15 - Happy Merchant, de A. Wyatt Mann (a esquerda) e tweet da emissora Al Jazeera (a direita) 99
Figura 16 – postagem do fórum 55chan 100
Figura 17 - comentário em um dos fóruns da Stormfront.org a respeito das precauções que os integrantes deveriam tomar. 105
Figura 18 - vendas de sites hospedados nos EUA anunciados em um site neonazista. 108
Figura 19 - neonazistas com ligação com a Blood & Honror, sendo o primeiro, da esquerda pra direita, o autoproclamado fundador da filial no Brasil. 111
Figura 20 - membros da Blood & Honror no Brasil 111
Figura 21 - seção onde a antropóloga e pesquisadora Adriana Dias é citada. 112
Figura 22 - seção do site Nazi Lauck NSDAP/AO que fornece meios seguros de contato 113
Figura 23 - fórum no 55chan, onde um usuário anônimo busca dar respaldo para o antissemitismo. 114
Figura 24 - arma de brinquedo apreendida na residência do mentor do possível atentado de Santa Rita (RS) 116
Figura 25- Batalhão Azov com bandeira do grupo Misanthropic Division 117
Figura 26 - Paula Carina Caputo Gomes, que usa o nome de Paula Diamond, e Fernando Paes Cândido, conhecido como Nandão, com a bandeira da Misanthropic Division ao fundo 118
Figura 27 - página na rede social VK 119
Figura 28 – usuários comentando sobre a existência de "unidades de recrutamento da Misanthropic Division" 120
Figura 29 - comentário de usuário no Youtube 120
Figura 30 - usuários dando instruções de como contatar o Batalhão Azov 121
Figura 31 - usuários citam a rede social VK como forma de contato 121

Figura 32 - membro do fórum 55chan encerra um post, declaradamente racialista, com a alternativa de imigrar para o leste da Europa. (Destaque nosso) 122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
2 CONCEITUAÇÃO DO NEONAZISMO E DELIMITAÇÃO DO TERMO 19
3 A SERPENTE SOB A GRAMA; O NEONAZISMO COMO SOBREVIVÊNCIA E REESTRUÇÃO DO NAZISMO. 27
3.1 DAS NEST DER SHCLANGE, O NINHO DA SERPENTE: EXTREMISTAS NA ATUAL ALEMANHA 40
4 NAZISMO E NEONAZISMO NO BRASIL 45
4.1 A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE; NAZISMO NA ALEMANHA E O BRASIL 45
4.2 WO IST DER DESIGN? NEONAZISMO NO BRASIL. 56
4.3 CONTROVERSIAS SOBRE O CONTINGENTE NEONAZISTA BRASILEIRO; 72
4.4 EDITORA REVISÃO E PRODUÇÃO REVISIONISTA. 83
4.5 A POTENCIALIDADE DA INTERNET E CONTRASTE COM O PÚBLICO DA NSDAP 95
CONCLUSÃO 124
REFERÊNCIAS 127

INTRODUÇÃO

Todo comportamento político possuí uma linha teórica, um embasamento, que predispõe determinadas ações de indivíduos e grupos no decorrer da história. Tendo em vista o cenário do século XX, emergido de um confronto de imperialismos e da solidificação de ideologias, é observável a expansão de certos comportamentos políticos para o período pós-guerra. Assim, o presente trabalho monográfico tem como delimitação de tema: **Propagação do Nacional-Socialismo, popularmente conhecido neonazismo, no Brasil atual**. Propondo fomentar a investigação acadêmica sobre o proposto tema, adota-se a seguinte questão problema: **os meios de comunicação contemporâneos, que englobam recursos *on-line*, possibilitam combater ou dão suporte à fomentação de células neonazistas no Brasil?**

Dessa maneira, é posto no horizonte da pesquisa o nazismo e o neonazismo, movimentos que se diferenciam pela temporalidade, mas que refletem, cada um em sua respectiva época, reflexos nocivos a sociedade. Ambos os movimentos foram escolhidos como norteadores da pesquisa por possuírem características semelhantes.

Assim, pautando-se no darwinismo social, ambos não medem esforços para proteger a raça branca. Muitas destas ideias sobreviveram ao fim da Segunda Guerra Mundial, e se utilizam, hoje, da internet para impulsionarem sua ideologia para jovens e adultos. Da mesma forma que o nazismo do século XX, o neonazismo busca segregar e/ou eliminar etnias consideradas sub humanas. Com base nessa discussão a presente monografia se propõe a investigar natureza do neonazismo online, comparando com a base teórica nazista do mesmo.

Essa pesquisa monográfica teve como **objetivo geral:** discutir como o ambiente da internet potencializa a articulação de células neonazistas. Para tanto, delimitamos como **objetivos específicos**, **a)** Apresentar a presença nazista no Brasil durante o período anterior a Segunda Mundial; **b)** Caracterizar o surgimento dos neonazistas brasileiros; **c)** Evidenciar a presença atual dos neonazistas; **d)** Elucidar as idiossincrasias dos termos nazismo e neonazismo; **e)** Apresentar a relação globalizada que os grupos neonazistas possuem entre si por meio da internet.

Para o maior aproveitamento do tema para uma pesquisa exploratória uma vez que, segundo Gil (2002, p. 41) “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”, a presente monografia se utiliza dos métodos de procedimento **monográfico**, por analisar casos específicos, suas características e detalhes.

O método de abordagem utilizado é o **hipotético-dedutivo**, uma vez que introduzido no universo de fatos e relações referentes a delimitação do tema, desenvolveu-se a hipótese, que necessita de verificação e pesquisa para respaldo, da ascensão do neonazismo no sul brasileiro e o papel da internet nesse processo.

Em momento anterior à coleta de dados aqui apresentados, visto a o conteúdo neonazista, racista, homofóbico, xenófobo, dos sites e fóruns visitados, o **Ministério Público de Santa Catarina** fora contato no dia 2 de fevereiro de 2020, através da Lei de Acesso a Informação, onde fora requerida orientações legais quanto a exploração da questão problema. No dia 10 de fevereiro de 2020, o Promotor de Justiça Jádel da Silva Júnior, do **Centro de Apoio Operacional Criminal e da Segurança Pública**, respondeu ao requerimento. Destaco, aqui, parte da resposta obtida:

> [...] a lei veda a divulgação e a propagação do nazismo e não o mero contato e leitura de material nazista, em fóruns abertos e acessíveis ao público por meio da rede mundial de computadores, como mencionado na solicitação recebida. Além disso, para configuração do delito exige-se o dolo, isto é, a vontade livre e consciente de praticar a conduta criminosa descrita na lei penal, bem como o elemento subjetivo especifico de divulgar o nazismo. Logicamente, a disseminação incriminada é aquela no sentido de promover a ideologia e não no sentido de descrevê-la ou criticá-la academicamente.

Portanto, a presente monografia segue devida orientação acadêmica, apresentando informações e anexos, com imagens e textos, retirados da internet. A pesquisa será enviada ao MP-SC no momento de sua publicação, conforme interesse demonstrado pelo **Centro de Apoio Operacional Criminal e da Segurança Pública,** por conter possíveis elementos passíveis de investigação criminal.

A respeito da coleta de dados, a pesquisa utilizou-se de fontes **bibliográficas e documentais**, explorando livros e artigos sobre o tema e também jornais e periódicos relacionados. Ainda, como ressalta Gil (2002, pg. 44):

> As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Como objeto de pesquisa, a monografia, além de se pautar em referências bibliográficas, investiga, dentre centenas existentes, alguns blogs, fóruns, lojas e sites que fomentam o pensando revisionista e supremacista online. A investigação segue metodologia similar à de Dias (2008), que anexa quarenta domínios de internet no início de sua tese, dos quais doze ainda estão online.

Em sua tese, Dias (2008, p. 20, grifo nosso)

> [...] escolhi **os que mais links estabeleciam com outros sites**, **os que eram mais citados em artigos presentes em outros sites** (ainda que não houvesse links no artigo), **os que disponibilizavam mais material para análise**. Entre os blogs escolhi os mais citados na rede identificada, **os com mais material disponibilizado**, quer em forma de artigo, quer em forma de gráfico, **os que forneciam mais links para outros pontos, ampliando o diâmetro da minha busca**. Entre os fóruns escolhi os que possuíam o maior número de participantes e temas mais diversificados. As escolhas acima resultaram num conjunto de **40 URLs.**

Dessa forma, a presente monografia se atém à um número menor de domínios, totalizando 12. Escolhemos os que disponibilizavam material de fácil acesso, disponível ao público, sem ser necessária inscrição ou participação; os mais antigos, por serem responsáveis por parte do material online; os que possibilitam a formação de novos ambientes supremacistas ao fornecer meios de contato e venda de domínios. Uma vez escolhidos, foram analisadas as postagens e conversas públicas dos mesmos, formando, assim, a pesquisa presente. Pequenos blogs não foram abordados pela pouca expressividade e pela aparente inatividade nos últimos anos.

Introduzo, aqui, os domínios apontados por Dias (2008) para expor a tendência destes em serem removidos, excluídos ou de migrarem para outros domínios por fatores que serão melhor apresentados na monografia. No entanto, as informações contidas nestes não desaparecem; são anexadas em outros domínios, mantendo, dessa forma, a permanência de conteúdos que estão online há mais de vinte anos.

Seguindo tipificação similar à de Dias (2008), a presente pesquisa observou doze domínios principais dentre dezenas encontrados, que são citados no desenvolvimento capitular, são estes:

Quadro 1: domínios online citados na pesquisa:

Nome	**Tipo**	**País sede**	**URL**
Stormfront	Fórum	EUA	https://www.stormfront.org/
Vahalla88	Site	Brasil	www.valhalla88.com (inoperante)
Nuevorden	Site	EUA	www.nuevorden.net (inoperante)
Blood & Honror	Site	Inglaterra	http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/
Third Reich Books	Loja	EUA	https://third-reich-books.com/
NSDAP-AO	Site	EUA	https://www.nsdap.info/
O'Sentinela	Blog e Loja	Brasil	https://www.osentinela.org/
55chan	Fórum	Brasil	http://55chan.org/[1]
4chan	Fórum	EUA	http://www.4chan.org/
Dogochan	Fórum		Presente na deep web
National Vanguard	Site	EUA	https://nationalvanguard.org/
National Alliance	Site	EUA	https://natall.com/

Fonte: elaborada pelo autor.

Dos citados no desenvolvimento capitular, cinco domínios foram cruciais para a elaboração da presente pesquisa, que são:

55chan, que tem como país sede o Brasil, a versão brasileira do fórum internacional 4chan, que reúne inúmeras *boards* que são comentadas por usuários anônimos. Os usuários do fórum brasileiro se intitulam *anões* e compartilham links, imagens e comentários de inúmeros assuntos. Dentre estes assuntos, um tópico intitulado *Politicamente incorreto* reúne uma série de postagens antissemitas, racistas, homofóbicas, xenofóbicas e pedófilas. Por funcionar na participação anônima, diversas mensagens são trocadas sem pudor, e, justamente pelo caráter de algumas, postagens são excluídas rotineiramente, por irem contra, em teoria, as regras da comunidade.

Blood & Honror, que tem como país sede a Inglaterra, site oficial da organização de mesmo nome, serve como base para a pesquisa por representar, de certa forma, o ambiente musical dos supremacistas por patrocinar inúmeras bandas e ações de mesmo teor pelo mundo.

NSDAP-AO, que tem como país sede os EUA, de domínio anterior *nazi-lauck-nsdapao.com*/, é um site que adota o mesmo nome do partido nazista voltado para alemães no exterior, divulga banners e materiais do partido, possibilitando a

[1] De acordo com o fórum, o mesmo será retirado do ar em janeiro de 2021.

compra de domínios de internet estadunidenses para simpatizantes do neonazismo de países onde a prática é crime.

Stormfront, que tem como país sede os EUA, criado em 1995 é o maior fórum supremacista da internet aberta. Frequentado massivamente por supremacistas de inúmeras posições, o fórum debate inúmeros assuntos sob a ótica supremacista; desde eleições presidenciais a polêmicas recentes. Dentre os comentários dos internautas, da mesma forma que o 55chan, links são compartilhados, ligando os internautas a outros sites e blogs. Tirado da internet em 2017[2], o fórum permanece online, mantendo uma comunidade voltada para brasileiros.

Third Reich Books, que tem como país sede os EUA, é uma loja online que oferece livros escritos por integrantes do extinto partido nazista e outros escritos do período, bem como outras obras que simpatizam com as ideias no nazismo, desde a crítica ao judaísmo internacional a ancestralidade germânica. Fornece, também, material infanto-juvenil dos mesmos temas.

Como exposto, é nítida a presença de domínios com teor neonazista, e estes se desenvolvem num ambiente, como já destacado, aberto ao público, aparentemente escuso e que se utiliza de meios democráticos para dissipar pensamentos eugenistas e revisionistas. Quanto ao título, a presente monografia faz menção ao utilizado por Monteiro (2017), que nomeia sua monografia com **“Propaganda ideológica e ascensão do partido nazista ao poder na república de Weimar/Alemanha: a eclosão do ovo da serpente”** fazendo relação com o filme O Ovo da Serpente (1997), do diretor Ingmar Bergman, que aborda o contexto do surgimento do nazismo na República de Weimar no pós primeira guerra mundial.

Seguindo a analogia de Monteiro (2017), a presente monografia utiliza-se do termo “serpente” quanto a ameaça do nazismo, mas referente a modernidade, especificamente a partir dos anos 1970. Quando ao restante do título, “A serpente sob a grama”, faz menção a citação do personagem Doran Martell, da série de livros *Crônicas de Gelo e Fogo,* do escritor G. R. R Martin, no livro *A Dança dos Dragões*, onde o personagem, ao se referir ao seu irmão, Oberryn Martell, comenta que sua aparente inofensividade esconde, justamente, o perigo de seu irmão, conhecido

[2] Disponível em < https://oglobo.globo.com/sociedade/forum-neonazista-stormfront-retirado-da-internet-21759498 > Acessado em 08/09/2020

como *víbora vermelha*. Assim, Doran comenta que “é justamente a grama que esconde a víbora até que ela ataque”.

Com essas duas referências, o título “A serpente sob a grama” se propõe a investigar como o neonazismo, que, embora seja crime em inúmeros países, existe e exerce influência em indivíduos e partidos. Também, por mais que sejam contra determinados meios democráticos, usam dos mesmos para propagar suas ideias de eugenia. O neonazismo, logo, se desenvolve num ambiente totalmente diferente de seu antecessor nazismo, adaptando-se aos novos meios de comunicação, que, por vezes, mostram-se inofensivos, desenvolvendo um ambiente propício e potencial para seus adeptos.

2 CONCEITUAÇÃO DO NEONAZISMO E DELIMITAÇÃO DO TERMO

Antes de identificar dados grupos e movimentos, é necessário adotar uma metodologia de reconhecimento para nomeá-los como sendo ou não neonazistas. Este debate, no entanto, mostra-se complexo, uma vez que não são apenas as características sociais e ideológicas que identificam um grupo, mas, também, sua autoproclamação.

A idealização política passou a endossar a política na modernidade, sendo ela responsável pela instalação do imaginário que estabeleceria um cenário socialmente perfeito. No entanto, como infere Razzo,

> A compreensão dos fenômenos políticos e históricos conhecidos hoje pelo termo "totalitarismo" não deve e não pode jamais se esgotar. Especificamente nesse caso, a memória histórica cumpre uma função crucial: lembrar-nos sempre de que não fomos apenas capazes de produzir grandes obras e edificar civilizações, mas também responsáveis por realizar tragédias (RAZZO, 2016, pg. 11-12).

Dessa maneira, levando em conta o histórico de genocídios e guerras do século XX com a capacidade humana de realizar tragédias, é necessário ter cautela com ideologias políticas segregacionistas, racistas e de caráter totalitário que resistiram a era da catástrofe hobsbawniana[3].

Pois, como complementa Razzo (2016, pg. 16, grifo nosso):

> O totalitarismo pode ser considerado um fenômeno típico da modernidade. Mesmo que haja toda uma discussão a respeito do fim da modernidade, **não está claro se o ideal político totalitário se exauriu**. [...] mesmo que seja realmente verdadeira a tese de que a modernidade chegou ao limite, precisamos nos perguntar se não herdamos no imaginário uma de suas formas de conceber a política.

O modo como a humanidade se desenvolve tem pautado inúmeros debates filosóficos e sociais ao longo da história. Como exemplo, Platão "[...] já se preocupava com o definhamento dos valores e o surgimento dessa raça de ferro" (LIPOVETSKY, 2004, pg. 13), que configurava uma geração distante de uma perfeição, "[...] que não tinha mais muito em comum com a raça de ouro dos tempos míticos, dotada de todas as virtudes." (LIPOVETSKY, 2004, pg. 13). No entanto,

[3] De acordo com Hobsbawn (1995, p. 15), a era da catástrofe compreende o período do começo da Primeira Guerra Mundial até o final da Segunda Guerra Mundial, que foi seguida de uma era de "[...] decomposição, incerteza e crise – e com efeito, para grandes áreas do mundo, como África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa, de catástrofe."

tratando-se da política, fora apenas na modernidade que ocorrera a inversão de ideal:

> [...] não para reinserir o presente no cerne das preocupações de todos, mas para invertes a ordem de temporalidade e fazer do futuro, e não mais o passado, o *locus* da felicidade vindoura e do fim dos sofrimentos" (LIPOVETSKY, 2004, p. 14).

Ao buscar estabelecer uma proposta onde o *locus* da felicidade da raça ariana estaria num futuro a ser construído, o nazismo se insere numa projeto de utopia social, ao mesmo tempo que resgata elementos do passado pagão alemão. O neonazismo é, como seu antecessor, uma das formas materializadas do fascismo. Como apresentado por Athaides (2013, p. 3, 4), há uma série de teóricos que estudam o fascismo, e a maioria adota "[...] abordagens que ampliam o conceito a todos os movimentos semelhantes que surgiram pelo globo entre os anos 1910 e 1940."

Considerando a observação de Oliveira (2015, p. 4, grifo nosso):

> [...] o neonazismo é uma continuação da ideologia nazista tradicional, porém adaptada a um novo contexto histórico, **visando a seu restabelecimento como ideologia política válida.**

Athaides (2013, p. 3) apresenta, "a grosso modo", duas interpretações do fascismo; as "abordagens que singularizam o fenômeno*"*, que se referem ao fascismo italiano e alemão, os fascismos clássicos, não possibilitando "abarcar a rica gama de movimentos semelhantes" (ATHAIDES, 2013, p. 3). Noutra abordagem, o **fascismo genérico,** compreenderia uma ampla gama de possibilidades, não se restringindo a limites territoriais ou sociais.

O neonazismo emerge, tendo em vista sua marcha sobre o nazismo tradicional, de uma tentativa de **restabelecimento como ideologia política válida** (OLIVEIRA 2015, p. 4, grifo nosso). Não podendo, portanto, existir sem suas raízes inerentes ao passado. É, sobretudo, um movimento de natureza nostálgica, onde se é necessária alavancar atitudes para um futuro vindouro, não perdendo, igualmente, os laços com o passado "factualmente glorioso e bem sucedido" – se desconsiderada a derrotada por parte dos aliados. É um movimento, como comenta Boym (apud BAUMAN, 2017, p. 8) a despeito da nostalgia, "[...] é um sentimento de

perda e de deslocamento, mas também é um romance da pessoa com sua própria fantasia”

Desta condição, o neonazismo submerge de uma “desintegração e renovação”, onde, dada as circunstâncias, tudo é possível e tudo pode ser assimilado. Não se pode conceber o Holocausto ou a trajetória nazista, conforme acautela Bauman (1998, p. 233) como um caso isolado de crueldade, pois isso só exporia a nossa incapacidade em confrontar os reflexos de sociedades tecnocratas. O neonazismo é, além de uma forma adaptada da ideologia tradicional ao mundo contemporaneo, um modo da ideologia se comportar perante aos novos intrumentos de comunicação e entretenimento, como a internet, a televisão e a música. O apelo a cultura popular é visto no uso do gênero musical *Oi!,* dos skinheads ingleses, e em diferentes lugares da internet.

Também, possuí caracteristicas que o tornam um mito moderno, como apontado por Pereira (2016, p. 14):

> Na década de 1980 nos EUA, os autores expuseram as primeiras ideias a respeito do tema do nazismo, numa perspectiva mitológica. Onze anos mais tarde, retomaram a discussão e publicaram O Mito Nazista. Trata-se de uma pesquisa filosófica sobre a natureza do Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDA), o partido de Hitler, que governou a Alemanha por pelo menos uma década. Demonstra que o nazismo, como ideologia política, tornou-se um mito moderno. Atingiu status de identidade nacional pela eficaz adesão popular e, entre os alemães, uma ampla identificação ficcional por meio da doutrina racial presente na cultura germânica, ainda que de modo velado.

Assim, o corpo do nazismo tradicional não saiu incólume com o passar das décadas, mas foi tragado pelo capitalismo; passou a ser um movimento comparado a uma subcultura, como alguns autores pontuam quanto ao movimento skinhead.[4]

Há, no século XXI, uma rede de supremacistas, revisionistas, antissemitas e de declarados nazistas ou neonazistas. São estilhaços da ideologia que vigorou na Alemanha no século XX, e, por vezes, grupos e/ou individuos apresentam todos os comportamentos acima; mas nem mesmo sites e grupos, pelo menos em grande parte dos analisados, que propõe servir material de estudo a esses sujeitos, se identificam com uma gama tão abrangente de posicionamentos. Assim, por vezes,

[4] Referências sobre subcultura e movimento skinhead serão expostas posteriormente.

por mais que alguns partidos, como o National Front, da Inglaterra, e o Fronte Nacional, na França, apresentem manifestações antissemita; sites e organizações, como o Stormfront e o *National Alliance*, apresentem posicionamentos supremacistas; e como o site O'Sentinela e a editora Revisão[5] apresentem conteúdo revisionista e neguem o holocausto, todos estes são abordados como grupos com características neonazistas. Outros, como a organização NSDAP/AO e a Blood & Honror, são abordados, aqui, como movimentos neonazistas pela autoproclamação quanto a ideologia hitlerista.

Dias (2008, p. 4) conceitua, também, a importância de interpretar o neonazismo como uma atualização moldada às épocas atuais. Tendo em mente a consideração do neonazismo com o seu antecessor, o termo aqui posto é delimitado em movimentos que, além de manifestarem o saudosismo e admiração pelo NSDAP, que envolve o uso de símbolos típicos do mesmo, manifestam a maioria das características associadas ao partido, como a xenofobia, o antissemitismo, anticlericalismo e, especialmente, o racismo e a questão da eugenia[6], que, segundo Andrade (2014, p. 4-5):

> [...] é o ponto principal que separa completamente os grupos, para que exista uma análise concreta, não confundindo grupos fascistas e nazistas. A questão racial é um dos pontos que diferencia o nazismo de outros regimes autoritários. A questão racial, a supremacia da raça ariana durante o nazismo, era compreendida como questão primordial. Ela é o alicerce para o "desenvolvimento" e a "garantia do futuro" da sociedade ariana.

Aliás, o próprio termo em si, neonazista, não é comumente utilizado pelas comunidades que apresentam tais características. Digno de nota, por mais que seja explícita a admiração e o culto pela ideologia do NSDAP, adotar tal posição, de militante neonazista, possibilitaria mobilizar um aparato legal[7] – dependendo do

[5] Todos serão abordados com maiores informações no decorrer da monografia.

[6] Conforme Dias (2005, p. 32), as práticas eugenistas e a luta por "[...] "preservar a raça ariana" é servir ao natural, portanto, perfeitamente, pretendem eles, justificável. Por outro lado, qualquer que seja o meio utilizado para tanto, não cabe ao indivíduo qualquer responsabilidade, pois estaria ele apenas validando regras e regularidades nas quais está inserido, sem qualquer possibilidade de modificação." Toda medida e conteúdo revisionista exercida por esses grupos acaba por implicar na tentativa de assegurar o espaço da raça ariana, logo, uma questão inerentemente racial.

[7] Conforme Dias (2005, p. 34), em relação a atividade na internet, "[...] se, por um lado é possível angariar "discípulos" com a exposição, também é possível "ser descoberto" por autoridades. O campo digital, por sua própria constituição, exige superexposição e silêncio."

país[8] - e midiático que pode não ser desejável para estes grupos. Identificar e nomear estes grupos tem-se mostrado uma "[...] categoria de acusação, utilizada por pessoas e grupos que não pertencem ao movimento" (OLIVEIRA, 2015, p. 3).

Nota-se, porém, que a expressão política não é necessária neste cenário para a dada classificação. Esta peculiaridade se dá por, embora haja movimentos políticos neonazistas que reivindicam leis e medidas estatais, grande parte dos movimentos neonazistas, diferente dos membros do NSDAP, não possuem como objetivo "[...] assumir o poder sob a liderança de um líder forte para estabelecer uma nova ordem política" (MAGALHÃES, 1997, p. 2). Ou seja, mesmo possuindo inúmeras semelhanças:

> [...] seus métodos são semelhantes aos de seus inspiradores, mas não seus objetivos: nada têm a ver com a política, suas opções eleitorais são inconstantes, não conseguem – e não querem –assumir compromissos (MAGALHÃES, 1997, p. 2).

Analisar esses grupos, bem como seu contingente e ideologias específicas[9], tem-se mostrado uma pesquisa complexa para o historiador, uma vez que, conforme Magalhães (1997, p. 2):

> Este, acostumado a analisar movimentos e conjunturas de longo prazo, alicerçando-se em categorias abrangentes como racionalismo, romantismo, socialismo, etc., que lhe permitam entender os fios condutores que ligam as preocupações do presente às questões postas no passado, tem agora de acercar-se de um acontecimento que parece não ter precedentes, desprovido ademais de doutrina, de utopia e, sobretudo, de referências no passado. [...], ainda que o termo neonazismo evoque uma determinada experiência situada num momento histórico bem conhecido, dela estes grupos só utilizam seus símbolos – para provocar – como eles mesmos afirmam.

Portanto, o neonazismo se configura em duas naturezas, uma política e outra puramente militante. A primeira busca, tendo como inspiração governos fascistas

---

[8] No Brasil, crimes raciais são inafiançáveis e o nazismo é configurado crime, como consta na Lei 7.716/89 Art. 20 § 1: Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular, símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo. Pena - reclusão de dois a cinco anos e multa. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm> Acessado em 05/11/2020

[9] Por não possuírem um centro de comando, como a A.O, ministério responsável pelos alemães no que viviam no exterior durante o regime nazista na Alemanha, para os partidários brasileiros do terceiro reich, os neonazistas no Brasil se dividem em pequenos grupos com diferentes embasamentos. Adriana Dias, pesquisadora da UNICAMP, identificou, até 2019, 334 células com 17 movimentos diferentes. Disponível em < https://matheuspichonelli.blogosfera.uol.com.br/2019/11/18/brasil-tem-334-celulas-nazistas-em-atividade-diz-pesquisa/ > Acessado em 05/11/2020

clássicos, meios políticos[10] – na maioria das vezes - para executarem seu programa ideológico. Embora não presentes de forma institucional em alguns países, pela abordagem agressiva e não-constitucional (como no caso do Brasil e Alemanha) (OLIVEIRA, 2015, p. 13), estes se manifestam, ainda, em inúmeras países. O partido grego Aurora Dourada (em grego Χρυσή Αυγή, transl. *Chryssí Avguê*)[11], por exemplo, embora se dissocie dos regimes totalitários do século XX, compartilha inúmeras características, conforme observado por Bordin (2013, p. 8):

> [...] embora desde a década de 1990 o partido se oriente no sentido de desvincular-se do epíteto de neofascista (embora menos por uma espécie de escrúpulo do que para ressaltar sua suposta singularidade e originalidade), seus discursos e práticas põe em dúvida a veracidade dessa orientação e levantam o problema de se determinar as semelhanças e diferenças entre o CA e os partidos fascistas clássicos, assim como de encontrar o lugar que ele ocupa dentro do campo da ED contemporânea como um todo. Do ponto de vista do espectro político-partidário na Grécia, os estudos situam o CA no ponto mais extremo do lado direito, ainda mais à direita do LAOS [...]

Bordin (2013, p. 8-9) ainda observa que, embora determinados partidos e indivíduos extremistas apoiem ideias similares, é nos neonazistas, como a Aurora Dourada, que há manifestação violenta contra minorias e imigrantes:

> Embora oficialmente o partido negue incentivar ou tomar parte em ações violentas [...], sobram evidências de que em grande parte dos fatos registrados membros do CA [Aurora Dourada] estiveram envolvidos. Evidências apontam, também, para o fato de que o partido não apenas sabe dessas atuações de seus membros, como as apoia e organiza.

A segunda natureza do neonazismo, a militante[12], não-política, que, como observado por Magalhães (1997, p. 2) não possui objetivos eleitorais, mas inspirações parecidas com a destes antigos regimes. Oliveira (2015), utilizando-se da terminologia de Touraine (1998 apud OLIVEIRA, 2015) de antimovimento social, classifica certos grupos neonazistas europeus pelo fim objetivo de aplacar outros movimentos sociais, contra o multiculturalismo. Em outras palavras, ao se referir ao grupo Blood & Honour:

---

[10] Uso, aqui, o termo meio político para movimentos que se estruturam seguindo as normas da democracia liberal, adotando meios 'constitucionais' para propagar suas ideias. Para alguns autores, como Magalhães (1997), estes grupos não representam o contingente neonazista, mas nazista, por resguardar características e meios ortodoxos.

[11] Tradução disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aurora_Dourada> Acessado em 05/11/2020

[12] Tendo em vista o movimento skinhead, que possuiu influências do movimento punk, o comportamento anárquico, antissistema e alternativo não coincide com a sua participação política.

> Ele representa a recusa a qualquer tipo de relação social com comunidades não brancas: para o Blood & Honour, é necessário que se crie um orgulho público da raça branca para que esta possa se unir contra os imigrantes e contra a dominação sionista" (OLIVEIRA, 2015, p. 10).

Ambas as naturezas do neonazismo, as que buscam ou não meios institucionais para se articularem, são questões complexas, que precisam ser analisadas de modo interdisciplinar (PEREIRA, 2016, p. 13). Há, ainda, uma série de grupos que utilizam símbolos e ideias nazistas e que podem ser enquadrados em seu escopo. Cultuam, também, personalidades fascistas, como as "facções de skinheads, carecas, hooligans, faschos, nazi-skins" (MAGALHÃES, 1997, p. 2). Esse reconhecimento público é similar ao adotado por Cardoso (2009, p. 5 grifo nosso), quando distingue a branquitude, havendo a

> [...] **crítica** que desaprova o racismo "publicamente", e a **branquitude acrítica** que não desaprova o racismo, mesmo quando não admite seu preconceito racial e racismo a branquitude acrítica sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos.

Consequentemente, a supremacia branca se encontra como uma das principais idiossincrasias do nazismo e de seus saudosistas, pertencendo, assim, a branquitude acrítica, a que confere notoriamente superioridade. Nesse contexto específico, este tipo de conceber as etnias não é, nesta perspectiva, racista, porque "[...] a superioridade racial branca seria uma realidade inquestionável" (CARDOSO, 2009, p. 15).

Ainda em relação a abrangência do termo, divergindo de Magalhães (1997), há autores que veem o campo neonazista de forma mais limitada, não considerando determinadas comunidades, como algumas citada acima, como neonazistas. Oliveira (2015, p. 6) também aponta para a variedade existente de movimentos skinheads, sendo alguns comunistas e contra o preconceito racial. Andrade (2014, p. 21), complementando a confusão feita sobre a terminologia:

> Os neonazistas no Brasil, no que tange a questão racial, apresentam várias divergências. Alguns grupos, como os Carecas do Subúrbio e skinheads tradicionais [...] são confundidos com grupos neonazistas, mas, são apenas radicais, ultranacionalistas. A maioria dos grupos rejeita o preconceito étnico, embora isso não os exclua da aversão aos homossexuais, comunistas e judeus.

Um ponto dos pontos principais destes grupos é o revisionismo histórico[13] com ênfase no negacionismo do Holocausto[14]. Mesmo que a conspiração do judaísmo internacional não se manifeste em todos os grupos (COSTA, 1993, p. 151 apud BRITO, MELO, 2014, p. 7), é notável a presença em grande parte dos indivíduos neonazistas. O Holocausto, seria, em vez de uma atrocidade incomensurável:

> [...] uma mentira criada e mantida pelos vencedores da II Guerra Mundial em estreita aliança com os judeus sionistas fundadores do Estado de Israel. Na verdade, o Negacionismo do Holocausto é outro lado da moeda do "complô judaico internacional [...] (CASTRO, 2014, p. 9).

Tal idiossincrasia é essencial para a compreensão da delimitação do tema pois é um exemplo tangível de um comportamento herdado pela NSDAP, como bem abordado por Magalhães (1997, p. 3):

> [...] dela fazem parte indivíduos que se autodenominam simpatizantes do nazismo, sem o prefixo neo. Infiltram-se em diversos partidos e movimentos de direita, tais como o NPD (Partido Nacionalista da Alemanha), o DVU (União Popular Alemã), o Partido Republicano Alemão (REP) e o FPÖ (Partido Liberal da Áustria).

Dessa maneira, a presente pesquisa se pautou tendo em mente as ações de grupos publicamente neonazistas, ou que apresentam, ao menos, características supremacistas. Usarei exemplos de casos controversos que são acusados, por vezes, de claros exemplos do neonazismo, que auxiliam na compreensão de características que se inserem no posicionamento de figuras públicas.

---

[13] Adota-se o mesmo conceito que Dias (2005, p. 27) "Entende-se como revisionista o discurso de alguns historiadores, [...], que pretende analisar o fenômeno nazista sem imputar a ele um caráter necessariamente racista."

[14] Ne Europa, o revisionismo vem crescendo em alguns países. Na Itália, um dado de janeiro de 2020 aponta que pelo menos 15% da população não aceita a versão oficial do Holocausto. Disponível em < https://www.osentinela.org/andre-marques/15-dos-italianos-nao-acreditam-no-holocausto-diz-pesquisa/ > Acessado em 05/11/2020

3 A SERPENTE SOB A GRAMA; O NEONAZISMO COMO SOBREVIVÊNCIA E REESTRUÇÃO DO NAZISMO.

Nesta divisão capitular será apresentada a trajetória do neonazismo na Europa e os acontecimentos recentes que apresentam um panorama do atualidade do movimento. Para compreender o fenômeno, é apresentado os primeiros indícios do movimento no pós-guerra, que se referem aos skinheads ingleses, bem como os reflexos que sua militância resultou na política europeia.

O retorno as ideias do nacional-socialismo sobreviveu ao fim da guerra, embora uma larga campanha, executada pelos vitoriosos da guerra, buscasse reprimir o antigo regime e seus sobreviventes. Na República Democrática da Alemanha, conhecida como Alemanha Oriental, por exemplo, havia a ideia de que os nazistas eram do ocidente, outrora apoiada pelos aliados (DALRYMPLE, 2016, p. 85). Assim, qualquer saudosismo do antigo regime era incompatível com a realidade da República Democrática Alemã (1949-1990) - Alemanha Oriental. Logo, há registros de movimentos já na década de 1950, como nos EUA, que já mostravam uma tentativa de resgate do antigo regime, onde:

> [...] estava aberta a temporada de caça aos representantes da “ameaça vermelha”, fruto do “pânico vermelho” originado pelo triunfo do comunismo na China e no leste europeu (SILVA, 2009, p. 227).

Em 1962, a fundação da União Mundial dos Nacional Socialistas, (WUNS) representou, no período de sua fundação até meados de 1980 e 1990, uma organização não neonazista, mas nazista, visto que ainda não apresentava diferenças com a ideologia vigente do Terceiro Reich (CASTRO, 2014, p. 2).

O início da fama neonazista, porém, geralmente é aplicada aos skinheads, que preenchem o estereótipo social dos saudosistas do NSDAP. O movimento possui origem distinta da WUNS, que fora fundada por George Lincoln Rockwell[15],

[15] Silva (2009, p. 227), ao falar do “fuhrer norte-americano”, observa as influências que culminaram na aproximação de Rockwell com o nazismo alemão: “Após ter lutado em duas guerras (a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coréia), seu medo paranóico [sic] do comunismo só fez aumentar. Os delírios anti-comunistas [sic] de McCarthy conduziram Rockwell a se interessar progressivamente pelas teorias conspiracionistas [...], que denunciava um complô judeu-comunista atuando nos bastidores da história e conduzindo os rumos do século XX na intenção de conseguir o poder mundial.”

um estadunidense professadamente nazista. O movimento skinhead, por sua vez, surgiu na Inglaterra como reflexo da resistência de jovens ingleses a onda de imigração jamaicana na década de 1960 (OLIVEIRA, 2015, p. 5). Inicialmente, "[...] eram politicamente apartidários, embora fossem fortemente marcados por um sentimento de rejeição e de revolta [...]" (OLIVEIRA, 2015, p. 5). O racismo não era a pauta do grupo, e sua repulsa primária era direcionada principalmente ao imigrante em si, mas não referente a superioridade étnica (ALMEIDA, 2003, p. 26).

Pereira (2016, p. 102) comenta sobre as origens pacíficas dos skinheads, quando muitos pertenciam ao movimento *hippie* e, gradualmente, se converteram para um posicionamento totalmente hostil, diferente do pregado pelos *hippies*, que, além de serem hospitaleiros com imigrantes, eram pacifistas. Outro fator importante foi o fato do surgimento de gerações que não vivenciaram os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, e retornaram as práticas nacionalistas, que se refletiriam nos *hooligans* e nos skinheads. Por mais que, no que se refere a esta última afirmação, a conclusão possa soar subjetiva, mas parte do pressuposto de que tal abordagem partia, primeiramente, de um movimento contracultura, que tinha como foco o impacto que a mesma abordagem causaria.

Apenas posteriormente, conforme Oliveira[16] (2015, p. 5):

> [...] suásticas e cruzes gamadas, elementos do imaginário simbólico nazista, foram reapropriadas por alguns desses grupos, sendo de início utilizadas unicamente para fins provocativos, como forma de transgressão, de demonstração de repulsa contra a sociedade inglesa, na qual se sentiam abandonados.

O skinhead como movimento urbano, no entanto, não é inteiramente neonazista e/ou supremacista; como também nem todo neonazista e/ou supremacista é um skinhead (ALCANTARA, 2015, p. 2). Não raras foram as vezes que bandas apelaram a simbologias do período da Segunda Guerra Mundial para

[16] Na Inglaterra, algumas bandas adeptas ao movimento *punk* utilizavam a simbologia nazista em suas artes com o propósito de impactar o público inglês. Como afirma Rossetti e Santoro Jr (2015, p. 6). "O uso da suástica proposto por Jamie Reid, designer gráfico que desenvolveu trabalhos para os Sex Pistols, Dead Kennedys e Green Day, é controverso e polêmico. Por que mesmo que sua descrição altere o significado da suástica, pode não ter sido compreendida por todos. Talvez a ambiguidade dessa mensagem seja resultado da relação entre punks e skinheads, que no início dos anos 1980 era confusa para quem estava dentro e fora do meio."

causar, como já comentado, impacto social. Conforme comenta Pereira (2016, p. 116-117, grifo nosso):

> No caso do neonazismo, a dificuldade é ainda maior, pois tanto os grupos aqui mencionados quanto outros existentes no Brasil, utilizam símbolos oriundos do nazismo para afrontar a justiça e chamar a atenção da sociedade. É deste modo que **muitos pesquisadores, como Lopes e Salem, acabam por conferir o título de neonazistas a quase todos os grupos radicais, pelo simples fato de utilizarem expressões simbólicas do nazismo.**

Assim, o skinhead britânico é um

> [...] movimento skinhead original do final dos anos 1960 era uma síntese multicultural organizada ao redor da maneira de se vestir e da musica [sic]. Os primeiros skinheads eram uma derivação da subcultura "mod" britânica do começo dos anos 1960 (BROWN, 2004, p. 157, apud ALCANTARA, 2015, p. 2).

Um ponto fundamental para entender a cultura do skinhead é o estilo musical comumente utilizado pelos membros, o *Oi! Music*[17]*,* que seria o rock tipicamente utilizado pelas bandas juvenis do movimento. O *Oi! Music* foi essencial para a formação da subcultura desses jovens, e foi, ainda, um dos influenciadores da conversão para o ideal supremacista.

De acordo com Almeida (2003, p. 25):

> Diante deste novo contexto, surgiram dois movimentos reativos que, relacionados, contribuíram diretamente na formação do Skinhead White Power. São eles: a criação do partido National Front e o surgimento da Oi! Music, como consequência do "revival" Skinhead durante explosão do Punk Rock na Inglaterra.

Os skinheads que apoiavam a ED, o posicionamento de extrema-direita, de forma mais intensa, receberam o nome de National Front - NF, e em meados de 1960, este "[...] começa a se instalar cada vez com mais força, propagando suas ideologias e se posicionando contra os imigrantes" (MATIAS, 2018, p. 32), tendo como episódio marcante o discurso de Emoch Powell, em Birmingham, no ano de 1968, onde afirmava que "[...] os ingleses precisam defender a sua cultura, defendendo sua raça e sua nação contra os imigrantes" (MATIAS, 2018, p. 32).

[17] As primeiras bandas Oi!: foram, Cock Sparrer, the Cockney Rejects, Angelic Upstarts, Slaughter and the Dogs, Skrewdriver, the Lurkers, Sham 69 (ALMEIDA, 2003, p. 27).

> [...] a construção de uma identidade mais politizada e muitos grupos começaram a rearticular e se identificar com propostas de partidos chauvinistas como o National Front (Frente Nacional), partido político inglês defensor de ideais nazistas; ocorre então entre os skins ingleses a inserção de valores relacionados à pureza racial e a necessidade de um espaço vital de uma sociedade sem imigrantes para a construção de uma Inglaterra somente para os ingleses (BARBOSA, 2009, p. 3 apud ALCANTARA, 2015, p. 3).

Almeida (2003, p. 28) aponta para a dificuldade enfrentada pelas bandas ao se aproximarem do NF, sendo que o partido não era bem visto. Ter uma banda filiada ao NF era "[...] ter suas apresentações proibidas em boa parte das casas de espetáculos de Londres" (ALMEIDA, 2003, p. 28).

No entanto, até então, os skinheads ainda não poderiam ser reconhecidos como neonazistas e/ou supremacistas; a adoção plena do ideal da NSDAP se deu de forma gradual. Mesmo com a chegada da segunda geração de bandas do *Oi! Music,* o movimento ainda não era de cunho racista (ALMEIDA, 2003, p. 29).

Figura 1 - A esquerda, a insígnia da 3ª Divisão SS Panzer Totenkopf. A direita, disco lançado pela Blood and Honror, 2012, que faz uso da insígnia da SS[18]

Fonte: (esquerda) en.wikipedia.org, (direita) www.discogs.com

[18] Segundo o site Discogs, o disco está proibido de ser comercializado. Disponível em < https://www.discogs.com/Various-Blood-Honour-Brotherhood-Imperial-28/release/9264171 > Acessado em 04/10/2020

Estes grupos utilizavam da música para expor sua insatisfação com presença dos estrangeiros. Assim, tendo em mente que o uso de símbolos nazistas, antes usados apenas como ferramenta de choque social (BRITO, MELO, 2014, p. 1), "[...] eventualmente levou à mobilização de conceitos, sentimentos e ideologias neonazistas" (OLIVEIRA, 2015, p. 6). A produção musical destes também passou a apresentar tais ideias[19]. Em meados dos anos 80, as referências a supremacia branca, o uso das suásticas e outros símbolos nazistas passou a refletir o sentimento comum dos skinheads. O uso desses símbolos, como destacado na Figura 1, não faz necessariamente alusão de seus contextos; o uso da insígnia Totenkopf, outrora utilizada pelo NSDAP, no álbum da Blood and Honror se dá, como apontado, como ferramenta de choque social.

Matias (2018, p. 34) observa que:

> Entre tantas bandas e grupos que emergiam, o movimento Punk começou uma articulação para o seu retorno. Várias bandas participaram de shows denominados "Rock Against Racism" (Rock contra o racismo), que tinham como propósito combater a extrema-direita. O National Front (Frente Nacionalista) também criou sua própria organização, o "Rock Against Communism" para apoiar bandas de extrema-direita.

Nesse cenário, Ian Stuart Donaldson[20], vocalista da banda Skrewdriver[21], desempenhou papel importante na formação do ideário supremacista. Em 1985, Ian

---

[19] Dentre algumas das pequenas gravadoras de caráter neonazista, há a "[...]Rampage Productions, Rune & Sword Productions, Final Conflict Store, Dissident Mail-order, American Front, Gesta Bélica e Associazione Culturale Veneto Fronte Skinheads – além da Falange, Democracia Nacional, Alternativa por la Unidad Nacional, que não são associadas, mas estão sempre no entorno das divisões espanholas de Blood & Honour e Hammerskin." (OLIVEIRA, 2015, p. 13). Outras bandas de skinhead neonazista são "[...] a Sudden Impact e Brutal Attack." (OLIVEIRA, 2015, p. 6).

[20] Ian Stuart é considerado, pelos autores analisados, como o precursor do *Oi! Music* a popularizar "[...] para além das fronteiras de seu país o ideário do White Power inglês, o orgulho racial, o amor à terra natal, aversão aos estrangeiros e o antissemitismo, influenciando bandas de diversos países, inclusive brasileiras" (ALMEIDA, 2003, p. 29, 30).

[21] De acordo com o livro "*Skrewdriver: The First Ten Years; The Way It's Got To Be!",* de 1987 do ex-neonazista Joe Pearce, disponibilizado pelo site oficial do grupo Blood & Honror < http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/ > acessado em 17/11/2020, a banda surgiu no cenário punk e se converteu para o skinhead: "[...] não foi apenas a política, mas a colocação desses novos punks de esquerda que realmente irritaram o Skrewdriver. Ian Stuart explica: "Havia muitos poseurs nos shows. Quando o punk começou, todos foram para a música, mas quando se tornou moda ser punk, você começou a atrair muitas pessoas ricas. Eles não tinham nada relacionado ao punk, eles estavam lá porque era o lugar para serem vistos. Eles não estavam dançando para as bandas. Não havia retorno da plateia quando estava lotado com esse tipo de gente porque eles não estavam lá para apreciar a música, mas apenas porque era o lugar para estar ". Após a desilusão completa e completa da banda com a cena punk, tornar-se skinheads parecia a coisa mais natural a se fazer. No final de 1977, houve um reavivamento skinhead e muitas skins começaram a aparecer nos shows do Skrewdriver. Os quatro membros do Skrewdriver eram amigos de muitos skinheads, até porque

Stuart cantou pela primeira vez a música “Blood & Honror”, que virou lema do grupo de mesmo nome posteriormente (OLIVEIRA, 2015, p. 6). Representando um importante impulso na carreira skinhead, Oliveira (2014, p. 6) observa:

> Em 1987, [...], os skinheads neonazistas que a frequentavam e que se agrupavam cada vez mais sob o lema Blood & Honour e menos sob seus nomes anteriores, como Last Resort Skins e West London Skins, compareceram à reunião convocada por Ian Stuart para um diálogo acerca do futuro dos skinheads [...]. Com Paul Burnley, membro da No Remorse, outra banda neonazista proeminente, em junho de 1987, Ian Stuart formou um grupo político e de distribuição de música neonazista chamado Blood & Honour (Sangue e Honra), com a ajuda de membros de outras bandas skinheads neonazistas, como a Sudden Impact e a Brutal Attack.

A violência exercida contra imigrantes, homossexuais, judeus e tantas outras comunidades não possuía a mesma estrutura dos integrantes da NSDAP. Embora possuam essa similaridade, e

> [...] exercida com mesmos objetivos dos membros das tropas de assalto (Sturmabteilung – SA) ou dos soldados da “Divisão das Caveiras” (Totenkopfdivision) do III Reich, os quais, diferentemente dos skins, eram crentes fanáticos em uma ideologia, em nome do que estariam dispostos tanto a matar como a morrer (MAGALHÃES, 1997, p. 3).

Com a fundação da Blood & Honror, seus integrantes vicejaram a possibilidade de se organizarem e compartilharem ideias de maneira a serem reconhecidos[22], não sendo, como anteriormente, expoentes apenas de uma contra cultura. Para estes, como um antimovimento, como apontado anteriormente, tendo em mente o termo de Touraine (1998 apud OLIVEIRA, 2015), suas ações eram direcionadas contra outros grupos, sendo necessário para o grupo que “[...] se crie um orgulho público da raça branca [...] contra os imigrantes e contra a dominação sionista” (OLIVEIRA, 2015, p. 10).

---

todos eles foram skinheads no início dos anos setenta. Assim, no final de 1977, o Skrewdriver se tornou uma banda skinhead.”

[22] Os integrantes da Blood & Honror participavam do NF anteriormente, como também a banda Skrewdriver. Pelas posturas racistas, antissemitas e nazistas, os dissidentes não puderam permanecer no partido NF e fundaram a Blood & Honror, “[...] que se assumia Nacional Socialista, destinada a congregar Skinheads e patrocinar bandas White Power. Esta organização internacionalizou o ideário Skinhead White Power através de seu fanzine “Blood and Honour” e de seus lançamentos musicais e pela fundação de várias seções em países europeus, além dos Estados Unidos, Austrália e África do Sul” (ALMEIDA, 2003, p. 34).

Ainda existente, a Blood & Honror é, de acordo com o próprio site oficial[23]:

> With the success of Blood and Honour within Great Britain, and the massive amount of support globally, international divisions of Blood and Honour began, from the first in Australia and other white Commonwealth countries, the movement has grown to cover countries in all four corners of the globe, all working under their own respective countries laws in what way they see fit, to further our mutual aims.[24]

Outros movimentos também ganharam expressão, e se apropriaram do nazismo para fomentar seus posicionamentos já segregacionistas, como os neoconfederados da Guerra de Secessão e os pertencentes a Ku Kux Klan.[25] Grandes líderes como "Tom Metzger (o violento, cínico e agitador dirigente da Resistência Ariana Branca)" (DIAS, 2008, p. 10) e também "Richard Butler, líder do movimento Identidade Cristã[26]" (DIAS, 2008, p. 10), representam os grandes grupos nos EUA.

Em relação a Identidade Cristã, sua articulação se dá, como sugere o nome, em igrejas, principalmente presbiterianas, onde aumentam o contingente de militantes através de "[...] teorias racistas diluídas nos discursos religiosos" (JESUS, 2013, p. 4). O intercâmbio religioso é ainda mais extenso. Almeida (2004, p. 21) aponta "igrejas cristãs como a Aryan Nations e a World Church of the Creator[27]" como supremacistas e ligadas ao neonazismo.

---

[23] Disponível em < https://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/bhww/history/ > Acessado em 05/11/2020

[24] "Com o sucesso de Blood and Honor na Grã-Bretanha e a enorme quantidade de apoio global, começaram as divisões internacionais de Blood and Honor, desde o primeiro na Austrália e em outros países brancos da Commonwealth, o movimento cresceu para cobrir países nos quatro cantos do mundo. O mundo, todos trabalhando sob as leis de seus respectivos países da maneira que entenderem, para promover nossos objetivos mútuos." (tradução do Google Tradutor)

[25] O caso do protesto de Charlottesville, ocorrido em 2017 para impedir a retirada da estátua do general confederado Robert E. Lee, é "considerado um dos maiores encontros de supremacistas brancos nos Estados Unidos, sob o lema Unir a Direita, a Manifestação Unite the Right, reúne centenas de membros da extrema direita americana. Entre eles neonazistas, nacionalistas brancos, membros da KKK e neo-confederados, liderados pelo grupo supremacista branco AltRigh (CASTRO, 2018).

[26] Conforme Jesus (2013, p. 4), a "[...] religião, a Identidade Cristã tentou justificar o racismo pela religião, argumentando que o cristianismo foi a crença religiosa escolhida por Deus, pois este teria mandado seu filho para se sacrificar pela humanidade. Sendo assim, todas as outras religiões seriam inadequadas e deveriam ser extintas através de uma guerra santa feita por cristãos brancos. [...]Este grupo afirma existir, na Bíblia, passagens em que o cristianismo defende a superioridade racial branca."

[27] Atualmente Creativity, a igreja deixou de usar o nome Wordl Church of the Creato em 2003 após a prisão de seu fundador, Matthew F. Hale. Disponível em < https://www.adl.org/education/resources/profiles/creativity-movement > Acessado em 05/11/2020

A presença desses grupos nos EUA levanta a questão dos limites da liberdade de expressão e do papel do estado. Meyer-Pflug (2009, p. 140 apud FERNANDES & AZEVEDO, 2017, p. 5) comenta:

> O discurso do ódio encontra-se no mundo das ideias e utiliza de expressões que muitas vezes podem ser consideradas provocadoras, incitadoras e que intimidam o grupo social ao qual se destinam, mas ainda assim são só palavras. Há de se atentar para o fato de que a vontade de eliminar o componente da expressão que existe no discurso do ódio acaba por desafiar o sentido comum de liberdade de expressão. Em algumas situações o Estado tem defendido a regulação de expressões e de opiniões em nome da preservação da liberdade de expressão.

Todavia, o país acaba por se tornar um refúgio, físico e virtual, de neonazistas que se valem do direito de se expressarem, mesmo que essa expressão seja nociva a minorias. O debate sobre os limites da liberdade de expressão e a atuação do Estado é recorrente nos EUA, mas se encontra numa encruzilhada aparentemente indissolúvel, por se tratar de uma emenda constitucional, que prevê que o congresso não fará lei alguma que cerceie a liberdade "[...] ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente" (EUA, 1787).[28]

Espelhando-se, em parte, nesses grupos, inúmeros outros pelo mundo atuam, clandestinamente ou não, e recebem apoio de entidades como a Blood & Honror (OLIVEIRA, 2015) e contatam grandes grupos, que dão conselhos e meios de contato que não levantem suspeitas das autoridades.[29]

Noutro espectro, tratando-se de meios políticos e partidários, grupos adotam posturas segregacionistas e anti-imigratórias, que se aproximam da ideologia neonazista. Bordin (2013), em sua pesquisa sobre a CA na Grécia, reconhece a limitação em estabelecer padrões em comum para reconhecer uma política como fascista. Mesmo utilizando o termo extrema-direita, Bordin (2013, p. 3) explicita que

---

[28] Disponível em <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUARecDidaPESSOALJNETO.pdf> Acessado em 05/11/2020

[29] O site < http://nazi-lauck-nsdapao.com/ > dá informações de contato, e aconselha o uso de cartas, palavras a serem evitadas, outras usadas, para evitar serem reconhecidos pela fiscalização de países que proíbem sua atuação.

> Não é este o momento de nos filiar a esta ou àquela corrente. Por ora, adotaremos o termo extrema direita como uma “conveniente embora imperfeita abreviação [...]

Nesse sentido, utilizaremos, no presente trabalho monográfico, ED, como já citado anteriormente, para se referir a ações políticas que abrangem “a ideologia nacionalista ou populista, a xenofobia e a posição anti-imigração” (BEREZIN, 2006; MUDDE, 1999; 2000; WILLIAMS, 2010 apud BORDIN, 2013, p. 2), não atribuindo, necessariamente, tais políticas a nomenclatura neonazista. Há, conviventemente, políticas nacionalistas, que não se aproximam das ideias neonazistas, e políticos[30] que, rotineiramente alegam raciocínios originários do negacionismo histórico[31]. No entanto, a existência desses políticos nestes partidos revelam, ao menos, uma preferência e/ou similaridade deste último consigo. Distinguir a figura do político supremacista de seu partido por vezes se torna uma tarefa incongruente.

Ainda assim, não há consenso sobre a extensão de determinados termos sociais, como totalitarismo e autoritarismo. O neonazismo, também, para algumas instituições e autoridades, se encontra num campo relativo, onde, por vezes, a nítida exposição de práticas ligadas ao movimento não é o suficiente para taxa-lo como tal – ou, se taxadas, o ato de censurá-las não é visto como ataque a liberdade de expressão.[32]

Entretanto, casos pertinentes revelam que determinados indivíduos, ou até parte de sua comunidade partidária, apresentam singularidades neonazistas. Estes, geralmente, divulgam e consomem material de ditas conspirações, revisionismos históricos e negacionismo do Holocausto, ou de sua proporção. Apresentam

---

[30] Em 2015, Laurent Louis, político belga, fez comentários na internet onde questionava os números de mortos no Holocausto. No ano anterior, comparou, em um de seus discursos, o sionismo ao nazismo, e afirmou que o talmude judeu permitia o abuso de crianças. Foi condenado em 2015 a visitar um campo de concentração por ano e escrever um relatório das visitas. Louis se mostrou arrependido após a condenação, e pediu desculpas públicas através de redes sociais. Disponível em < https://www.nytimes.com/2017/09/22/world/europe/belgium-holocaust-denier.html > Acessado em 05/11/2020

[31] Entre os autores revisionistas, pode-se destacar os europeus David Irving, cuja história fora abordada no filme Negação (2016), autor de A Guerra de Hitler (1977), Ernest Zündel, autor da revista Germania-Rundbrief e o estadunidense Frederick Arthur Leuchter, autor do Relatório Leuchter (1988).

[32] Em 2018, a ONU publicou o relatório *Contemporary forms of racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance*, que visa combater a glorificação do nazismo; uma prática que cresce no mundo virtual. O Brasil assinou o relatório, enquanto países como EUA, Canadá e Ucrânia não, por irem, no caso dos EUA, os preceitos do relatório, contra a liberdade de expressão constitucional. Disponível em < https://undocs.org/es/A/73/312 > Acessado em 05/11/2020

posicionamentos antissemitas e anti-imigração, embora este último não seja necessariamente relacionado a estes, por conta do movimento anti-imigração ser comum em diversos países da Europa. Dessa forma, o conjunto destes aspectos torna-se:

> [...] um elemento fundamental para a manutenção das forças de atração que mantém unida a nebulosa fascista contemporânea e ajuda a definir sua identidade. O conspiracionismo do holocausto não é uma perspectiva historiográfica legítima a se dedicar a revisar os postulados históricos do holocausto, mas sim um instrumento de ação ideológica a serviço de grupos políticos radicais em sua grande maioria de extrema-direita (CASTRO, 2014, p. 8).

Magalhães (1997, p. 6) aponta alguns partidos e figuras públicas que flertam com medidas estatais para afirmar uma identidade nacional, e pontua, acerca de revisionistas e negacionistas como ligados diretamente a ideologia da NSDAP. Os mesmos infiltram-se em diversos partidos e movimentos de direita (MAGALHAES, 1997, p. 3), que possuem maior atuação em países europeus, tais como o NPD (Partido Nacionalista da Alemanha), o DVU (União Popular Alemã), o Partido Republicano Alemão (REP) e o FPÖ (Partido Liberal da Áustria).

No entanto, pontuar que há uma “infiltração”, como comenta Magalhães (1997, p.3), pode retratar uma realidade ambígua, uma vez que, tratando-se desses partidos, os posicionamentos “polêmicos” de certos integrantes são conhecidos, e estes não se integram clandestinamente. O fato lembra muito a realidade pós-segunda mundial, onde lideranças nazistas foram escolhidas para trabalhar e até chefiar trabalhos nos países dos Aliados. Ainda, em relação ao anticomunismo, antes da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha era a potência que se mantinha entre os outros países europeus; era, dessa forma, um país anticomunista que impediria o avanço do perigo vermelho. Com o fim da guerra, o anticomunismo ainda continua sendo um ponto de encontro entre esses dois polos. Como aponta Miltan e Vizentini (2000, p. 21 apud PEREIRA, 2016, p. 100, grifos nossos):

> É curioso, mas poucos anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, já havia um discurso liberal em muitos dos antigos países fascistas, como se ali não tivesse havido nada de excepcional. Ou seja, **o problema estava do outro lado da Cortina de Ferro**, exclusivamente. Essa foi uma camuflagem muito útil para a manutenção da vida política nesses lugares, para **quebrar o poder da resistência dos grandes partidos de esquerda e dos sindicatos, que eram extremamente fortes em vários desses países.**

E complementa:

> Ex-militantes de direita aventuraram-se em outros países, especialmente do Terceiro Mundo, fazendo o "trabalho sujo", colaborando com ditadores, lutando em milícias e treinando facções, bastante comuns em regiões como a América Central. Nesse tempo, a Europa passava por uma "desnazificação" (IBIDEM, 2000).

Aliás, juntamente com os ligados diretamente com o neonazismo, partidos de ED apresentam um crescimento considerável, e tal forma de conceber a política "[...] surge como resposta às transformações globais sofridas pelas sociedades capitalistas avançadas a partir de 1980." (BORDIN, 2013, p. 3), e como uma resposta social de segmentos da sociedade que viam-se ameaçadas pelas ondas migratórias.

> **La Nouvelle Droite**, de Alain Besnoit na França, que postula ser "A vontade da maioria mais importante do que a vontade do parlamento", uma bazófia que tenciona sugerir que a maioria a ser ouvida é somente aquela composta por franceses "legítimos". Neste mesmo país, o **Front National** de Le Pen, que conquistou, em 1988, 14,4% dos votos para presidente da República, com o slogan "a França em primeiro lugar" (leia-se, apartheid aos estrangeiros). O **Partido Republicano na Alemanha**, que chegou a aumentar o número de seus militantes de 2.500 em 1985 para 25.000 em 1989, enquadrando -se os recém-ingressos sugestivamente na faixa etária de 18 a 25 anos. O revisionismo e o ataque ao dispositivo constitucional que prevê o direito de asilo político na Alemanha, bem como a oposição à integração européia, são exemplos de sua plataforma. ***O Partido Liberal da Áustria***, de Jörn Haider (FPÖ), que alcançou o percentual de 22,6% de votos em 1994, partido que se inspira nas doutrinas pangermanistas de Schönerer. **O *Movimento Sociale Italiano***, cuja votação ultrapassou os 10% nas eleições de 1994. O ***Britsh National Front***, na Inglaterra, que se formou sob a influência da direita francesa. O ***Movimento Europeu Socia*l**, inspirado no rexismo belga, fundado na Suécia, e que conta ainda com o apoio de noruegueses, dinamarqueses, belgas, holandeses, austríacos, franceses e alemães. E, no Brasil, o ***PRONA*** – Partido de Reedificação da Ordem Nacional, de Enéas, que alcançou o terceiro lugar nas eleições presidenciais de 1994, com mais de 7% dos votos. (MAGALHAES, 1997, p. 6 grifo nosso)

Contudo, afirmar e denominar os citados por Magalhães (1997, p. 6) como neonazistas ou similares – referindo-se ao partido como um todo - requereria um estudo mais abrangente da presente monografia, bem como de uma minuciosa análise das posições de cada partido. Há, todavia, uma parcela expressiva de partidários, e alguns destes que manifestam atos de estirpe neonazista. Diferente de partidos, como os alemães Partido Socialista do Reich, SRP, Partido da Direita Alemã, DRP, Alternativa Alemã, DA, o britânicos Partido Nacional Britânico, BNP, e o estadunidense União Mundial dos Nacional Socialistas, WUNS, os citados por

Magalhães (1997, p. 3) apresentam comportamentos, como o descrito abaixo de Jean-Marie Le Pen, que, muitas vezes, representam os posicionamentos de seus partidários.

Assim, tendo em vista a presença de declarados neonazistas nestes partidos (MAGALHAES, 1997, p. 3), a atividade pública destes revela seus dados posicionamentos para além de meras práticas nacionalistas ou patrióticas. Como exemplo latente de comportamento nitidamente neonazista, Jean-Marie Le Pen, fundador e ex-chefe de partido do Frente Nacional (FN), foi expulso do mesmo ao comentar, em abril de 2015, que as câmaras de gás utilizadas no holocausto foram um detalhe da Segunda Guerra Mundial, e defendeu que as medidas do ato genocidário foram necessárias para "salvar a Europa boreal e o mundo branco". Sua filha Marine Le Pen[33], é atualmente a presidente do partido, e, embora polêmica, mostra-se mais branda que seu pai numa tentativa de reabilitar a imagem do FN. Jean-Marie chegou a chamar a filha de desleal e que possuía vergonha dela carregar seu sobrenome.[34]

Ainda utilizando da terminologia apresentada por Cardoso (2009, p. 17), há a movimentação política de racistas acríticos que depositam seu preconceito não, necessariamente, ao negro ou a uma etnia específica, mas a qualquer outra etnia que não a sua; neste caso, para os racistas acríticos, a "branquitude acrítica nacionalizante", a "inglesidade" (HALL, 2005, p. 61-65 apud CARDOSO, 2009, p. 16) seria apenas o branco nativo inglês, o único por direito de exercer direitos no país.

Cardoso (2009, p. 17) complementa:

> Essa branquitude acrítica, quando se expressa de maneira extrema, pratica extermínios, quando age de forma mais branda, procura se inserir no jogo democrático propagando discursos racistas dissimulados de nacionalistas. Em 2002, a vitória no primeiro turno nas eleições

[33] Marine Le Pen partilha dos mesmos posicionamentos políticos de seu pai, mesmo que de forma mais branda, visando melhorar a imagem do FN. Conforme Oliveira (2015, p. 12) "Apesar dessa recusa em aceitar o apoio explícito desses setores, era inevitável que o Front National – assim como outros partidos da direita nacionalista em outros países europeus – o recebesse, pois algumas de suas propostas estão em acordo com as exigências do Blood & Honour, particularmente na questão da imigração."

[34] Disponível em < http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/jean-marie-le-pen-e-expulso-de-seu-partido.html > Acessado em 05/11/2020

> presidenciais francesas de Jean-Marie Le Pen, líder da Frente Nacional – partido de ultradireita – ilustra bem o exemplo dessa branquitude acrítica que se insere nas disputas eleitorais objetivando o poder político.

Logo, o FN, por mais que busque amenizar sua imagem pública por afastar-se de algumas ações, como a de Jean-Marie Le Pen[35], possui um contato com neonazistas e hooligans, que representam uma parcela do eleitorado que apoia as medidas do partido. Ainda, de acordo com Jesus (2003, p. 3), este

> [...] conseguiu apoio fundamental de movimentos e partidos de extrema direita como, Faisceux Natiotialistes Européens (FNE), Parti Nationaliste Français (PNF) e Phalange Française, e de grupos radicais internacionais como a National Front3

Ainda, um ano antes, em 2014, Jean-Marie atacou diversas personalidades que se opunham a sua postura política, como Madonna e Guy Bedos. Ao se referir ao cantor Patrick Bruel, que é de origem judaica, Jean-Marie disse que: “Faremos uma fornada da próxima vez”.[36] Em 2015, o Parlamento retirou a imunidade parlamentar a pedido da justiça francesa.

Expor e comentar cada ato dessa natureza no âmbito internacional necessitaria de maior espaço capitular para articular tantos e supostos casos. Atendo-se ao foco da presente monografia, que se delimita ao Brasil, o capítulo se resumiu a apontar determinados de maior impacto midiático e com proporções consideráveis no mundo globalizado, tendo em vista os países europeus que influenciam nas abordagens econômicas e sociais em todo o mundo.

---

[35] A expressão de Jean-Marie Le Pen no cenário francês é considerável, levando em conta que “[...] com um discurso xenófobo que deixava transparecer sua nostalgia pelo velho regime nazista foi, durante o final das décadas de 80 e 90, angariando votações consideráveis, até que chegou em 2002 ao segundo turno da eleições presidenciais francesas, com 17% dos votos, deixando o então primeiro-ministro Leonel Jospin, do Partido Socialista, fora da disputa com Jaques Chirac.” (JESUS, 2003, p. 3)

[36] Disponível em < https://exame.abril.com.br/mundo/parlamento-europeu-retira-imunidade-de-le-pen/> Acessado em 05/11/2020

3.1 DAS NEST DER SHCLANGE, O NINHO DA SERPENTE: EXTREMISTAS NA ATUAL ALEMANHA

Na Alemanha, casos de antissemitismo vem preocupando a Europa, mesmo o país possuindo uma legislação rígida quanto a manifestações de cunho nazista. A seção 86a do código penal alemão, o *Strafgesetzbuch*, é clara ao criminalizar quem utiliza símbolos[37] de organizações inconstitucionais; a subseção nº 2 reitera o crime:

> (2) Os símbolos, na aceção da subseção (1), devem ser, em especial, bandeiras, insígnias, uniformes, slogans e formas de saudação. Os símbolos que sejam tão semelhantes aos que são confundidos com os mencionados na sentença 1 serão considerados equivalentes.[38]

Em alguns casos, tendo em vista lei alemã citada, alguns neonazistas optam por escolherem símbolos e bandeiras que não fazem referências direta com o nazismo, mas com a Alemanha como um todo, como o caso dos *hooligans* que utilizaram a bandeira do Império Alemão (1871-1919) em Lile, na França. [39]

---

[37] Para burlar o sistema penal alemão, manifestantes neonazistas optam por outros símbolos, como as bandeiras imperiais, desde meados de 1860. Dependendo de alguns estados, as bandeiras podem ser confiscadas por violação a ordem pública, mas não há uma lei nacional que as restrinja.

[38] Disponível em < https://www.iuscomp.org/gla/statutes/StGB.htm#86a > Acessado em 05/11/2020

[39] Segundo a página do Twiiter da Tagesspiegel Sport, no mesmo dia, momentos antes do jogo da seleção alemã em Lille, o grupo de torcedores alemães cantaram “[...] canções como "We marched back in" e "Germany hooligans" também foram votadas o dia inteiro distribuiu a saudação de Hitler e as chamadas "Sieg Heil". Disponível em < https://twitter.com/tspsport/status/742008847221596160 > Tradução automática do Google. Acessado em 05/11/2020

Figura 2 - Hoolingans alemães com a bandeira imperial Reichskriegsflagge, em Lille, França, 2016.

Fonte: bz-berlin.de, 2016

Dalrymple (2016, p. 79), ao comentar sobre “Os fantasmas que assombram Dresden”, título de um de seus ensaios, nos dá uma noção do imaginário alemão do pós-segunda guerra, onde “[...] tanto a memória quanto a amnésia são perigosas; cada qual traz consigo seus próprios riscos morais.” Logo, a ‘vergonha’ que muitos alemães sentem, independentemente de terem ou não participado da NSDAP ou vivido em seu período de vigência, entra em choque com quaisquer manifestações de patriotismo ou orgulho nacional que possam ter. Esse ambiente dicotômico é onde emergem os casos de simpatizantes do antigo regime, onde indivíduos não se envergonham do seu passado e o defendem como parte de sua identidade cultura, mesmo a Alemanha sendo muito mais antiga, cultural e socialmente, ao regime nazista. De fato, “Homem algum é, e nem pode ser, uma ilha; todo mundo, [...] precisa pertencer a uma coletividade maior do que a si mesmo” (DALRYMPLE, 2016, p. 81), e, por vezes, o pertencimento a essa coletividade especifica, acontece.

Em 2019, a chanceler alemã Angela Merkel aprovou um pacote de leis que visa endurecer ainda mais esses crimes, especialmente os ocorridos virtualmente. Caso as leis sejam aprovadas pelo parlamento, a pena para quem comete crimes virtuais passará de um para até cinco anos de detenção. Redes sociais terão que, além de retirar conteúdos neonazistas do ar, notificar o Departamento Federal de

Investigações Criminais, BKA[40], que estima que há 12,7 mil extremistas com potencial violento e 60 com potencial de realizar ataques.[41] O grupo alemão Clandestinidade Nacional-socialista, NSU, por exemplo, só foi descoberto em 2011, mas realizou tentativas de atentado desde 2000. Após assassinar dez pessoas durante esse tempo, o grupo só foi descoberto após a morte de dois de seus três membros principais, e a prisão do terceiro[42].

Segundo o promotor público Christoph Hebbecker, da Central contra Crimes Cibernéticos da Renânia do Norte-Vestfália (ZAC NRW), de fevereiro de 2018 até fevereiro de 2020, foram registradas cerca de mil denúncias, que "[...] predominantemente, podem ser enquadradas no espectro da direita". Metade dessas denúncias são investigadas. A Alemanha vem executando uma série de medidas para conter novos atentados desses grupos. No entanto, não se sabe se tais medidas surtirão efeito, podendo ocorrer dificuldades similares as enfrentadas no caso do ex-militar alemão Franco A., que foi preso em 2017 por ameaça de terrorismo. Ele foi acusado de planejar ataques terroristas contra Heiko Maas, atual ministro do Exterior e a vice-presidente do Bundestag, Claudia Roth, do Partido Verde. Em sua casa, os oficiais encontraram uma arma, contendo o desenho da suástica, uma inscrição HH (Heil Hitler) e um pôster nazista de um soldado da Wehrmacht, na parede de seu quarto.[43] Franco A., ainda, se passou por um imigrante sírio, para culpar os refugiados dos ataques que planejava executar[44]

Outros atentados ocorreram na Alemanha nos últimos anos, mas, por mais que estes casos de antissemitismo – e preconceito contra imigrantes, no geral – venham crescendo, não há indicativos que apontem para uma estrutura, como

---

[40] Disponível em < https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/02/19/governo-alemao-quer-endurecer-leis-contra-discurso-de-odio.ghtml > Acessado em 05/11/2020

[41] Disponível em < https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/02/20/extremismo-de-direita-e-a-nova-dimensao-do-terror-na-alemanha.ghtml > Acessado em 05/11/2020

[42] No verão de 2018, a principal acusada no caso NSU, Beate Zschäpe, foi condenada à prisão perpétua. Disponível < https://www.dw.com/pt-br/extremismo-de-direita-e-a-nova-dimens%C3%A3o-do-terror-na-alemanha/a-52451675 > Acessado em 05/11/2020

[43] Disponível em < https://www.independent.co.uk/news/world/europe/german-soldier-lieutenant-franco-a-false-flag-refugee-terror-plot-neo-nazi-network-army-bundeswehr-a7714721.html > Acessado em 05/11/2020

[44] Disponível em < https://www.dw.com/pt-br/cronologia-de-atentados-de-extrema-direita-na-alemanha/a-52446366 > Acessado em 05/11/2020

afirma o promotor Hebbecker.[45] Porém, o ano de 2015 marcou um ponto crucial na relação com extremistas e com estrangeiros, com o advento das ondas imigratórias da Síria, Líbia, Afeganistão, Iraque e Eritreia. Estima-se que, só em 2015, 750 mil pessoas chegaram na Europa desses países através do mediterrâneo – um número muito maior do que 2014, com 207 mil imigrantes.

Segundo a matéria do G1 (2015)[46], por mais que grande parte desses imigrantes desembarque na Itália e na Grécia, a maioria procura asilo em países do centro europeu, principalmente a Alemanha, que desponta, segundo a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – dados de 2017 - como país predileto de imigração na Europa. Se considerados todos os números absolutos, segundo o site Perfil da Alemanha[47]

> [...] 890 mil pessoas vieram para a Alemanha em busca de proteção; em 2016, cerca de 746 mil apresentaram um requerimento de asilo político. O número das pessoas que buscam proteção na Alemanha está agora diminuindo outra vez. Em 2017 foram feitos cerca de 223 mil [...]

Dado esse cenário, com a Alemanha convivendo com outras etnias e culturas, as manifestações anti-imigratórias se acentuam, e neonazistas fomentam o público das manifestações. Em 2018, por exemplo, 6 mil pessoas protestaram em Chemnitz contra a imigração, após um alemão ter sido morto por um imigrante.[48]

Ainda, segundo o jornal Franceinfo[49]

> Em 2014 e 2015, diz *Le Figaro,* o movimento Pegida, que pretende combater a "islamização" da sociedade alemã, reuniu dezenas de milhares de pessoas , especialmente em Dresden, na mesma região de Chemnitz, na Saxônia. Essas manifestações são indicativas de um "mal-estar muito antigo" calcula Franceinfo [sic] Jean-Yves Camus, cientista político e diretor do Observatório de radicalidades políticas da Fundação Jean-

[45] Disponível em < https://www.dw.com/pt-br/extremismo-de-direita-e-a-nova-dimens%C3%A3o-do-terror-na-alemanha/a-52451675 > Acessado em 05/11/2020

[46] Disponível em < http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quase-750-mil-migrantes-chegaram-europa-pelo-mediterraneo-em-2015.html > Acessado em 05/11/2020

[47] Disponível em < https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt-br/categorias/sociedade/estruturar-imigracao > Acessado em 05/11/2020

[48] Em 2019, Alaa Sheikhi, um sírio de 24 anos, foi condenado a nove anos e meio de prisão pelo assassinato de Daniel Hilling, um germano-cubano, de 35 anos. Disponível em < https://pt.euronews.com/2019/08/22/nove-anos-e-meio-de-prisao-para-o-autor-do-crime-de-chemnitz > Acessado em 05/11/2020

[49] Disponível em < https://www.francetvinfo.fr/monde/europe/allemagne/manifestations-en-allemagne-comment-la-ville-de-chemnitz-est-devenue-l-epicentre-de-l-opposition-entre-pro-et-anti-migrants_2921803.html > Acessado em 05/11/2020

> Jaurès. Afd obteve os melhores resultados nas legislativas, obtendo 12,6% dos votos e entrando no Parlamento pela primeira vez, mas a presença da extrema direita na vida política alemã não é nova. (tradução automática do Google)

Frente ao convívio com estrangeiros, os grupos neonazistas, se adotarmos o termo antimovimento, como postulado por Touraine (1998 apud OLIVEIRA, 2015), se destacam no meio social como uma resistência a efetivação dos pedidos de asilo e da imigração como um todo. Em geral, os ataques terroristas destes grupos não se destinam ao seu próprio povo, o dito terrorismo doméstico, mas a estrangeiros, onde o judeu configura como um dos povos não-desejados. Reproduz-se, assim, ataques similares aos direcionados aos judeus na Alemanha nazista antes da efetivação do genocídio, quando alemães agrediam e depredavam estabelecimentos e casas de judeus.

4 NAZISMO E NEONAZISMO NO BRASIL.

A história do nazismo no mundo é longa, bem como sua relação com a história do Brasil. Tanto na Europa como na América, o nazismo sofreu mudanças significativas em seu modo de se organizar e em seus objetivos. Logo, para compreender a chegada do nazismo ao Brasil, o que Dietrich (2015) chama de tropicalização do nazismo, é necessário um estudo sobre a relação entre o Brasil e o Império Alemão. E em relação ao neonazismo, é destacado, também, como que neonazistas estrangeiros influenciam os brasileiros, teoricamente e organizacionalmente.

4.1 A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE; NAZISMO NA ALEMANHA E O BRASIL

O século XX foi marcado por uma série de impactos econômicos, positivos e negativos, em diversos países. Estes impactos, quando agravados por tensões diplomáticas, geraram guerras, que marcaram meados do século. Com os reflexos da Primeira Guerra Mundial, alguns impérios foram extintos, como o Império Otomano e o Império Alemão.

Com a extinção deste último, é fundada a República de Weimar, que passou por uma série de dificuldades econômicas logo no início de sua fundação, em grande parte devido ao Tratado de Versalhes[50], que impunha ao país cobranças e limitações impostas pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial. Ainda, a República de Weimar sofreu com a Crise de 1929, que, embora tenha surtido maior impacto nos EUA, impactou, também, os países que mantinham relações comerciais com o mesmo.

Embora seja a crise da República de Weimar que tenha gerado o NSDAP, os territórios alemães passaram pela desestruturação da identidade alemã pelo menos desde o século XIII. Como comenta Jochem (2002, p. 18):

> [...] é imprescindível considerar-se que, desde o século XIII, o povo alemão começou progressivamente a perder a unidade política que possuía como integrante do Sacro Império Romano-Germânico. A separação da Suíça e

[50] Segundo Monteiro (2017, p. 22), “O Tratado de Versalhes impôs pesada carga nos campos políticos, econômicos e psicológicos à nação derrotada. Para impedir que a Alemanha recuperasse seu título de potência industrial foram cobradas pesadas taxas como reparos de guerra para os Aliados. Os pagamentos ditos reparadores dificultaram a sua recuperação.”

> dos Países Baixos, em 1648, e a retirada da Áustria da Confederação Alemã, em 1866, caracteriza a instabilidade política em que a região estava inserida.

A chegada do partido NSDAP representou o estopim de uma tentativa de reunificar o "[...] **jus sanguinis**: direito pelo sangue, direito pela herança." (JOCHEM, 2002, p. 19, grifo nosso). A realidade da República de Weimar do início do século XX era muito diferente da Alemanha do século anterior. Esta despontava no mundo que engrenava na globalização, com um comércio efervescente com outros países, como aponta Rinke (2013, p. 3):

> A demanda alemã por produtos agrícolas como café, cacau, algodão, tabaco, arroz e açúcar era crescente devido ao aumento da população geral. Ao mesmo tempo, a Alemanha se tornou um importante fornecedor de produtos industrializados [...]

Assim, a globalização afetou os alemães em diferentes graus, gerando "uma gama de situações, um verdadeiro cenário antagônico" (MONTEIRO, 2017, p. 33). Uma vez que era necessário importar produtos agrícolas, como comentado anteriormente, o potencial de compra da República de Weimar caiu drasticamente com a desvalorização do dólar, como destaca Nogueira (2009).

Com esse contexto, determinados grupos políticos ganharam destaque, como os monarquistas, presando pelos princípios mais conservadores e pela manutenção da monarquia, existente até 1918, e os comunistas, que lutavam por uma revolução proletária e pela solidificação de um estado socialista (MONTEIRO, 2017, p. 33).

No entanto, como observa Hobsbawn (1995, p. 132):

> Após a recuperação econômica de 1924, o Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialistas foi reduzido a uma rabeira de 2,5 a 3% do eleitorado, conseguindo pouco mais da metade do que o pequeno civilizado Partido Democrático alemão, pouco mais que um quinto dos comunistas e muito menos que um decimo dos social-democratas [sic] nas eleições de 1928. Contudo, dois anos depois havia subido para mais de 18% do eleitorado, tornando-se o segundo partido mais forte na politica [sic] alemã. Quatro anos depois, no verão de 1932, era de longe o mais forte, com mais de 37% dos votos totais, embora não mantivesse esse apoio enquanto duraram as eleições democráticas. Esta [sic] claro que foi a Grande Depressão que transformou Hitler de um fenômeno da periferia política no senhor potencial, e finalmente real, do pais

Com a queda de República de Weimar, de 1930 a 1933, o partido Nacional-Socialista assume o poder com objetivos claros de restaurar uma Alemanha derrotada e sem expectativas. Nesse sentido, é importante reconhecer a

continuidade de práticas já existentes na República de Weimar, como a relação com os emigrantes residentes em outros países.

De forma sintética, por exemplo, em relação aos primeiros colonos alemães em Santa Catarina, as primeiras colônias se encontravam em regiões montanhosas, de difícil acesso, gerando insatisfação dos colonos logo nos primeiros anos. (CABRAL, 1994, p. 206). Geralmente, os colonos encontravam “problemas de adaptação e convivência, resultando, daí [sic] informações prejudiciais ao Brasil” (PIAZZA, 1994, p. 124).

Como um reflexo imediato dos problemas, segundo Seyferth (FAUSTO, 1999, p. 284), o Restrito de Heydt, lei que restringiu e dificultou a emigração alemã para o Brasil, promulgada em 1859 na Prússia e em 1871 no Império Alemão, proibiu a divulgação da emigração, em vista das situações precárias dos colonos vindos para o Brasil, especificamente dos colonos do estado de São Paulo.

Para demonstrar o contingente alemão no Brasil, de 1886 a 1936 o país recebeu 280 mil imigrantes alemães, segundo Willems (1946, p. 66 apud SEYFERTH, 1974, p. 33). A contagem, no entanto, embora seja pelos registros nos portos brasileiros, é controversa. Soliz (2004)[51], por exemplo, aponta que houve a imigração de 250 mil alemães, cujos descendentes contabilizam 5 milhões.

Ainda, de acordo com Luvizotto (2009, p. 77, PEREIRA, 2016, p. 68):

> O interesse do Estado alemão em constituir uma pátria-filha no Hemisfério Sul era muito grande. A partir de 1889, a perspectiva da derrubada da monarquia no Brasil levantou a hipótese de que o Brasil poderia se dividir em duas ou mais repúblicas e que essa separação ocorreria a partir dos Estados do sul do Brasil. O governo alemão entusiasmou-se com a ideia de que um Estado alemão se organizasse na região do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ou, pelo menos, que uma nova república formada por esses Estados recebesse forte influência do governo alemão.

A partir das décadas de 1930 e 1940, o partido Nazista começou a alavancar sua política para os alemães que migraram para outros países. O serviço desenvolvido pelo partido nesse período chegou a estar “[...] presente em 83 países do mundo, com 29 mil integrantes” (DIETRICH, 2007, p. 119). O primeiro registro da presença nazista no Brasil data de 1928 em Timbó, SC (DIETRICH, 2007, p. 71).

A tarefa de contatar e de manter uma relação mais próxima com os alemães no exterior, “[...] os chamados Auslandsdeutsch (alemães no exterior). (DIETRICH,

---

[51] Disponível em < https://www.dw.com/pt-br/as-diferentes-fases-da-imigra%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-no-brasil/a-1195367 > Acessado em 05/11/2020

2007, p. 49), sofreu intempéries não apenas pela nacionalização do Estado de Novo (1937-1946) de Getúlio Vargas, mas também anteriormente, com o fim da primeira guerra, quando:

> [...] as conexões com a Alemanha [em relação ao Brasil] foram cortadas quase de imediato pelo bloqueio naval dos Aliados. Assim, a guerra naval não apenas destruiu o comércio germano-brasileiro, mas também ameaçou os investimentos germânicos e germano-brasileiros.

Digno de nota, o interesse pelos alemães no exterior dava sequência a movimentos já existentes[52], que remetiam ao Império Alemão, disseminados por movimentos pangermanistas que buscavam resgatar a cultura e a unidade alemã. Como comenta Seyferth (1994, p. 9), esse resgaste da nacionalidade germânica havia ficava em segundo plano durante o século XIX, e foi com a ascensão do NSDAP que o sentimento pangermânico:

> [...] ressurgiu de forma mais cristalizada através da propaganda nazista, que introduziu a noção de compatriota (Volksgenosse). [...] Da mesma forma que o pangermanismo, o nazismo influenciou parte da imprensa e das instituições comunitárias (inclusive a "escola alemã").

E como pontuado por Rinke (2013, p. 4):

> Em 1896, o novo governo alemão enveredou por uma nova direção, a chamada Weltpolitik (política mundial). Essa nova forma de política estrangeira agressiva e expansionista deu origem a nacionalistas radicais como a Liga Pangermânica. [...] A ideia de “salvar o sangue alemão” em terras estrangeiras era claramente expressão de uma ordem espacial altamente dicotômica. [...] Embora os pangermânicos e outros nacionalistas radicais nunca tenham dominado política estrangeira, seu alvoroço teve influência sobre a diplomacia.

Tendo em vista o Brasil como exemplo de atuação nazista no exterior, vemos o trabalho sistemático e organizado executado pelo partido nos anos que se manteve no poder. Sua estrutura, no que tange ao controle e a propagação das ideias nazistas, era regida pela:

> *Auslandsorganisation der* NSDAP (Organização do partido nazista no exterior) - A.O. Dentro da hierarquia do partido nazista alemão, a A.O.

52 É dada ênfase às políticas pangermanistas, como a Weltpolitik, pelo fato da contribuição direta e indireta a estrutura que a NSDAP utilizou posteriormente. György Lukács, filósofo húngaro, teceu a crítica a Nietzsche em seu artigo **“Nietzsche como precursor da estética fascista”**, em 1934, onde, considera que Nietzsche “[...] abre caminho para o processo de desenvolvimento da ideologia burguesa que, na época do imperialismo do pós-guerra, **deságua na ideologia fascista.** Não há um único motivo da filosofia e da estética fascistas cuja fonte não se possa buscar diretamente em Nietzsche.” (grifo nosso). Utilizando de uma formulação semelhante, é considerada as práticas imperialistas de Guilherme II como precursoras da estética assimilada pela NSDAP no século XX. Logo, faz-se necessário compreender, ao menos de forma breve, a política Weltpolitik durante o segundo reich alemão. Há relatos, também, do uso dos escritos e Nietzsche para validar o ideia nazista pelos neonazistas, como exposto por Dias (2007, p. 35-36), onde um neonazista sugere a leitura da obra O Anticristo do autor. (Maiores detalhes sobre o neonazismo no Brasil no capítulo **4** da presente monografia)

> funcionava, primeiramente, como um departamento do partido e depois, foi elevada ao nível de *Gau* (comarca). Concebia todas as ordens e diretrizes, assim como fazia uma dialética do controle, dos *Landesgruppen* (grupos nacionais) e *Ortsgruppen* (grupos regionais) do partido nazista no Exterior (DIETRICH, 2007, p. 142).

Com o propósito de expandir as ideias do partido, a Organização do partido Nazista no Exterior, A.O, utilizou de uma série de instrumentos para propagar o sentimento nacional-socialista, tendo como foco as colônias teuto-brasileiras. A A.O detinha a responsabilidade de observar os alemães na *Gastland*[53], a região onde os emigrantes alemães residiam, além de divulgar e registrar as respostas que a publicidade nazista surtia nas colônias (PEREIRA, 2016, p. 84).

A América Latina, segunda Moura (2012, p. 36):

> [...] era não só palco de uma guerra comercial, mas também de disputa política e ideológica, justamente quando formas autoritárias de governo e o nacionalismo econômico estavam florescendo na parte sul do continente.

A política *Weltpolitik* praticada durante o governo de Guilherme II, último imperador do Império Alemão (1871-1919) resultou em estruturas que propiciaram, com a ascensão da NSDAP, a formação do ideal partidário; algumas, ainda, usadas institucionalmente. Dentre as sociedades e associações pangermânicas, é possível destacar a Liga Pangermânica (*Alldestschen Verband*), organizada em meados de 1890 e também, a "*Deutsche Kolonialgesellschaft* (Sociedade Alemã Colonial) e a *Verein für das Deutschum im Ausland* (liga pela germanidade no exterior) – VDA" (MAGALHÃES, 1993 apud SANTANA, 2010, p. 242-243).

Mesmo com a estrutura já estabelecida pelo Império Alemão, o número de filiados ao NSDAP pode soar pouco expressivo, contando com "2.903 partidários, apenas um em cada vinte e seis cidadãos alemães" (LUCAS, 2011, p. 1), se levada em conta a população teuto-brasileira na época Brasil, o país com maior número de filiados fora da Alemanha.

> Segundo a estatística oficial, dos 29.099 partidários fora do Alemanha, 18,5% residiam nos países do ABC – Argentina, Brasil e Chile. **Entretanto, o índice de inserção do Partido entre os alemães residentes nesses países era consideravelmente baixo** (LUCAS, 2011, p. 1, grifo nosso).

O público alvo da A.O se diferenciou, uma vez que no Império Alemão como na República de Weimar, alemães e filhos de alemães eram contatos pelo Estado alemão. Assim, com a chegada do NSDAP, ao se utilizar de todo o aparato dos

---

[53] Tradução do Google: país anfitrião

governos anteriores sob a condição de não acolher teuto-brasileiros, os *Deutschbrasilianer,* em suas associações, registrou

> [...] trinta e três núcleos do NSDAP no Rio Grande do Sul, contabilizando um mínimo estimado de 645 militantes nazistas residentes no estado (LUCAS, 2011, p. 3).

A expansão do NSDAP é evidente, todavia seus fins específicos podem parecer subjetivos. Em 1913, por exemplo, a lei *Reich-und Staatsangeharigkeitsgesetz* entrou em vigor na Alemanha, garantido cidadania aos filhos de alemães que nasceram em outros países, bem como da manutenção da nacionalidade dos que residiam fora (SANTANA, 2010, p. 243). Entretanto, com o advento da Primeira Guerra:

> [...] um anúncio, no jornal *Deutsche Zeitung*, em 1914, convocou os reservistas residentes no Brasil a retornarem imediatamente a seu país e apresentarem-se em seu distrito militar. Nos cultos protestantes, eram feitas orações em favor do imperador e pela vitória da Alemanha, intercedendo-se ainda pelos soldados, parentes e amigos da terra natal (MAGALHÃES, 1993 apud SANTANA, 2010, p. 243).

Logo, a lei *Reich-und Staatsangeharigkeitsgesetz* serviu como um dos instrumentos para formar o contingente alemão, uma vez que a tensão de um conflito de grandes proporções, como fora a Primeira Guerra, se alojava nos líderes imperialistas do início do século XX.

Por outro lado, a política de Hitler não parecia atender a fins maiores do que a guerra em si; concebia, no ideal do partido, um movimento de grandes proporções, estando, como dito anteriormente, presente em 83 países (DIETRICH, 2007, p. 119).

> Para alguns autores, o pangermanismo adotado por Adolf Hitler se diferiu do pangermanismo dos anos anteriores, pois era mais político do que econômico, voltado à teoria do *Lebensraum* (espaço vital). Segundo esta teoria, as nações superpovoadas deveriam buscar a expansão territorial para suprirem seus habitantes de alimentos (DIETRICH, 2007, p. 145, 146).

Para integrar os alemães no Brasil, a NSDAP realizava "´[...] reuniões políticas, atividades de doutrinação e festividades" (LUCAS, 2011, p. 3), como no caso do estado de Rio Grande do Sul, que chegou a contar com 645 militantes. (LUCAS, 2011, p. 3). No entanto, configurando como ponto importante para a formação do público brasileiro do partido, a NSDAP proibia, de modo formal, a participação de teuto-brasileiros, os nascidos brasileiros, no partido, dando exclusividade para os nascidos em solo alemão. Os teuto-alemães, por outro lado, eram os que mais se interessavam no NSDAP (LUCAS, 2011; DIETRICH, 2007).

Outro ponto interessante sobre o *modus operandi* da A.O era a restrição no envolvimento político no país no qual os filiados do partido residiam. Dessa maneira, os militantes da NSDAP não se envolviam em eleições e manifestações que os retratassem em esfera municipal, estadual ou nacional.

> O partido nazista no Brasil, embora tenha funcionado sem ser incomodado durante dez anos, tinha como público-alvo somente os alemães residentes no Brasil. O princípio básico deste partido, segundo os preceitos da A.O., era o de não se "ismicuir" [sic] na política local, instituído pelo próprio chefe de Estado alemão, Adolf Hitler. Devido a este princípio, o partido não entrou em nenhuma campanha eleitoral do Brasil e nem entrou em competição com outros partidos brasileiros. Nem mesmo os teuto-brasileiros foram alvo desta ação, embora a atuação do partido tenha sido mais fortemente concentrada nos estados onde os teutos estavam localizados, no Sul e Sudeste do Brasil. 92,8% dos partidários eram alemães de nascimento (DIETRICH, 2007, p. 60).

O exemplo mais tangente sobre a relação na política brasileira é a imersão dos teutos no movimento integralista, um "fascismo a brasileira". (DIETRICH, 2009, p. 27). Tendo em vista a má reputação que o NSDAP havia acarretado em algumas regiões do Brasil, principalmente pelas posições antissemitas, o Integralismo foi bem visto pelos filiados ao NSDAP.

Como comenta Rinke (2013, p. 13):

> [...] restava alguma esperança para os nazistas. A criação da Ação Integralista Brasileira, uma organização protofascista fundada por Plínio Salgado, em 1932, [...] parecia seguir os nazistas alemães no Brasil. Os integralistas compartilhavam o ódio nazista ao parlamentarismo, ao liberalismo e ao comunismo. Até mesmo o antissemitismo era um ponto em comum entre os dois movimentos.

A participação no Integralismo por parte dos filiados ao NSDAP entrava na restrição posta pelo próprio partido, que possuía receio de ter suas ideias pervertidas, sabendo que o movimento "[...] se expandiu e despertou fascínio na comunidade teuto-brasileira" (DIETRICH, 2007, p. 27).

As características advindas da realidade brasileira exerceram influência direta no comportamento do partido no país. Ana Maria Dietrich (2007) em sua tese de doutoranda *"NAZISMO TROPICAL? O partido nazista no Brasil"*, explora exatamente essa peculiaridade do movimento, onde questiona:

> [...] se o grupo do partido nazista no Brasil foi tropicalizado, ou seja, até que ponto a realidade brasileira causou modificações em seu funcionamento e na forma e conteúdo de difusão das ideias nazistas (DIETRICH, 2007, p. 22).

E complementa:

> O nazismo tropicalizado não se configurou – e nem poderia – como uma cópia fiel do nazismo alemão, uma vez que não se encontrava na realidade brasileira muitos dos elementos de uma sociedade totalitária, como a militarização da população, o contexto de guerra, o sentimento de humilhação pós-Tratado de Versalhes e uma legislação de caráter anti-semita. [sic] Ao mesmo tempo, ele se deparava com outros elementos não existentes na sociedade alemã, caso, por exemplo, da grande população caracterizada pelos teóricos racistas como mestiça e de origem negra e indígena, grupos classificados como raças inferiores. Estes grupos eram vistos como uma ameaça à pureza racial germânica e os alemães "puros" eram constantemente alertados a não se misturar com eles (DIETRICH, 2007, p. 6).

Dietrich (2007, p. 107) reconhece o integralismo como uma forte influência para a tropicalização dos filiados ao NSDAP, sendo que grande parte dos que participavam eram os teuto-brasileiros que, impossibilitados de ingressarem no Nacional-Socialismo, mas geridos com um espírito nacionalista propagado pelo mesmo, recorriam a movimentos similares para manifestarem suas militâncias. A relação entre Integralismo e Nazismo é bem sintetizada pela própria Dietrich (2007, p. 107):

> O integralismo pode ser identificado como importante característica do nazismo tropical por ser visto como algo extraordinário que não estava nos planos originais da Organização do partido nazista no Exterior. O anauê que muitos teuto-brasileiros declamavam nas ruas de Blumenau, Harmonia e Rio do Sul, em Santa Catarina, é aqui considerado uma reação "tropical" ao nazismo exportado e segregado que não admitia os miscigenados em suas fileiras. Para os representantes do Reich, havia um explícito repúdio ao integralismo justificado pelas regras da Organização do partido nazista no Exterior que deixavam claro que os alemães não deveriam participar da política local do país de hospedagem (*Gastland*).

Outra característica que reflete a tropicalização do nazismo no Brasil é a maneira idealizada do antissemitismo. Por não conviverem diretamente com os judeus, os alemães no Brasil reagiam ao posicionamento antissemita do NSDAP de forma mais complacente do que partidária. Quanto a NSDAP, conforme Dietrich (2007, p. 106, 107), os documentos do partido demonstram "[...] interesse da parte do governo alemão de saber os lugares onde os judeus se refugiaram no Brasil, os tipos de sociedade que formavam e o seu perfil profissional." No que se refere especificamente aos núcleos no Brasil "[...] não foram encontrados registros de enfrentamentos ou manifestações públicas de antissemitismo" (RINKE, 2013, p. 3). Essa e outras influências:

> [...] favoreceram a idealização dos eventos e as formas diferenciadas de recepção do discurso nazista. Por exemplo, apesar de o jornal Deutscher Morgen (Aurora Alemã) publicar muitos artigos anti-semitas [sic] e possuir uma coluna exclusivamente dedicada a este assunto, o alvo era sempre o

> judeu “de lá”, ou seja, o judeu que estava na Alemanha (DIETRICH, 2007, p. 29) .

Consequentemente, um dos objetivos do NSDAP nas colônias teuto-brasileiras era formar uma rede de espionagem, informação, que vigiaria a presença judia nos países que refugiassem os judeus emigrados da Alemanha hitlerista.

Como aponta Dietrich (2007 p. 55):

> Mas o nazismo tropicalizado desenvolveu outro alvo de racismo: os negros. Registram-se diversas queixas dos partidários pelo fato de o Brasil tropical ser habitado por negros e mestiços, e eles eram sempre tratados com desprezo, sendo até denominados como “macacos”.

Quanto a atividade geral do NSDAP no Brasil é comumente aceito de que não há, em registros documentais, provas sobre a ambição de Hitler para o país, nem para a América Latina no geral (GERTZ, 2009). Aqui, é preciso enunciar e delimitar a extensão das ações e práticas nazistas em solo brasileiro. Por mais que estejamos tratando dos responsáveis pelo Holocausto, estender o crime contra humanidade além das fronteiras da Europa, aplicando a pena moral aos colonos brasileiros, seria imputar um crime inexistente. Afinal, como já apontado, o ódio ao judeu, por exemplo, era um ódio teórico, o “judeu de lá” (DIETRICH, 2007, p. 29).

A tropicalização do NSDAP envolveu, também, as possibilidades de ação dos colonos alemães; Gertz (2009, p. 7 - 8) cita a resposta de Luís Edmundo de Moraes, professor da UFRRJ, a pergunta “Quais eram os planos de Hitler para o Brasil, caso a Alemanha tivesse saído vitoriosa da guerra?”, que fora “se existia algum, ninguém sabe”. O ponto em questão é: caso Hitler possuísse um estratagema a ser executado no Brasil, os partidários do NSDAP no país saberiam ou se articulariam para tal. O que é explicito, até então, é a ausência de planos definitivos para os alemães resididos em outros países.

No âmbito estatal, o Brasil, até o período da nacionalização do governo Vargas, em 1937, não representou obstáculos nos serviços executados pela A.O. O primeiro período do governo de Vargas, que teve início com a Revolução de 1930, foi brando com a atuação do NSDAP, como se houvesse “[...]fechado os olhos” para as atividades partidárias” (DIETRICH, 2005, p. 2).

Conforme ressalta Dietrich (2005, p. 3):

> Assim, durante praticamente toda a década de 1930, os órgãos censores e repressores do Governo Vargas, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) responsável pela censura do país e o DEOPS (Departamento

> Especializado de Ordem Política e Social), a temida polícia política, passaram ao largo dos nazistas.

Ainda, durante a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, até 1941 o Brasil se manteve neutro, mantendo uma comunicação parelha com os Estados Unidos e com a Alemanha, o que Moura (2012, p. 23) chama de equidistância pragmática.

Antes da oposição tomada perante os países do Eixo, após 1941, é visível a aproximação de Getúlio Vargas com Adolf Hitler. Como exposto por Dietrich (2007, p. 75) em cartas trocadas com Hitler, Vargas chamou-o de “grande e bom amigo”.

A aproximação dos dois países resultava numa série de semelhanças entre a política populistas de Vargas e dos governos nazifascistas, como o de Hitler. Getúlio Vargas, aparentemente, junto com outros membros do governo acreditavam na vitória da Alemanha Nazista.

> As questões militares estavam intimamente ligadas a questões políticas. O general Eurico Dutra, ministro da Guerra, e o general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, sabidamente tinham sentimentos pró-Eixo. [...] Ademais, eles admiravam a eficiente máquina de guerra alemã e pareciam crer que a Alemanha seria a potência vitoriosa na guerra. Ambos também se encantavam com a possibilidade de equipar o exército brasileiro via o comércio de trocas com a Alemanha (MOURA, 2012, p. 56).

A ruptura veio com a proclamação do Estado Novo e com a Campanha de Nacionalização. Como as colônias teuto-brasileiras eram, de certa modo, isoladas, tornaram-se alvo da ação estatal no projeto de nacionalizar a nação. Havia, também a ideia de que as comunidades alemãs poderiam se separar do Estado brasileiro. Já isoladas, o chamado enquistamento étnico, se deu por uma série de motivos, não necessariamente pela escolha dos colonos. O condicionamento das colônias alemãs focaram em regiões pouco povoadas; não sendo, portanto, resultados apenas das escolhas de reclusão dos colonos (SEYFERTH, 1994, p. 4).

Como destaca Pereira (2016, p. 69):

> Com o desenvolvimento econômico e social acelerado dos estados sulinos, resultado da colaboração entre o povo nativo e os imigrantes, a inveja e a insegurança tornaram-se mais perceptíveis nas autoridades brasileiras e nas elites de muitos estados brasileiros. Temia-se que a Alemanha pudesse conquistar e anexar o Sul do Brasil com facilidade, visto o grande número de teuto-brasileiros e outros europeus apoiadores da causa alemã, embora já bem estabelecidos e adaptados ao Brasil. Trata-se do chamado “perigo alemão”.

De forma crucial, a NSDAP foi impedida de exercer atividades no Brasil com a promulgação do Decreto-Lei 383, de abril de 1938. Nele, em seu artigo primeiro, os estrangeiros fixados em solo brasileiro não poderiam se envolver em práticas

políticas. Ainda, o Art. 3º impediu as associações e entidades de imigrantes, antes utilizadas pelo NSDAP, de receber quaisquer auxílios governamentais.

Há uma série de outras restrições impostas pelo Decreto-Lei 383, de abril de 1938, sendo os dois artigos citados um exemplo de seus fins. Por fim, em síntese, como afirmado por Gertz (1991 apud WERLE, 2012, p. 4), a ação contra os colonos

> [...] se intensificou com o alinhamento brasileiro aos Aliados, em 1942, após o afundamento de navios brasileiros e a declaração de guerra entre Brasil e Alemanha, traduzia-se através da intervenção do Estado em associações e instituições recreativas e culturais estrangeiras, em escolas comunitárias, na imprensa estrangeira e inclusive reprimindo o uso cotidiano da língua e proibindo reuniões de grupos. Ou seja, elementos identificáveis de uma identidade étnica teuto-brasileira passaram a ser alvo da Campanha

Os reflexos foram intensos, estabelecimentos de alemães foram saqueados e muitos foram presos (DIETRICH, 2007, p. 82), e os alemães, que já eram vistos como pertencentes a "quinta coluna"[54] da nação, se tornaram alvo das operações de censura. Quanto o NSDAP, tendo em vista esse cenário, fechou suas instalações ao ver as investidas do estado contra o partido

> Mesmo antes da proibição, alguns núcleos locais do partido já haviam sido fechados e alguns de seus líderes, presos. Após a proibição, foram concedidos alguns meses para o partido fechar inteiramente as portas (DIETRICH, 2007, p. 84).

Com estas condições, não restavam muitos meios para o partido se manifestar e este passou a se utilizar da Auswärtiges Amt, a A.A, o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, para realizar a manutenção partidária no Brasil de forma clandestina. Essa clandestinidade se dava pelo fato de que a atividade partidária estrangeira estava proibida, mas não as diplomáticas.

> Esse fato ficou explícito quando o chefe do partido nazista local, Hans Henning von Cossel, em junho de 1938, adquiriu a imunidade diplomática porque passou a ocupar o cargo de adido cultural da Embaixada Alemã no Rio de Janeiro. Nesse momento, von Cossel pôde exercer, na clandestinidade, seu papel de chefe do NSDAP no Brasil, pois a

[54] "Pessoa que ajuda o inimigo do seu país, em caso de guerra ou invasão. Elemento inimigo que se introduz no interior de partido ou organização e que aí fomenta manobras hostis" segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em < https://dicionario.priberam.org/quinta-coluna > Acessado em 17/10/2020.

> embaixada havia incorporado, na sua estrutura organizacional, o representante do partido nazista no Brasil (RAHMEIER, 2013, p. 4).

No mesmo contexto, a A.A se esforçou para negociar melhores condições a respeito da Campanha de Nacionalização, numa modificação que não impedisse a atuação definitiva da A.O e do NSDAP. O Ministério Alemão passou a ser um braço de atuação do NSDAP, tanto que, “[...] as questões da preservação étnica, o *Deutschtum*, eram mais valorizadas que as relações diplomáticas tradicionais” (RAHMEIER, 2013, p. 5).

Logo, fica claro que a estrutura de atuação do nazismo no Brasil não foi criada concomitantemente a fundação do partido, existindo a tentativa de integração dos emigrantes alemães por parte do estado alemão desde o Império Alemão. Tendo em mente a trajetória dessa comunicação e do pública alvo dos estados alemães, perceptível a mutabilidade da *Weltpolitik* e do NSDAP, que influência, de certa forma, a forma de portar do neonazismo europeu com integrantes de outros países, como os do Brasil.

4.2 WO IST DER DESIGN? NEONAZISMO NO BRASIL.

Da mesma forma que o nazismo sofreu a tropicalização em solo brasileiro (DIETRICH, 2015), o neonazismo sofreu mudança por circunstâncias que vão do cenário miscigenado do país à ilegalidade do movimento. É usado, aqui, o título *Wo Ist Der Design*, traduzido “Onde está o design?”, usada pelo ex-ministro da Secretaria Especial da Cultura, Roberto Alvim (7 de novembro de 2019 - 17 de janeiro de 2020), para apresentar a tentativa de compreender o design do neonazismo brasileiro, como pode ser tipificado e reconhecido.

Embora movimentos como a Ação Integralista Brasileira (AIB) tenham seguido a estrutura de regimes fascistas, sua ideologia é típica do século XX, sendo, para alguns autores, como Rinke (2013, p. 13) e o autor espanhol Stanley Payne (ATHAIDES, 2013, p. 17), uma ação protofascista. Diferentemente, o neonazismo considera circunstâncias típicas da sua época; ou seja, saúda o passado nazista, mas não segue estritamente os mesmos moldes do NSDAP.

Os Carecas, encarados como sendo os percussores do neonazismo, ou pela simpatia pelo mesmo, ao menos, surgiram em meados da década de 1980, pelos skinheads ingleses, através da imprensa e das músicas vinculadas por estes. (VALENCIA, 2013, p. 23) Juntamente dos Carecas, o movimento punk brasileiro também foi influenciado pelo punk inglês, conforme comenta Mendes (2019, p. 23), é nítida a:

> [...] influência estética que [...] recebiam dos punks ingleses e nova-iorquinos [...] percebe-se o uso de roupas pretas, jaquetas de couro, o comportamento largado com cigarros na boca e a camisa social com gravata, que era utilizada como uma maneira de ridicularizar os padrões formais da sociedade.

Anteriormente, em relação aos Carecas, o movimento pertencia ao movimento *punk*[55] (COSTA, 1993, p. 51 apud BRITO; MELO, 2014, p. 1) e, como na Inglaterra, era formado, em grande parte, por jovens (VALENCIA, 2013, p. 4), que:

> Insatisfeitos com as veredas que o punk tomava na grande São Paulo surgem os "carecas do subúrbio", oriundos do ABC paulista e da Zona Leste como uma ramificação que contestava os rumos que o punk estava tomando naquele presente momento (BRITO; MELO, 2014, p. 1).

Ainda, segundo Barbosa (2008, p. 4):

> Os skinheads surgiram no Brasil por volta de 1981 na zona leste da capital paulista que, por ser uma região periférica, a esta facção se deu o nome de "Carecas do Subúrbio", facção esta composta por jovens trabalhadores das indústrias e comércio de São Paulo. Naquela época diante da crise econômica dos anos 80, afetando o mercado de trabalho na área onde surgiu este grupo, a cultura skinhead propagou-se e afirmando-se como uma ideologia nacionalista e proletária em repúdio as transformações oriundas da introdução das políticas neoliberais do período.

Outra questão cerne da formação dos skinheads foi o surgimento dos "anos de ouro". De acordo com o termo de Hobsbawn (1995, p. 253-81) os anos de ouro do pós-guerra, que correspondem as décadas de 1950 até início da de 1970, foram marcados pelo desenvolvimento econômico, gerando um consumo das classes mais jovens, "[...] consolidando uma cultura jovem" (JESUS, 2003, p. 4). Ainda,

[55] Quanto ao início do movimento *punk*, como comenta Mendes (2019, p. 18), "sabe-se que os primórdios do movimento começou no final da década de 1960 que hoje é conhecida pelo nome de Protopunk." Da mesma forma como as bandas do protopunk, como a Velvet Underground, foram importantes para a solidificação do punk, o movimento skinhead teve uma transição gradual, com algumas bandas, como a Sex Pistols, adotando alguns dos primeiros elementos característicos da banda, a suástica nazista, como exibido em no clipe Pretty Vacant, de 1977.

segundo Jesus (2003, p. 4), esse cenário foi propício para cativar tal faixa etária com as propostas do neonazismo, uma vez que este busca subverter valores e ideias das gerações anteriores, - decadentes e corrompidos - numa busca por identidade.

No Brasil, este período, dos anos de ouro, foram marcados pela construção da capital do país, Brasília, e pela Ditadura Militar (1964-1985). Posteriormente, na década da redemocratização, em 1980, a inflação e crise econômica, atenuada durante os governos do militar João Figueiredo (1979-1985) e do civil José Sarney (1985-1990), marcariam economicamente o país, gerando insatisfação com os representantes políticos em uma parcela da juventude. Assim, o cenário social do *punk* surgiu durante o período do desenvolvimento nacional, e sua conversão ao skinhead, por parte de alguns membros, se deu nos anos de forte tensão social.

> [...] tem-se a resposta joviana de uma parcela de nossa sociedade avessa ao que imaginavam ser a decadência nacionalista. E onde buscar sustento para criar um mecanismo de defesa contra a quebra da ordem e dos princípios patrióticos que se acreditava estar-se perdendo senão na literatura desenvolvida pelos grandes nomes idealistas de nossa terra (VALENCIA, 2013, p. 22).

Os Carecas do Subúrbio tentavam se afastar do skinhead inglês, que era "[...]vinculado como simpatizante de uma supremacia branca" (BRITO, MELO, 2014, p. 2), e afirmavam não terem cunho racista, herança do passado punk que influenciou fortemente o movimento.

Conforme (BRACHT, 2005, p. 98 apud BRITO e MELO, 2014, p. 3, grifo nosso):

> Baseado nas parcas informações que aqui chegavam, a imagem que se tinha dos skinheads europeus era de uma total devoção ao nazismo e suas adjacências. Nada se sabia a respeito das origens subculturais operárias dos skinheads britânicos do final da década de 1960 ou das variantes existentes. A própria alcunha nacional - 'careca' - também servia como **afastamento claro da conexão direta com a imagem generalizante do naziskin forâneo.**

Todavia, houve integrantes que possuíam simpatia com o NSDAP e que se diziam nazistas, mas a forma como tal militância se apresentava em solo brasileiro revela claramente a *tropicalização* do neonazismo. Costa (1993, apud BRITO, MELO, 2014) entrevistou alguns integrantes dos Carecas do Subúrbio, entre eles

um negro que simpatizava com o nazismo e que não via como antagônica a assimilação da ideia de não-preconceito com a eugenia nazista. Para Brito e Melo (2014, p. 8), esse fato revela "[...] a falta de perspectiva histórica e como a difusão do nazismo e alguns de seus valores afetaram a maneira comportamental deste jovem."

Diferente do relato acima, nem todos os "carecas" compactuavam com a mesma tolerância com negros e imigrantes.[56] Alguns foram fortemente influenciados pelos skinheads ingleses, claramente racistas. O cisma brasileiro fomentou, de acordo com Valencia (2013, p. 24) três grupos; os White Powers, que são principalmente racistas e xenófobos, tendo como principais grupos Front 88, Impacto Hooligan e Combat Rac; os Carecas, que são principalmente nacionalistas e homofóbicos, mas não racistas, tendo como principais grupos os Carecas do Subúrbio e os Carecas do ABC; e por último, os Punks, que são mais de caráter anárquico, tendo como principais grupos a Desordem Punk, Devastação Punk, e Vício Punk.

O desmembramento dos Carecas[57] se deu justamente pela aproximação com o ideal White Power. Na medida que desenvolvia atributos dos skinheads ingleses, parte dos integrantes dos Carecas passou a se assemelhar no uso de símbolos nazistas, e "[...] parte da liderança não aceitava a segregação racial como base primordial da ideologia." (ANDRADE, 2013, p. 4) Partindo da realidade que uma parcela considerável do grupo era formado por nordestinos, negros e pardos, [...] os membros dissidentes vão criar os "Carecas do ABC" (COSTA, 2000, p .75 apud ANDRADE, 2013, p. 4).

---

[56] Conforme Rossetti e Junior (2015, p. 14) "[...] provavelmente os skinheads brasileiros foram influenciados pelos grupos de extrema direita e neonazistas que defendem a supremacia branca, pois estes grupos são racistas e violentos, o que explicaria os ataques aos nordestinos e homossexuais que ocorreram em São Paulo."

[57] "Atualmente, esses grupos perderam espaço nas notícias policiais. Os Carecas do ABC já não são numerosos como antigamente – estima-se em torno de 250 membros somados aos Carecas do Subúrbio, grupo do qual são uma dissidência – e se dedicam principalmente a eventos musicais e sociais. Em seu site, o grupo afirma: "estamos criando problemas desde 1987 e acreditamos que iremos nos manter assim por muito tempo. Agora de uma forma totalmente política e ideológica, não mais por banalidades". Disponível em < https://super.abril.com.br/sociedade/como-agem-os-grupos-neonazistas-do-brasil/ > Acessado em 05/11/2020

Quanto aos White Powers, o movimento cresceu com o aumento da imigração nordestina à grandes capitais ao sul, sudeste e centro-oeste do Brasil, tendo como principal polo a cidade de São Paulo. Quanto as características, este é o grupo que mais se parece com o skinhead inglês, e são considerados “[...] os grupos mais radicais e agressivos entre os movimentos da extrema direita” (ANDRADE, 2013, p. 5). Possuem, também, um saudosismo pelo NSDAP, “[...] apregoando o culto ao físico, a disciplina e a fidelidade entre os membros, como uma irmandade” (ANDRADE, 2013, p. 5).

Valencia (2013, p. 28) realiza um apanhado de casos de violência de skinheads noticiados pela mídia, que sintetiza uma parcela das ocorrências causadas pelos grupos. É possível reconhecer o caráter violento de ambos os grupos de skinheads. No entanto, apenas com o advento da *internet,* com fóruns e sites que possibilitavam a organização de grupos com interesses em comum, que o movimento neonazista passou a não apenas a contatarem uns aos outros, mas a partilharem materiais, como livros, artigos e pôsteres pró nazistas.

Ainda, no Brasil, como bem aborda Caldeira Neto (2016, p. 7) usando o caso do grupo Frente Nacionalista, há um saudosismo de grupos europeus, e busca-se um espelhamento destes, não somente por atitudes supremacistas, mas também simbólicas. Sobre o Frente Nacionalista, Caldeira Neto (2016, p. 7) ressalta para o que seja talvez, a característica mais nítida da tentativa do grupo em se aproximar de outros maiores, como o Batalhão Azov, grupo paramilitar com que faz referenciais a simbologia nazista recorrentemente de grande importância no atual cenário ucraniano.

Figura 3 - Comparativo: Frente Nacionalista / Azov Batallion / SS – Das Reich

Fonte: Caldeira Neto (2016, p. 8)

Caldeira Neto (2016, p. 7-9) observa que, apesar do Frente Nacional declarar certa admiração por neonazistas como o National Front, da Inglaterra, Acción Legionaria, do Peru, e à organização italiana Casa Pound, através de links em seu site, não há uma postura recíproca da parte dos mesmos.

> [...] seria pouco provável que grupos racistas do velho continente tivessem algum interesse efetivo e se relacionar com uma pequena sigla que não advoga publicamente em torno de teses “racialistas”, além do fato de atuar em um país preponderantemente multiétnico (CALDEIRA NETO, 2016, p. 8).

Há pelo menos quarenta anos, como abordado, o neonazismo vem se articulando pelo mundo através da cultura e da política. Da mesma forma, sua presença esteve, e se faz, presente no Brasil. O modo como este se comporta se diferencia da realidade de países como o EUA e Canadá, onde “[...] é comum a relação entre Skinheads e organizações supremacistas brancas [...]” (ALMEIDA, 2003, p. 22). No Brasil, assim como em países como a Alemanha, a apologia ao nazismo é crime, desde a Lei 7.716/89 Art. 20 § 1, substituída pela Lei 9.459/97, de 13 de maio de 1997, onde consta no § 1 (BRASIL, 1988)[58]:

> Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular, símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou

[58]Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm > Acessado em 09/11/2020

> gamada, para fins de divulgação do nazismo. Pena - reclusão de dois a cinco anos e multa.

Além da Lei 9.459/97, há outros artigos da Constituição Federal de 1988, vigente no Brasil, que impedem a estruturação e ação – em teoria - de grupos neonazistas. Referente aos partidos políticos, o Art. 17 (BRASIL, 1988) estabelece alguns preceitos para a criação, filiação e afins, e de acordo o 2º, “Proibição de recebimento de recursos financeiros de entidade ou governo estrangeiros ou de subordinação a estes.”

Logo, não é possível estruturar um partido que declaradamente se subordina a algum grupo estrangeiro, seja neonazista ou não. Tal lei se assemelha ao Decreto-Lei 383, de abril de 1938 de Getúlio Vargas, já comentada na monografia, que impedia a atuação política estrangeira em partidos brasileiros.

Consequentemente, entidades neonazistas estrangeiras não podem se envolver com a atuação de partidos brasileiros. Logo, estes necessitam ser de organização e financiamento nacional – mesmo que ambas as alternativas impliquem na ilegalidade. Também, o § 4º proíbe a formação de grupos paramilitares.

Há a dificuldade, como expressado anteriormente na presente monografia, de aplicar a nomenclatura neonazista. O cuidado, aliás, é de dever moral, uma vez que o ato de reconhecer um movimento, indivíduo ou ideia como sendo de estirpe neonazista compreende uma séria acusação. Ao lidar com o cenário brasileiro, portanto, escolheu-se os declarados neonazistas, embora, aqui, lapide sobre relações tenras entre grupos autodeclarados com aqueles que tentam se dissociar da taxação. Quanto a dificuldade de categorizar um critério universal para o termo, há divergências até mesmo em autores que estudam sobre, como Gertz (2009, p. 34) – com 40 anos de estudos sobre nazismo no Brasil - que afirma que

> [...] em relação ao “neonazismo” minhas investigações ainda são recentes, e não estão consolidadas, de forma que eu estou longe de ter a firmeza de convicção que, entrementes, adquiri em relação ao tema de minhas pesquisas mais antigas, sobre o nazismo no Brasil.

Portanto, o neonazismo brasileiro proposto a ser estudado é aquele que não se comensura em raras menções simpáticas a governos nazifascistas, mas aquele que assimila a ideologia do NSDAP e que possuí fins políticos de hegemonia, que

compactua com um ou mais elementos mais comuns do neonazismo europeu e estadunidense, como racismo científico e com a supremacia branca, com o negacionismo histórico ou aceitação moral holocausto[59]. Ainda, conforme Pereira (2016, p. 12):

> [...] parece ser preciso conformar-se ao perfil étnico e aos critérios doutrinais do movimento, cujas raízes estão no continente europeu. E se de fato há a preocupação na conformação do neonazismo brasileiro ao movimento internacional, isso parece ser razoável para que não haja confusão na análise da identidade do neonazismo com outros movimentos semelhantes.

Também, é preciso compreender se o caso de 19 de janeiro de 2020, quando um homem foi detido por ter pendurado uma camiseta que estampava a suástica na janela de seu apartamento, configura como caso isolado ou não. Na operação policial, foram apreendidos materiais de cunho nazista, como livros e uma bandeira do NSDAP. O homem de 55 anos afirmou ser nazista, e dizia ser um lobo solitário.[60] Embora muitos sejam lobos solitários – não pertencendo a nenhuma célula neonazista - estes, por conta dos posicionamentos inconstitucionais, são órfãos políticos (GONÇALVEZ *et. al.*, 2017, p. 3), e, assim sendo se reconhecem em políticos que, por mais que não sejam estritamente partidários de suas ideias excludentes, se assemelham a alguns de seus posicionamentos.

O termo neonazista, geralmente, é utilizado por terceiros, ou seja, a categoria é pouco "[...] utilizada por pessoas e grupos que não pertencem ao movimento." (OLIVEIRA, 2015, p. 3). É comum encontrar em fóruns da internet internautas que apresentam os posicionamentos citados anteriormente, mas que se auto-intulam **nacionais-socialistas** ou simplesmente de **brancos**. Ainda, autores como Pereira (2016) não vem o neonazismo atual como proveniente da típica supremacia dos skinheads ingleses e doutras tribos urbanas, como os Carecas do Subúrbio, como bem aponta:

---

[59] A questão do revisionismo e/ou aceitação moral do holocausto será melhor abordada posteriormente.

[60] Disponível em < https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/01/24/homem-e-indiciado-apos-pendurar-camiseta-com-suastica-em-janela-de-apartamento-em-sc.ghtml> Acessado em 05/11/2020

> [...] o neonazismo possui sua originalidade e difere muito do movimento dos carecas. [...] é oriundo [o neonazismo] do nazismo alemão e os carecas originaram-se dos skinheads ingleses" (PEREIRA, 2016, p. 117).

Caso recente, em janeiro de 2020, o então secretário da cultura do governo do presidente Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, realizou um discurso onde parafraseava trechos de um discurso de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Adolf Hitler. Características de seu discurso se assemelharam muito com as do ministro nazista; ao fundo, a ópera Lohengrin, do compositor alemão Richard Wagner, popular na Alemanha nazista, era tocada; também, mesmo que possa soar como característica relativa e subjetiva, o tom e a postura de Alvim lembravam muito a de Goebbels.[61] Pouco antes de Alvim ser exonerado, um jornalista do jornal OGlobo teve acesso a seu gabinete, e encontrou uma lousa, onde a frase em alemão "*Wo ist der design*"[62] estava escrita[63], do lado de um desenho da cruz de lorena.[64]

Alvim, dias após seu discurso, declarou que não compactuava com o que havia dito, que errou por ter citado a frase sem checar a sua fonte. Reiterando seu repúdio, Alvim chegou a comentar que suspeitava de uma ação satânica por trás de sua demissão.

Segundo Alvim:

> Não sabia que aquela frase tinha uma origem nazista, porque a frase em si não tinha nenhum traço de nazismo. Errei terrivelmente ao não pesquisar com cuidado a origem e a associações de algumas frases e ideias[65]

Quanto a ópera de Wagner, Alvim afirma ter a conhecido através de sua esposa; por ter gostado, escolheu usá-la no discurso. Para cada ação sua, parece haver uma explicação lógica, um erro não observado, uma apologia não intencional

---

[61] Disponível em < https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/17/roberto-alvim-culpa-assessoria-e-pesquisa-no-google-por-mencao-a-goebbels.htm > Acessado em 05/11/2020

[62] "Onde está o design?" (Tradução nossa)

[63] Segundo as matérias jornalísticas e pelas informações apuradas por mim, não há outra menção a frase por parte de Alvim, nem de onde ele poderia ter a retirado.

[64] Disponível em < https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/17/jornal-gabinete-de-ex-secretario-tinha-frase-alema-e-cruz-dos-templarios.htm > Acessado em 05/11/2020

[65] Disponível em < https://exame.abril.com.br/brasil/roberto-alvim-diz-desconfiar-de-acao-satanica-em-sua-demissao/ > Acessado em 05/11/2020

ao político nazista. No entanto, Alvim foi exonerado um dia depois pelo presidente Jair Bolsonaro.[66]

O caso Alvim serve de modelo para a discussão sobre a identificação do neonazismo. Fora, até o momento da escrita desta monografia, o caso mais direto de simpatia ao nazismo nas instituições estatais, mas não a única. Outras, que podem ser encaradas como sendo ou não menções supremacistas, causaram polêmicas no governo de Bolsonaro, como o copo de leite tomado pelo presidente e simpatizantes em transmissões em apoio ao setor de produção de leite. O gesto é o mesmo de supremacistas brancos, e a suspeita em ser uma referência a tal prática foi reforçada logo após um dos principais apoiadores do governo, Allan dos Santos, ter repetido a ação e comentado que “entendedores entenderão”.[67]

Fica claro que, se o termo neonazista pode ser confundido ao aplicado a grupos (JESUS, 2003, p. 1), seu uso se torna ainda mais delicado ao se tratar de atos e práticas individuais. No caso de Alvim, fica claro que se trata de uma postura neonazista. Em relação ao ato do presidente e do blogueiro Allan dos Santos, a subjetividade dificulta numa acusação de maior propriedade. No entanto, a fala de Alvim, segundo algumas discussões do *Stormfront.org,* virou tema de discussão de alguns membros; uma das críticas dos supremacistas era as desculpas dadas posteriores por Alvim.[68]

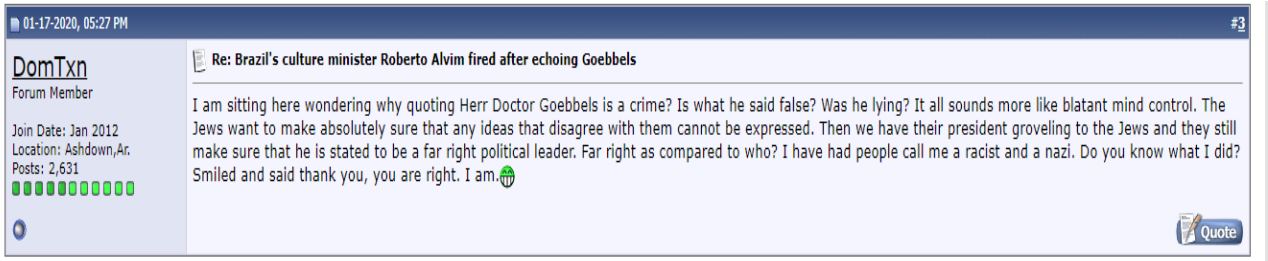
---

[66] A matéria da BBC intitulada “As polêmicas de Roberto Alvim, secretário de Bolsonaro que perdeu cargo após vídeos associado a nazismo” aborda algumas ações polêmicas de Roberto Alvim antes de seu discurso de janeiro de 2020. Disponível em < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51153391 > Acessado em 05/11/2020

[67] Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html > Acessado em 17/102020

[68] Disponível em < https://www.stormfront.org/forum/t1298574/ > Acessado em 05/11/2020

Figura 4 - comentário de internauta onde questiona o caráter criminoso da fala de Alvim.[69]



Fonte: Captura feita pelo autor, Stormfront.org, 2020

Ao tratarmos sobre manifestações de cunho neonazista e supremacistas, é importante destacar um dos predicados essenciais do neonazismo, o racismo, que é latente no cenário brasileiro, sendo herdado por uma longa tradição escravista e de um pensamento eugenistas de determinados segmentos da sociedade. O Brasil seria, antes demais nada, um país de "[...] "revoluções brancas", ou seja, incruentas[70], na qual predominam a "conciliação e a reforma", a "democracia racial"" (IANNI, 2004, p. 159 - 160 apud SANTOS & SILVA, p. 10, grifo nosso). O racismo em seu caráter dito científico remonta, no Brasil, ao final do século XIX e início do século XX, com autores como Sílvio Romero, João Batista Lacerda e Oliveira Viana (SANTOS; SILVA, 2018, p. 5). Hoje, não há um debate sério nas universidades brasileiras sobre a validação dos preceitos do racismo científico, mas há, de fato, no imaginário popular, um racismo estrutural perpetrado por alguns que creem que a inferioridade se aplica a raças não-brancas.

O instante em que o racismo, herdado em parte pelos estudos pseudocientíficos e pelo sistema escravocrata dos séculos passados, se encontra com neonazismo é delicado, pois a supremacia branca engloba uma série de movimentos além do neonazismo, como a Ku Kux Klan e os neoconfederados

---

[69] Tradução do Google Tradutor: "**Re: Ministro da Cultura do Brasil, Roberto Alvim demitido após fazer eco a Goebbels**; Estou sentado aqui me perguntando por que citar Herr Doctor Goebbels é um crime? O que ele disse é falso? Ele estava mentindo? Tudo soa mais como um controle mental flagrante. Os judeus querem ter certeza absoluta de que quaisquer idéias que discordem deles não possam ser expressas. Então temos seu presidente rastejando para os judeus e eles ainda se certificam de que ele é declarado um líder político de extrema direita. Extrema direita em comparação com quem? Já ouvi pessoas me chamarem de racista e nazi. Você sabe o que eu fiz? Sorriu e disse obrigado, você tem razão. Eu sou."

[70] Segundo o dicionário Michaelis, incruentas, do verbo incruentar, plural de incruento, que significa "Em que não há derramamento de sangue; Que não é cruel ou sanguinário." Disponível em < http://michaelis.uol.com.br/busca?id=4bdlz > Acessado em 05/11/2020

estadunidenses. Tomemos como exemplo a abordagem usada por Carvalho (1999, p. 77, grifo nosso), onde discorre sobre a questão da dívida histórica e sobre o retorno a religiões de matizes africanas por parte dos negros, e afirma, em trechos do capítulo A Dívida dos Faraós:

> A verdade, amigos negros, é que vocês **perderam a corrida da história** — pagando talvez pelas maldades cometidas na época do esplendor faraônico —, se dispersaram e se enfraqueceram, e acabaram sendo escravizados e vendidos aos portugueses pelos mesmos semitas — pois árabes são semitas — em cujo lombo desceram o chicote sem dó no tempo da construção das pirâmides. Não existe povo bom: e vocês, se foram escravos por três séculos após terem sido senhores de escravos por mais de um milênio, devem agradecer a Deus pela clemência do seu destino. Perto dos judeus, escravizados por egípcios e babilônios, explorados por muçulmanos, expulsos daqui para lá pelos cristãos e finalmente dizimados pelos nazistas, vocês são uns sortudos. E olhem bem: em cada nação por onde passaram, os judeus deixaram, em troca dos sofrimentos obtidos, um legado cultural infinitamente mais precioso do que o carnaval, o samba e outras bossas...

Não proponho, aqui, discorrer sobre os autores citados, como Oliveira Viana e Olavo de Carvalho, que abarcaria um campo extenso de objetivos específicos que a presente monografia não se ateria. No entanto, como acautelado por Santos & Silva (2018), embora eu não acuse categoricamente os autores, revelo as características passíveis de acusação – subjetiva, de certa forma, a esta última – de flertarem com ideais da superioridade branca; no caso Olavo de Carvalho, outro trecho comumente empregado nessa acusação, vê-se o destaque em relação a cultura e suas contribuições – ou o entendido por contribuições – onde:

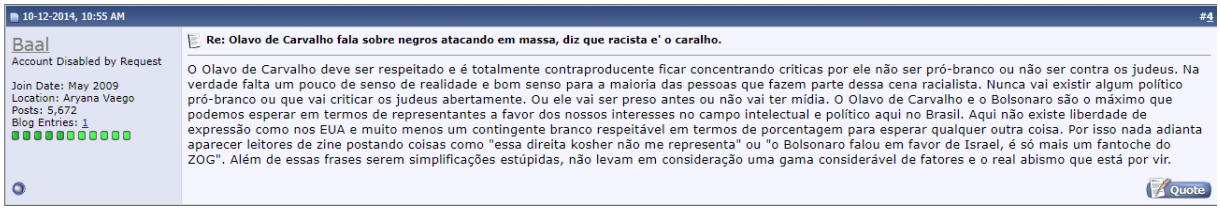
> Alguém tem de dizer aos negros a verdade: a verdade é que todos os ritos yorubas não valem uma página de JalaledDin Rûmi e a história inteira do samba não vale três compassos de Bach (CARVALHO, 1999, p. 77).

Dadas manifestações públicas servem para exemplificar, no cenário brasileiro, como que determinada fala se insere num campo de debates semânticos. Compreender até onde se estende a configuração de racismo e/ou preconceito étnico é responder se a fala de Carvalho (1999) representa ou não um lapso de supremacia. Se há, já na questão de delimitação do racismo, dificuldade de categorizar o que de fato o é, o debate acerca do neonazismo se insere numa série de características, onde o racismo representa apenas uma delas.

Ainda, retornado ao posicionamento de integrantes do Stormfront.org, as opiniões acerca de Olavo de Carvalho variam, mas há uma parcela dos que o vem,

como afirma um usuário de nome Tigre Branco, como alguém de “[...] muitas virtudes, mas também tem muitas incongruências no que ele diz, só que muitos preferem ignorar isso, talvez por desespero ou ódio extremo à realidade brasileira.”

Figura 5 - internauta expõe sua opinião sobre Olavo de Carvalho.



Fonte: Captura feita pelo autor, Stormfront.org, 2020

Logo, a formação ideológica dos grupos neonazistas varia quanto a figuras públicas da atualidade, e Olavo de Carvalho representa bem isso. Já que não possuem ativismos públicos autodeclarados, os supremacistas buscam quem mais se assemelhe a sua ideologia. No meio político, pode-se ressaltar o papel que os skinheads ingleses possuíram na formação do National Front; uma série de indivíduos, de uma subcultura urbana (OLIVEIRA, 2013, p. 3; VALENCIA, 2013, p. 11) evocaram o neonazismo para o domínio político inglês, mas que depois precisaram se retirar do partido pela má impressão que causavam, o que levou a se organizarem em torno da Blood & Honror. Aplicando-se ao Brasil, retornando a gênese da subcultura, a solidificação política procede de um desenvolvimento grupal, ou pelo menos individual, de natureza subversiva e transvalorada[71]. Por não terem suas expectativas ideológicas correspondidas pelas instituições nacionais, há uma tendência destes grupos em limitar o campo *nacional*, nomeado, por vezes, de micronacionalismos, que se assemelham, ou tornam-se até mesmo sinônimos, de movimentos separatistas (MILMAN; VIZENTINI, 2000 apud PEREIRA, 2016, p. 106). Assim, usando como exemplo um movimento não-supremacista, O Sul é Meu País, por não ter seu nacionalismo estendido ao Brasil como um todo, limita suas reivindicações a região sul do país. Como afirma o próprio site do movimento[72], há

[71] Apesar das inúmeras células brasileiras, cada uma com sua linha discursiva, todas propõe uma ruptura com o *status quo,* considerando que a realidade brasileira não é a idealizada no discurso. É necessário, então, a educação idealizadora, seja por meio de escritos, como leituras revisionistas, musical, como as bandas *Oi! Music* costumam apresentar ou pelo convívio com simpatizantes do neonazismo. É preciso, antes de mais nada, o primeiro contato com materiais desta estirpe.

[72] Disponível em < https://www.sullivre.org/carta-de-principios/ > Acessado em 26/07/2020

uma série de fatores, como econômicos e históricos, que baseiam os ideais do grupo, mas como consta nos Fatores Sociais:

> O galopante crescimento da pobreza da população sulina e sua acentuada degradação social, com a proliferação das condições subumanas, são fatores que causam indignação, principalmente porque não existe perspectiva de reversão deste caótico quadro dentro do cenário sob o controle do estado brasileiro.

Ressalta-se, aqui, a afirmação de que "[...] não existe perspectiva de reversão deste caótico quadro dentro do cenário sob o controle do estado brasileiro." (IBIDEM), onde a pobreza é concomitante a subordinação do atual Estado brasileiro. Ou seja, é imprescindível a separação do estado brasileiro para que tais problemas sociais sejam sanados. Tal necessidade é similar ao encontrado nos grupos analisados na presente monografia, ressaltando, novamente que o Movimento o Sul é meu País não se trata de um movimento supremacista ou neonazista[73], mas que partilha da mesma necessidade intrínseca de emancipação institucional.[74]

Quanto aos grupos neonazistas analisados atualmente, há indivíduos, fóruns e sites online, livros e artigos que convergem para o neonazismo. O paralelo entre formação individual e expressão política aponta para a postura de Dias (2007, p. 18, grifo nosso), onde confere-se neonazismo a

> [...] evocação do nacional-socialismo como ideologia para justificar atos contra os "inimigos" do mesmo, a mitificação de antigos líderes do mesmo como "heróis da raça" e a releitura de símbolos para balizar um discurso de ódio **com fins políticos de hegemonia**

Em relação a expressão política, quando há a impossibilidade constitucional, como o caso do Brasil, há um direcionamento para figuras mais próximas; Jair Bolsonaro, por exemplo, se torna uma delas. Em 2011, no programa CQC da

---

[73] "Não há um único registro policial que comprove essa vinculação, tampouco uma única manifestação pública e oficial de apoio do Sul é Meu País em relação aos neonazistas" (PEREIRA, 2016, p. 124).

[74] "Esse irracionalismo tem força para dividir, inclusive, pessoas de um mesmo grupo étnico. É o que ocorre em países como a Itália e a Alemanha. A Liga-Norte italiana rechaça a Região Sul do país. É antigo o preconceito entre os italianos do Norte com relação aos italianos do Sul, por isso muitos afirmam que a verdadeira Itália é de "Roma para cima". São comuns expressões como esta: "O Norte trabalha, Roma arrecada e o Sul gasta." Essa atitude torna-se irracional porque o Norte italiano depende muito da Região Sul. Grande parte dos consumidores dos produtos do Norte vive na Região Sul. Parece que o preconceito fala mais alto que o bom-senso" (PEREIRA, 2016, p. 105-106).

emissora Bandeirantes, Preta Gil perguntou a Jair Bolsonaro, na época deputado federal, como ele reagiria se algum de seus filhos se apaixonasse por uma negra; Bolsonaro respondeu que isso não aconteceria porque eles "[...] foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu". Bolsonaro, em resposta a outra pergunta, disse que seus filhos não corriam o risco de serem gays, pois, novamente, foram bem educados.[75]

> Por três votos a um, desembargadores da Sexta Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) decidiram manter a condenação do presidente Jair Bolsonaro por declarações emitidas em 2011, em entrevista ao extinto programa *CQC*, então exibido pela TV Bandeirantes. Ele foi condenado a pagar 150 mil reais por danos morais ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos (FDDD), do Ministério da Justiça (VEJA, 2019).

Após os comentários, grupos neonazistas organizaram um protesto em apoio ao deputado. As manifestações foram organizadas por comunidades no Orkut e pelo fórum Stormfront.org. Uma das convocações dizia:

> Vamos dar o nosso apoio ao único Deputado que bate de frente com esses libertinos e Comunistas!!! Será um manifesto Cívico, portanto, levem a família, esposas, filhos e amigos... (VEJA, 2019).

Na manifestação, grupos neonazistas, como Kombat RAC e o Ultra Defesa[76] estavam presentes. Aliás, dos que manifestaram apoio ao deputado, sete foram detidos pela polícia civil por terem cometidos crimes de intolerância, e pertenciam ao grupo Impacto Hooligan. Um destes foi um dos responsáveis pelo atentado a bomba[77] na Parada Gay de 2009.[78]

---

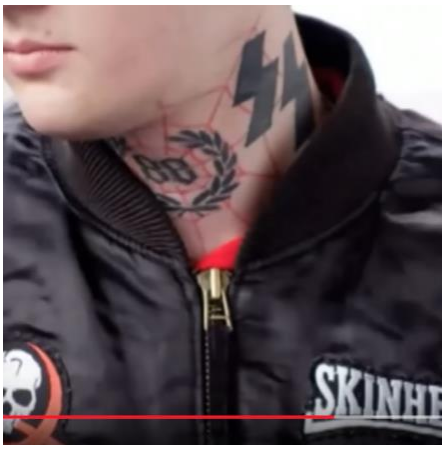
[75] A lógica de Bolsonaro se assemelha com a apresentada pelo sociólogo Wray (2004, p. 339-361 apud CARDOSO, 2009, p. 8) quando se refere ao branco pobre. Para Wray, a mentalidade supremacista pressupõe um desenvolvimento social, onde "[...] o branco pobre seria considerado "menos branco" porque caminha em direção contrária ao progresso, seria uma espécie de branco "degenerado", mesmo assim não chegaria a ser classificado socialmente como negro." Assim, aquele que não recebe uma boa educação possuí chances de se tornar um homossexual ou de se apaixonar por uma negra.

[76] Segundo o blog do grupo < http://ultradefesa.blogspot.com/ >, as "máximas gerais" do grupo se assemelham mais ao integralismo do que ao neonazismo, não havendo, pelo menos em teoria, o racismo ou a superioridade branca em seu discurso. Em uma de suas máximas, inclusive, o grupo afirma "Defendemos o que cada etnia, brancos, negros, índios e amarelos trouxeram de aristocrático à nossa formação cultural." No entanto, por mais que repudiem termos como afro-brasileiro e ítalo brasileiro, prezando pelo nacional *brasileiro,* e além de serem contra a "[...] a importação de aberrações, tais como; cotas raciais, legalização do aborto e exclusivismos de minorias e etc.", a saudação que é utilizada pelo grupo não é a típica integralista, *anauê,* mas a saudação romana; a mesma utilizada pelos nazistas. Acessado em 05/11/2020

[77] Disponível em < https://theintercept.com/2019/04/07/nazistas-bolsonaro-esquerda-israel/ > Acessado em 05/11/2020

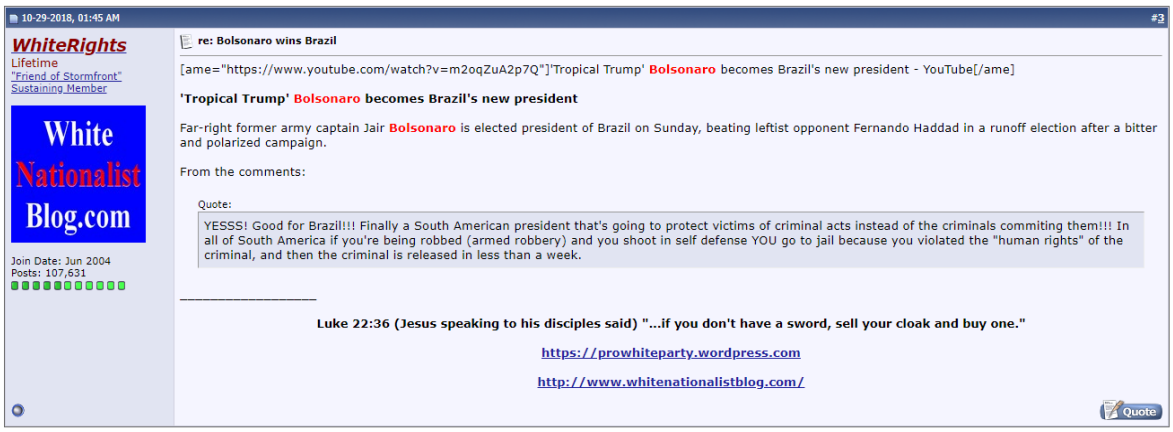
[78] Em São Paulo, sete integrantes do grupo neonazista Impacto Hooligan foram presos, acusados de matarem sete pessoas e ferirem mais de quarenta com o atentado. Disponível em <

Figura 6 - manifestante pró-Bolsonaro com símbolos nazistas pelo corpo, 2011



Fonte: Intercept Brasil, 2019

Figura 7 - internautas estrangeiros comemoram a vitória presidencial de Jair Bolsonaro no Stormfront, fórum neonazista.[79]



Fonte: Captura feita pelo autor, Stormfront.org, 2020

Neste caso, é nítida a presença de neonazistas que apoiaram Bolsonaro na manifestação de 2011. Retornando a questão da orfandade política desses grupos, Bolsonaro, por mais que publicamente não se declare adepto de uma branquitude acrítica (CARDOSO, 2009, p. 7), que se assemelha mais a supremacia racial, alguns de seus comportamentos convergem para o racismo, tornando-se o político

https://oglobo.globo.com/brasil/policia-de-sp-confirma-atentado-bomba-durante-parada-gay-prende-sete-de-grupo-neonazista-3186480 > Acessado em 05/11/2020

[79] Tradução do Google Tradutor: Bolsonaro vence Brasil; 'Tropical Trump' Bolsonaro se torna o novo presidente do Brasil. O ex-capitão do Exército de extrema direita Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil no domingo, derrotando o oponente de esquerda Fernando Haddad em um segundo turno após uma campanha amarga e polarizada.

apoiado, em geral, por esses grupos. O mesmo obstáculo, da falta de representantes políticos desta estirpe, é encontrado também em outros países, e há certas encruzilhadas ideológicas onde indivíduos neonazistas, ilegais, se encontram com nacionalistas, que atuam dentro da legalidade. Como acautela Pereira (2016, p. 96):

> A maioria do povo europeu não concorda com o neonazismo. Porém, percebe-se que atualmente parte da população aceita algumas de suas ideias, como o fechamento das fronteiras da Europa para a chamada "invasão" dos imigrantes. Argumenta-se que, deste modo, a estabilidade econômica e social está assegurada.

O neonazismo brasileiro, logo, se erige da clandestinidade, desde o movimento dos Carecas, em meados dos anos 1970-1980, às manifestações de usuários da internet. A forma como se esboça leva em conta as influências sociais, políticas e econômicas do país. Buscou-se, aqui, apresentar o início do movimento, sua formação no século XXI, e elucidar sua estrutura e expressão na realidade brasileira. *Wo ist der design?*[80] do neonazismo brasileiro?

4.3 CONTROVERSIAS SOBRE O CONTINGENTE NEONAZISTA BRASILEIRO;

Um dos desafios encontrados, ao realizar a pesquisa sobre os neonazistas no Brasil, foi quantificar o número de simpatizantes e domínios online que utilizam para propagar seus ideais. Alguns pesquisadores, como Dias (2007; 2005) e Gertz (2009) apontam para diferentes números e proporções, e, visando apontar ambos, este capítulo se propõe a apresentá-los.

Tal tarefa, a de contabilizar estes ativistas, a quem Dias (2007) chama de **anacronautas do teutonismo virtual***,* - nome de sua dissertação - se mostra subjetiva. Como exemplo, utilizaremos os dados do estado de Santa Catarina. Dias (2007, p. 27, grifo nosso), referente aos dados do sociólogo Túlio Kahn, Pesquisador do ILANUD - Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente, comenta que

> [...] pelo menos **noventa mil** pessoas estejam diretamente envolvidas em grupos neonazistas, **cerca de metade disto apenas no Estado de Santa Catarina.**

[80] "Onde está o design?" (Tradução nossa)

Tal número[81] - 45 mil[82], - no entanto, caso levado em conta, resultaria em um neonazista para cada 138 catarinenses, com dados do IBGE de 2010[83], considerando que, para Dias (2007), inclui-se nessa lista aqueles que fazem download de cem ou mais arquivos de caráter neonazista. Essa constatação fora suspeitada pro Gertz (2009), que, segundo ele, a afirmação acarretaria até mesmo na suspeita da eficácia da polícia catarinense em não identificar e prender um número tão notório de saudosistas do NSDAP. Pereira (2016, p. 123) comenta, também sobre a contestação feita por Gertz acerca da confiabilidade da internet como objeto de estudo. Retornando ao número afirmado, caso seja de 45 mil, Gertz (2009, p. 39, 40) ironiza:

> Será que, por alguma razão abscôndita, o grande número daqueles que, suposta ou efetivamente, se concentra em Santa Catarina é constituído só de gente introspectiva, contemplativa, que se restringe a "curtir" suas convicções "navegando" na Internet?

Possivelmente, no que se refere ao termo neonazista, Gertz (2009) e Dias (2007) usam de delimitações distintas, uma vez que Gertz (2009, p. 39, 40) categoriza os possíveis neonazistas identificados por Dias (2007) como "[...] gente introspectiva, contemplativa, que se restringe a "curtir" suas convicções 'navegando' na Internet?" Logo, a delimitação do termo pode prejudicar na análise de ambas as argumentações. Partindo do pressuposto que um indivíduo que participa assiduamente de ambientes online, disseminando informações típicas do

---

[81] Gertz (2009, p. 37) comenta sobre o dado, alegando que "Os números são apresentados como fornecidos por ONGs antirracistas, sem qualquer cuidado em verificar sua consistência e veracidade. Localizo aqui um problema bem prático da dissertação. O destaque que a autora deu em, praticamente, todas as entrevistas que se encontram na imprensa, afirmando que metade dos "neonazistas" brasileiros está em Santa Catarina, e, no mínimo, insinuando que um percentual muito alto deles é de descendência alemã, é algo tão grave que, se verdadeiro, mereceria uma investigação muito minuciosa e consistente, no intuito de descobrir formas de combater esse mal: [...]". Em resposta, Dias escreveu um texto debatendo a crítica de Gertz, onde afirma que os dados "[...] foram aferidos pela análise de trafego, feita por portais como o Alexa. Foram aferidos pelos posts publicados nos fóruns e comunidades, pelos dados de acesso de cada site, disponíveis na internet. Provavelmente o senhor não tem nem ideia de como aferir um tráfego na Internet. Também não deve dominar análise de postagens de fóruns. Mas, eu tenho. Desenvolvo sites e sistemas para a Web há anos. E verbalmente, eu insisti que minhas pesquisas nos sites "neonazistas" mostraram que as afirmações quanto aos números sobre Santa Catarina foram aferidos pela análise dos sites e dados de tráfego, e, portanto, os confirmo, mas, quanto à origem étnica dos "navegadores" de Internet, o que eu afirmei foi (minha dissertação, p. 46). [sic]" (GERTZ, 2009, p. 60)

[82] Dias chega a afirmar a existência de 105 mil neonazistas somente no sul do Brasil. Disponível em < https://www.bemparana.com.br/noticia/parana-e-um-dos-estados-brasileiros-com-maior-numero-de-neonazistas#.XkV97mhKi01 > Acessado em 05/11/2020

[83] Fora escolhida a população do ano de 2010 pela proximidade do ano da realização da dissertação de Dias, em 2007.

neonazismo, como a negação do holocausto e a eugenia, pode ser considerado neonazista, os dados disponibilizados por Dias (2005; 2007) são considerados fundamentais para a presente pesquisa, não considerando as críticas de Gertz (2009) suficientes para desconsidera-la.

O uso das plataformas virtuais para esses fins não ocorre apenas no Brasil. Conforme pesquisa apresentada em 2018[84] pela Agência dos Direitos Fundamentais (FRA, na sigla em inglês), da União Europeia, a pesquisa aponta para um crescimento de casos de antissemitismo na Europa, e, segundo 89% dos 16.395 judeus entrevistados, o antissemitismo na internet tem-se tornado um problema sério em seu país.[85]

Ponto importante a se destacar é o abordado por Caldeira Neto (2017, p. 3, 4, grifo nosso):

> Seja pela facilidade de colaboração, divulgação e circulação de conteúdo em dimensão global, a internet é, atualmente, a principal plataforma para formação e disseminação de materiais e atividades neonazistas. É necessário, contudo, ressaltar que *a* **imaterialidade do virtual não implica inexistência no real, do mesmo modo que a intensidade do virtual não implica necessariamente fenômenos de massificação nas ruas.** Ainda assim, a circulação dessas ideias impacta o real de diversas maneiras, seja pelas múltiplas dimensões da violência desses discursos de ódio, ou ainda pela possibilidade de articulação em momentos de crise política e social.

Retornado ao cenário online brasileiro, as críticas que Gertz (2009) faz a Dias (2007) parece desconsiderar a análise de tráfegos de dados, que Dias (2007) aponta como parte da metodologia que utiliza em suas pesquisas. Como exemplo do estado de Santa Catarina, Gertz (2009, p. 39) alega que as pesquisas realizadas no Google não revelam uma expressividade singular no estado, no que tange a manchetes jornalísticas de casos de neonazismo. Tal inexpressividade de casos policiais pode ou não implicar na improbabilidade de um número tão grande de consumidores de material neonazista. Como comenta Pereira (2016, p. 23, grifos nossos):

> A crítica [de Gertz] se dá por causa dos meios pelos quais sua pesquisa [de Adriana Dias] se pautou: a internet, um instrumento nem sempre confiável para se obter dados e publicá-los cientificamente. Além disso, entende o autor que os que baixam documentos de inspiração nazista ou

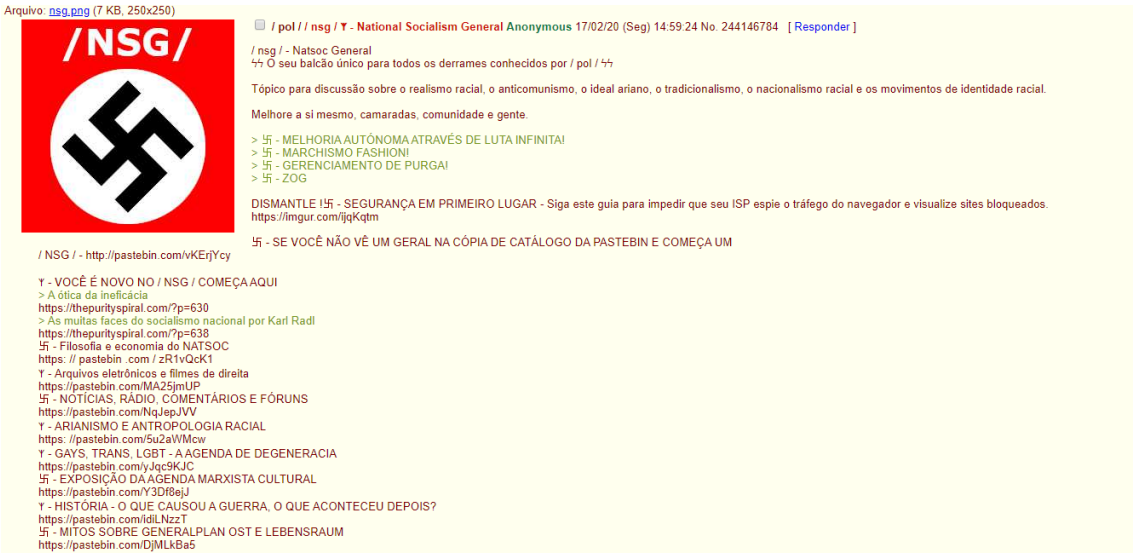
[84] A pesquisa foi divulgada logo após um homem armado ter assassinado 11 pessoas em uma sinagoga na cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos.

[85] Disponível em < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46557375 > Acessado em 31/10/2020

> neonazista não necessariamente são adeptos, simpatizantes ou possuem a intenção de fazer parte de algum grupo subversivo. Há aqueles que baixam materiais apenas para estudar esse fenômeno de âmbito mundial. A internet informa, mas também omite muito do que é real e verdadeiro; uma via de muitas contrariedades e indefinições.

Porém, certos fóruns e sites abordados por Dias (2007) pertencem a domínios estrangeiros – não catarinenses, como fora o Valhalla88 -, que, inclusive, ainda estão ativos no momento da elaboração desta monografia, como *Stormfront, NSDAP/AO, Daily Stormer* e o *National Vanguard.* Outros, abordados aqui, como *55chan, Dogolachan* e *4chan*[86] funcionam normalmente por não abordarem exclusivamente esses temas. Não são, portanto, nitidamente catarinenses, mas os catarinenses o acessam. Destes três últimos fóruns destacados, por mais que abriguem uma infinidade de assuntos e participantes, basta navegar por alguns minutos para se deparar com *boards*[87] com temas supremacistas, racistas ou neonazistas[88]; bastou apenas pesquisar por “Hitler” na aba de pesquisas do site *4chan*, por exemplo, para ter acesso a *board* de discussão sobre (Figura 8).

Figura 8 - *board* do fórum 4chan



Fonte: Captura feita pelo autor, 4chan.org, 2020

[86] Os últimos três fóruns citados são abordados nesta monografia; também, por mais que apresentem conteúdo e temas neonazistas, não são fóruns voltados unicamente para essas discussões.

[87] Pranchas; temas de discussão.

[88] O fórum 4chan, por exemplo, desde 2003 possuí um total de 3,319,355,490 mensagens postadas. Disponível em < http://www.4chan.org/ >; Acessado em 17/02/2020.

Ainda sobre a observação de Gertz (2009) quanto a escassez de casos policiais sobre; como mencionado, estes 90 mil neonazistas seriam “gente introspectiva” (GERTZ, 2009, p. 20). Caso o estudo de Dias (2007) compreenda de forma fidedigna a extensão desse número, estaremos lidando com uma natureza neonazista que abrange desde populares skinheads até os que optam pelo ativismo majoritariamente virtual; muitas vezes fora do escopo de vigilância policial.

De certa maneira, os indivíduos que consomem tais materiais, e até aqueles que participam desses fóruns, podem não estar infringindo lei alguma, uma vez que o revisionismo histórico e o negacionismo do holocausto não são considerados, no Brasil, especificamente crimes[89]; basta lembrar da condenação de S. E. Castan, dono da Editora Revisão, que publicava livros revisionistas e antissemitas nas décadas de 1980 e 1990, que foi julgado por racismo, de acordo com o Art. 20. da Constituição Federal, por: Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97).[90] Ou seja, Castan não foi julgado por propagar material nazista, como condena a Lei 9.459/97, de 13 de maio de 1997, mas pelo racismo com a comunidade judaica. Castan não era sútil em seu antissemitismo, como bem apontou no julgamento do STF o ministro Maurício Corrêa ao ler o trecho do livro **Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira**, onde Castan escreveu que "[...]os únicos gananciosos da Grande Guerra foram de fato os judeus".[91] Possivelmente, se seu racismo não fosse tão declarado, não seria imputado crime.

Ainda sobre a negação do contingente neonazista brasileiro, Gertz (2009) aponta a conversa que teve como delegado Paulo César Jardim, de Porto Alegre, e também de suas aparições na mídia sobre atentados neonazistas, no qual, o delegado afirma ser “um especialista no assunto”[92]. Entre algumas manchetes,

---

[89] O Negacionismo do Holocausto é crime em, pelo menos, 17 países: Áustria , Bélgica , República Tcheca , França , Alemanha , Hungria , Israel , Liechtenstein , Lituânia , Luxemburgo , Holanda , P olônia , Portugal , Romênia , Rússia , Eslováquia e Suíça. (LECHTHOLZ-ZEY, 2010)

90 JULGAMENTO DE SIEGFRIED ELLWANGER CASTAN. LIBERDADE DE EXPRESSÃO VS. LIBERDADE DE CRENÇA, Jonathan Bigas, 2018. Disponível em < https://jus.com.br/artigos/70489/julgamento-de-siegfried-ellwanger-castan-liberdade-de-expressao-vs-liberdade-de-crenca > Acessado em 05/11/2020

[91] Disponível em < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54743832 > Acessado em 31/10/2020

[92] Disponível em < https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/10/nao-e-uma-suastica-diz-delegado-sobre-corte-em-corpo-de-jovem-cjn3i2oco03yx01rxntxiek2v.html > Acessado em 05/11/2020

Gertz (2009, p. 75) aponta para a entrevista dada ao Terra Magazine, onde o delegado dá algumas informações sobre sua experiência na capital gaúcha. Para o delegado, “mais de 35 pessoas[93] já foram indiciadas em inquéritos policiais e denunciadas por formação de quadrilha, tentativa de homicídio.”, grande parte delas “[...] são jovens entre 17 e 30 anos, de classes sociais diversas, movidos pelo ódio a judeus, homossexuais e negros.”.

O delegado, no entanto, ao ser questionado sobre o uso da internet como meio de comunicação, não considerou substancial a hipótese, e disse: “Não acredite muito no que está na internet. É um jogo de inteligência. Para um lado e para o outro”. Para ele, o uso da internet tem como fim “enganar, nos ludibriar”.[94] Ao que aparenta, para o delegado Jardim, a tipificação neonazista exige um número maior de características que revelam o envolvimento profundo de um indivíduo a movimento.[95] Paulo César Jardim, entretanto, em recentes entrevistas, afirmou que as denúncias referentes a crimes de racismo e vinculados ao neonazismo tem crescido nos últimos anos, o que Gertz (2013) questiona, dado aos posicionamentos do delegado que, até então, apontavam para uma afirmação contrária. As investigações quanto ao neonazismo tem crescido, de fato, no estado do Rio Grande do Sul (PEREIRA, 2016, p. 110).

Quanto a relação entre neonazismo e colonização alemã, há a discussão se a maioria dos neonazistas são de descendência alemã, e se estes se concentram

---

[93] Gertz (2009, p. 75) ironiza “Deve-se imaginar que aconteceria se, dia desses, a imprensa noticiasse que estado do Rio Grande do Sul, como um todo, está infestado com 40 facínoras “comuns”!”

[94] Disponível em < http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5070131-EI6594,00-Os+neonazistas+sao+bem+mais+que+meia+duzia+afirma+delegado.html > Acessado em 05/11/2020

[95] Em outubro de 2018, pouco antes da eleição presidencial, uma mulher afirmou ter sido agredida por três homens, que desenharam uma suástica com um canivete em sua barriga, em Cidade Baixa, Porto Alegre (RS). Na época, o delegado afirmou que o desenho não se tratava de uma suástica nazista, mas de um símbolo budista, ligado ao amor e harmonia. Isso deve-se ao fato da suástica estar invertida, se assemelhando mais ao símbolo budista do que ao nazista. Para o delegado, o desenho “[...] é semelhante a uma suástica, mas não está correto. Está ao contrário. Quem fez aquilo ali não sabia o que era uma suástica”. No final de outubro, a polícia do Rio Grande do Sul confirmou, através de acordo com laudo técnico, que a marca fora resultado de uma automutilação. Se houve a participação de terceiros no desenho, fora consentida pela mulher, pela falta de sinais; “De acordo com o documento, nº 155.470/2018, durante o exame de corpo de delito feito na jovem, não foram encontradas "lesões na face ou nas mãos e nos antebraços que sejam caracteríticas [sic] de autodefesa".” Disponível em < https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/10/nao-e-uma-suastica-diz-delegado-sobre-corte-em-corpo-de-jovem-cjn3i2oco03yx01rxntxiek2v.html > Acessado em 05/11/2020; maiores detalhes sobre o laudo técnico, disponível em < https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,jovem-marcada-com-suastica-no-rs-sera-indiciada-por-falso-testemunho,70002561424 > Acessado em 05/11/2020

em cidades como Blumenau e Joinville, SC, por exemplo. Existe, de fato, a necessidade de resgatar a pátria e os valores alemães, e muitos dos *anacronautas* dizem pertencerem a germanicidade. (DIAS, 2007, p. 101). É necessário deixar clara a informação que, tratando-se do neonazismo, especificamente, não busca-se, no presente trabalho, relacioná-lo com grupos étnicos, como os descendentes de alemães e italianos.[96] Tal informação é destacada pelo fato de determinados autores, como apontado por Gertz (2009), vagamente relacionarem cidades com histórico de imigração de tais etnias com a existência do neonazismo. Por mais que é perceptível a questão da "raça branca"*,* tão destacada pelos skinheads, nos neonazistas, não há uma relação direta e substancial com uma ascendência alemã. Ainda, "Se, eventualmente, souberem algumas palavras em alemão, as terão aprendido após aderir, só por amor à causa" (GERTZ, 2009, p. 32). Como afirma Gertz (2009, p. 32, grifo nosso)

> [...] não há evidências de que se trate exclusivamente – nem majoritariamente – **de gente com sobrenome alemão**. Além disso, me falaram com muita ênfase das intensas discussões "internas" sobre a identidade dos "neonazistas" – ou seja: que se discute fervorosamente como uma gente que, **maciçamente, não possuiria "sangue puro"** e, muitas vezes, nem seria branca, pode ser "nazista".

Como grifado na citação acima, Gertz (2009) revela, pelo menos, dois pontos interessantes quanto a formação dos neonazistas; o primeiro, quando comenta a não-exclusividade de "gente com sobrenome alemão"*,* reitera que estes indivíduos, de fato*,* não são alemães. No entanto, essa peculiaridade não impede esses indivíduos de se reconhecerem como assim sendo ou de simpatizarem com ideias neonazistas; antes de tudo, são supremacistas, enaltecem a raça branca acima das demais. Logo, o ser branco é sinônimo de superioridade, principalmente os brancos europeus. Numa seção do site Stormfront[97] destinada ao Brasil, há um tópico de discussão intitulado **"Brasileiro, qual a sua ancestralidade?***"*. Nele, inúmeros

[96] Com as informações obtidas para o desenvolvimento deste trabalho, não foram achadas provas concretas que a germanicidade, que fora essencial na solidificação do nazismo nas décadas de 1930/1940 no Brasil, tenha desempenhado papel principal na formação dos grupos neonazistas. Mesmo que haja um maior destaque na região Sul, estes não se mostram significantes para correlacionar os casos com a história da imigração alemã.

[97] Conforme indicado pelas figuras 19 e 20, o estado de Santa Catarina se destacou nas pesquisas mais recentes em relação ao fórum. As principais pesquisas relacionadas, indicadas pelo Google Trends, dos últimos cinco anos, são "**Stormfront**, o fórum de discussão, **The Boys**, a revista em quadrinhos, **The Daily Stormer**, site supremacista, e os termos **Fórum de discussão** e **Neonazismo**." Disponível em < trends.google.com.br > Acessado em 21/06/2020

participantes[98] revelam suas ascendências, que são, em grande parte, espanhola, portuguesa, irlandesa, italiana, ucraniana, romena, inglesa, alemã e francesa. Não há um destaque de descendentes de imigrantes alemães, mas, sim, de europeus.

O segundo ponto destacado por Gertz (2009) é pela discussão sobre como uma gente que "maciçamente, não possuíra "sangue puro"" pode ser ou simpatizar com o nazismo. A miscigenação no Brasil é clara, e não seria diferente nos autoproclamados supremacistas. No entanto, eles se auto intitulam herdeiros da eurocentridade étnica, mesmo possuindo 10% de ancestralidade alemã.[99] O neonazista tupiniquim não segue os preceitos do NSDAP de forma dogmática; adaptam os critérios mediante a realidade social em que se inserem.[100]

Isto posto, pode-se desenvolver melhor a questão da escolha por Santa Catarina pelo maior número de declarados brancos. O "ser branco" talvez seja a única coincidência identificável objetivamente nesses grupos. Estes querem, ao que aparenta, utopicamente, remover grupos étnicos não-brancos de sua comunidade[101] branca. No entanto, quaisquer conclusões mais palpáveis não são possíveis pela razão de que, por não haver um grupo único com um projeto unificador, não há informações sobre os reais planos – se realmente há algum – concreto(s) para branquear o estado.

Em questão do neonazismo, a questão social, e até mesmo etária (GERTZ 2009, p. 75), mostra-se mais significativa do que a étnica-cultural. Os atiradores de Suzano, por exemplo, possuíam influências nazistas não pelo estado de São Paulo abrigar o maior número de filiados da NSDAP durante as décadas de 1930/1940, mas, sim, por uma série de fatores, que incluíram bullying e o contato com material nazista na web. Aqui, pode-se desenvolver um paralelo com o papel da imprensa nos carecas de São Paulo (VALENCIA, 2013, p. 23) e como o estilo *Oi! Music*. Os

---

[98] Há 491 comentários – muitos de membros que comentaram mais de uma vez. Disponível em < Stormfront.org > Acessado em 18/02/2020.

[99] Um dos participantes do tópico recentemente destacado afirma ter 10% de descendência alemã, 5% danesa, 10% portuguesa, 35% espanhola e 40% francesa.

[100] Em 2015, cinco membros do grupo neonazista Tercera Fuerza, da Colômbia, foram para Alemanha apoiar um protesto de neonazistas contra a presença de imigrantes sírios no país. No entanto, os neonazistas alemães espancaram os neonazistas colombianos, e a polícia teve que intervir. Após a agressão, um dos colombianos, Helmuth Buriticá, em entrevista no hospital de Dresden, afirmou que queria respeito, para que não o chamassem mais de *morenazi.* Disponível em < https://www.minutouno.com/notas/1292987-insolito-cinco-neonazis-colombianos-fueron-golpeados-neonazis-alemanes > Acessado em 05/11/2020

[101] Leia-se, aqui, estado de maioria branca, Santa Catarina.

atributos subculturais se apresentam como mais eficazes para o recrutamento de simpatizantes do que a característica puramente étnica.

Caso levado em conta os critérios já apresentados, é clara a dificuldade em numerar esses grupos. Alguns autores, contudo, utilizam, em teoria, de um critério similar, mas compreendem o neonazismo como fenômeno mais extenso. Na pesquisa realizada por Gonçalvez et al. (2017, p. 2), por exemplo, o neonazismo é um de vários movimentos neofascistas, como o neointegralismo e os defensores da ditadura militar, mas se diferencia por ser de atuação transnacional. Derivam, ainda, do molde neofascista, fazendo com que apresentem similaridades com outras "expressões", como

> [...] tentações antidemocráticas, [...] também o nacionalismo excludente e hierarquizante que, em alguns casos, está baseado na xenofobia, no racismo e no antissemitismo, assim como na oposição às esquerdas e ao liberalismo [...] (GONÇALVEZ et al., 2017, p. 2).

Outro empecilho dos declarados neonazistas, como já abordado, além da inconstitucionalidade, é o reflexo da prática ilegal, que resulta na inexistência de representantes políticos que detém as ações e ideias esperados. São "órfãos políticos" (GONÇALVEZ et al., 2017, p. 3), que, por sua vez, escolhem a expressão política que mais se aproxime de suas convicções. Os políticos que são adotados por esses grupos não são, necessariamente, supremacistas, mas, por vezes, cometem um racismo velado, desapegado de uma superioridade, mas que, ainda assim, existe.

Há uma diferença do racismo praticado por neonazistas e do racismo cotidiano e estrutural (CARDOSO, 2009, p. 6). Por vezes, o que há é a contabilização geral, por parte do senso comum, de casos de racismo como sinônimos de uma supremacia homicida; não que haja, de maneira alguma, algum racismo étnico permitido ou válido. Há, pois, tanto uma branquitude que reconhece a existência do racismo e suas implicações no mundo moderno, tanto "[...]quanto [há uma] argumentando em favor da superioridade racial e pureza nacional" (CARDOSO, 2009, p. 7).

Tal orfandade política lembra o caso dos imigrantes alemães, como exposto por Dietrich (2007), em inúmeras vezes os colonos alemães buscaram se isolar etnicamente. O comportamento de isolamento também é presente nos supremacistas brancos, como reiterado nas discussões anteriores. Para analisar

ambos os contextos sem anacronia, deve-se compreender, portanto, a realidade social brasileira durante a presença de ambos os movimentos.

No geral, referente ao cenário brasileiro como um todo, segundo Adriana Dias[102], como já informado, Santa Catarina é o segundo estado com mais grupos neonazistas, com "[...] 69 células [...] em atividade, atrás apenas de São Paulo, onde foram identificados 99 grupos." Chegamos, por conseguinte, aos principais núcleos do NSDAP no Brasil, com São Paulo, despontando com o maior número de filiados, e Santa Catarina, logo em seguida. Para melhor compreensão da dicotomia nazista, tratemos, aqui, do estado de Santa Catarina e de São Paulo, para melhor retratar as expressões destes. Ainda, se comparados, em relação ao nazismo da década de 1930, de acordo com Moraes (1996, apud DIETRICH, 2007, p. 59, 60), o estado de SC possuía cerca de 200 filiados a menos que São Paulo; em contra partida, possuía 20 mil alemães a menos. Em síntese, São Paulo possuía um partidário para cada 47 colonos alemães. Santa Catarina possuía um partidário para cada 21 colonos alemães.

Para a atualidade, por não se tratar de um número partidário – pela inexistência do NSDAP – o número de neonazistas é incerto. Há uma tentativa de propor uma gênese para o neonazismo que culmina em sua versão tradicional da década de 1930. É capcioso traçar uma linha histórica do desenvolvimento pleno do nazismo utilizando imigrantes alemães e/ou nazistas tradicionais como percussores. Como afirma Caldeira Neto, em entrevista a Superinteressante (2018)[103], a dada relação, que muitas vezes mostrasse aparente, é pela forma como os neonazistas visualizam esse processo. Os que se enxergam como descendentes alemães reivindicam sua ancestralidade europeia, mesmo possuindo uma série de outros parentescos de outras origens.

Conforme Gertz (2009, p. 48):

> A concepção dominante de que há uma linha de continuidade (herança) entre o nazismo dos anos 1930 e o "neonazismo" atual traz, no mínimo, implícita a ideia de que este último também é "coisa de alemão".

Gertz (2009, p. 38, grifo nosso) complementa:

---

[102] Disponível em < https://www.nsctotal.com.br/noticias/pesquisadora-identifica-69-grupos-nazistas-em-atividade-em-santa-catarina > Acessado em 05/11/2020

[103] Disponível em < https://super.abril.com.br/historia/meu-professor-e-nazista/> Acessado em 05/11/2020

> Se alguém pudesse mostrar que 50% dos “neonazistas” de 2009 possuem um avô que em 1935 era filiado ao partido nazista, **estaríamos diante d [sic] uma hipótese plausível de continuidade**. Mas aqui se trabalha com a certeza absurda de que se em 1935 havia alguns nazistas andando pelas ruas de Porto Alegre, e em 2009 algumas pessoas são identificadas como “neonazistas”, então está provada uma linha de continuidade.

Conforme censo de 2010[104], o IBGE apontou que a região Santa Catarina possuía 5 246 868 milhões de declarados brancos (83,97% do total)[105], enquanto São Paulo conta com 26 371 709 milhões de declarados brancos (63,91% do total)[106]. Assim, temos, em Santa Catarina, atualmente, um maior número de declarados brancos; e uma maior proporção de filiados ao NSDAP por imigrante alemão, na década de 1930. No entanto, os primeiros movimentos de cunho neonazista, os Carecas do Subúrbio, surgiram em São Paulo, o que leva a entender que a supremacia branca, presente no movimento, não se dava pela maioria branca, mas pelo contato continuo com nordestinos, índios e negros, o que, para Almeida (2004, p. 84), revela uma imagem,

> [...] a do indivíduo nômade, aquele que não conseguiu se estabelecer e assim migra para as regiões que dispõem de mais recursos, no caso, São Paulo. Ele é o “invasor das terras do homem branco”, persona non grata chegam aos milhares, ocupam postos de trabalho reservados aos brancos o espaço físico com favelas, transformando-se em uma ameaça econômica aos paulistas.

Mostra-se mais razoável, pois, a consideração de que não fora necessariamente a presença de colonos alemães que impulsionou uma possível neonazificação do estado, no que tange a Santa Catarina. Por ser uma região metropolitana maior, como um todo, o estado de São Paulo abrigou os primeiros indícios de neonazismo no Brasil, acompanhando a ascensão dos skinheads ingleses (VALENCIA, 2013, p. 23).

> [...] eles teceram uma rede complexa de busca de informações, de troca de experiências, através de fanzines, de cartas, de troca de fitas, de caráter alternativo a rede oficial, o que também lhes permitiu entrar em contato com os punks e skinheads existentes no mundo [...] (COSTA, 1993, p. 83 apud ALCANTARA, 2015 p. 8).

Como dito por Costa (1993 apud ALCANTARA, 2015), a “rede complexa de busca de informações” fomentou aqueles que se viam pertencentes a causa e que

---

[104] Disponível em < https://censo2010.ibge.gov.br/ > Acessado em 31/10/2020

[105] Em 1940, ainda segundo o IBGE, o número era de 94,4%.

[106] Em 1940, ainda segundo o BGE, o número era de 84,9%.

procuravam material musical e cultural relativo, bem como os que procuravam quem partilhasse de suas ideias. Logo, é identificável a presença destes supremacistas pelo menos desde a década de 1980 no Brasil. Quanto a sua proporcionalidade, no entanto, não foi possível apontar objetivamente um contingente exato, mas, ainda assim, foi possível reconhecer a expressividade de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul no que tange a militância online. Sendo o número estimado por Dias (2005; 2007) ou não, há a atividade de neonazistas no Brasil, e estes se nutrem de materiais disponibilizados online.

4.4 EDITORA REVISÃO E PRODUÇÃO REVISIONISTA.

Em sua época de vigência na Alemanha, o NSDAP possuía seus intelectuais e cientistas que construíram e divulgavam a sua ideologia. O sistema criado pelo partido perpetrou de forma significativa na moral social dos alemães, e toda ação que hoje julgamos como atroz, era encarada como corriqueira e moral por parte dos mesmos.[107] No mesmo molde, o século XXI resguarda seus intelectuais que levam adiante as ideias nazistas de forma moral, no sentido de agirem sob a ótica moral e necessária, segundo provas e estudos científicos. Em síntese, os neonazistas não se mostram racistas/racialistas sem motivo algum, mas o são porque determinados estudos e pesquisas de caráter dito científico afirmam que o racismo e o racialismo são necessários e atuais. Concomitantemente, a negação do Holocausto e o revisionismo por parte da história documentada do século XX se dá por produções

[107] Como um dos casos mais documentados, Adolf Eichmann, um dos principais responsáveis pelo Holocausto, foi julgado em Jerusalém em 1961, e seu julgamento foi acompanhado por Hannah Arendt, uma alemã judia que fugira para os EUA em 1941. Os relatos do julgamento renderam um livro, Eichmann em Jerusalém, onde Arendt pontua algumas observações acerca do nazista médio tendo Eichmann como exemplo. Guterman (2013, p. 18, grifo nosso) cita a contribuição de Arendt por "[...]demonstrar que um dos principais artífices do genocídio, Eichmann, não era um assassino sádico, e sim um homem comum, que não era especialmente antissemita e que fez tudo para ser um burocrata exemplar. É um novo tipo de criminoso: **aquele que comete crime porque é obediente à lei.**" Nesse sentido, a complacência do alemães durante o terceiro Reich se dava pela legitimidade dos atos atrozes, respaldados por uma redefinição de moral, [...]de modo a aliviá-las [carrascos e vítimas] de qualquer peso de responsabilidade moral, pois esta recaía na "organização". (GUTERMAN, 2013, p. 18)

especificas, onde sujeitos e organizações[108] asseguram possuírem provas que contestam a “mentira do século”[109].

Dessa realidade, Andrade (2013, p. 12) afirma:

> A fusão entre o negacionismo e a ideologia hitlerista foi a grande sacada para o movimento neonazista. Essas duas correntes se tornariam as bases ideológicas e as principais ferramentas na construção do movimento político.

Assim, enquanto David Irving, Ernest Zündel, Frederick Arthur Leuchter, como apontados anteriormente, representam alguns dos autores que fundamentam os grupos neonazistas no estrangeiro[110], no Brasil há um aproveitamento também pluripartidário, isto é, não apenas de autores devotos do universo neonazista, mais quaisquer que corroborem os pressupostos revisionistas[111], como caso de Gustavo Barroso, integralista e advogado cearense, autor de obras como História Secreta do Brasil. Barroso também foi um dos expoentes do integralismo. Segundo Caldeira Neto (2011, p. 4):

> Ainda que houvesse práticas e algumas obras antissemitas em produção e sobretudo circulação no Brasil anos antes da fundação do integralismo, coube de fato ao movimento dos camisas e blusas verdes a sistematização de uma literatura doutrinária extremamente preconceituosa e que frequentemente (mas não obrigatoriamente) englobava todos os males da humanidade em uma categoria específica, os judeus, à partir da defesa de ideias que, apesar de baixa fundamentação em relação verossimilhança, eram bem aceitas, sobretudo pela militância de base da AIB.

---

[108] O *National Alliance,* site de uma organização supremacista estadunidense de fácil acesso aos brasileiros, estampa em sua *home: no multi-racial society can be a truly healthy society*. Tradução do Google Tradutor: nenhuma sociedade mutiracial é uma sociedade saudável. Disponível em < https://natall.com/ > Acessado em 05/11/2020

[109] Alusão ao livro do revisionista brasileiro S. E. Castan, A Implosão da Mentira do Século (1992). O autor será melhor abordado no discorrer do capítulo.

[110] Aponta-se aqui a fundamentação que esses autores fomentam não como modo único de influência dos neonazistas, uma vez que, como extensamente já abordado, a música e a mídia também possuíram papel importante na elaboração da mentalidade supremacista.

[111] Caldeira Neto (2011, p. 4, 5) ainda pontua, tratando-se do trabalho exercido pelo integralismo, mas que pode-se aplicar, também ao neonazismo, que a ideia do complô judaico internacional e toda a estrutura investigativa que a estuda “[...] foram não somente reproduzidas por autores e imprensa integralista, mas também reestruturados e reaplicados no contexto da sociedade brasileira, tanto no período então presente (anos 1930) quanto na própria história política, econômica e militar nacional. Para tal, obras como “Brasil – Colônia de Banqueiros” de Gustavo Barroso buscavam não somente situar a chamada questão judaica para a militância integralista, mas também criar uma própria versão da história brasileira, na qual os judeus seriam determinantes para a criação dos problemas nacionais, desde tempos remotos.” Por mais que não houvesse uma “imprensa neonazista brasileira”, e não há, estes igualmente reestruturarão e reaplicaram conceitos e informações que já se desenvolvia noutros países.

Anos mais tarde, viu-se o grande salto revisionista com a Editora Revisão, fundada nos anos 80, que foi:

> [...] responsável por produzir diversos livros de matriz antissemita e da negação do holocausto, que futuramente seriam tão utilizados pelos grupos neonazistas, se tornando a "bíblia" neonazista. O principal livro é o "Holocausto Judeu ou Alemão – Nos bastidores da Mentira do Século", de autoria de Siegfried Ellwanger Castan. Este é o revisionista/negacionista (pseudo-historiador) mais conhecido em nosso país, dono da Editora Revisão e autor de vários livros revisionistas, sendo em sua grande maioria sobre a 2o Guerra Mundial (ANDRADE, 2013, p. 82).

Siegfried Ellwanger Castan, mais conhecido pela pseudônimo S. E. Castan, foi o expoente revisionista no Brasil, e sua produção é de suma importância no estudo da realidade atual desses grupos, pois se apresenta como fonte primária de uma série de artigos e ensaios de fóruns brasileiros neonazistas. No entanto, nota-se uma discrepância entre o amplo público neonazista. Castan é o autor que auxilia na compreensão não só da formação intelectual desses grupos, mas também de suas vertentes.

No site, Stormfront.org[112], há alguns fóruns que comentam sobre S. E. Castan. Em 2010, logo após a morte do escritor, um destes fóruns, intitulado 'Faleceu S. E. Castan'[113], alguns participantes elogiaram seus livros e o chamaram de "figura tão forte, determinada, fidelíssima às suas convicções, exemplo de caráter e honradez". Outros ainda o compararam com Eugéne Terre'blanche, supremacista sul-africano defender do apartheid. S. E. Castan foi, para seus leitores, "um grande pensador e idealista nacional, talvez o de maior expressividade e influência."

Por conta do conteúdo abordado em seus livros, Castan foi alvo de denúncias, que o acusavam de antissemitismo e racismo. Em abril de 2000, o STF condenou, de acordo com a Folha de São Paulo[114]:

> [...] crime de incitação ao racismo, o editor Siegfried Ellwanger a dois anos de reclusão. Por ser primário, Ellwanger, que assina suas obras -se é que elas são dignas desse nome- como S.E. Castan, não irá para a cadeia, mas terá de prestar serviços comunitários.

E ainda:

---

[112] Até a data de consulta do site, há, na seção para brasileiros, 2738 fóruns de discussão, sendo que o mais acessado, o de tema "White Pub - Bar do SF Brasil", conta com 6036 postagens.

[113] Disponível em < https://www.stormfront.org/forum/t746553/ > Acessado em 05/11/2020

[114] Disponível em < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1104200003.htm > Acessado em 05/11/2020

> Ellwanger, não satisfeito em negar a existência dos campos de concentração e o assassinato sistemático de 6 milhões de judeus na Segunda Guerra Mundial, afirma que os alemães são vítimas de um complô judaico.

Em 2002, a defesa de Castan apresentou um pedido de Habeas Corpus, que, após cinco sessões plenárias, foi negada pelos ministros.[115] Sua condenação foi o primeiro de condenação definitiva por antissemitismo na América Latina.[116] Em 2004, Castan publicou um artigo na Folha de São Paulo de tema 'O Caso Ellwanger' onde contestava as decisões dos ministros, e afirmou que "Propositada e falsamente, confundem meu antissionismo com antissemitismo[117] e com racismo"[118]

Figura 9 - resultados de busca pelo livro 'Holocausto Judeu ou Alemão?' no Mercado Livre, em 31/10/2020.

Fonte: Captura feita pelo autor, Mercado Livre, 2020

Por mais que tenha sido julgado e seus livros recolhidos, sua popularidade e acessibilidade, referente aos que simpatizam com suas ideias, é nítida. Uma

---

[115] Disponível < http://temas.folha.uol.com.br/liberdade-de-opiniao-x-discurso-de-odio/o-que-diz-a-lei/em-julgamento-historico-supremo-condenou-negacionista-do-holocausto.shtml > Acessado em 05/11/2020

[116] Ibidem

[117] Vê-se, aqui, a terminologia empregada no discurso para desvincular o autor das ideias concebidas. O aparente caso de confusão entre antissemitismo e antissionismo é similar ao caso dos skinheads da Blood & Honror, que se autoproclamavam racialistas e não racistas. No entanto, da mesma forma que racialismo soa como forma neutra e racismo como modo negativo, as afirmações de Castan, por mais que, como o mesmo afirma, sejam vazias de acusações morais, há inúmeras posturas que o mesmo toma que são claramente racistas e antissemitas.

[118] Disponível em < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0305200410.htm > Acessado em 05/11/2020

pesquisa feita em sites populares de venda online mostrou o fácil acesso físico ao seus livros (Figura 10). No Mercado Livre, por exemplo, mostraram treze exemplares a venda do livro *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos bastidores da Mentira do Século;* na Estante Virtual, site voltado para a comercialização de livros, foram encontrados sete exemplares; na Amazon, foram encontrados dois exemplares; outros sites como OSentinela vendem seus livros, e outros do gênero, aparentando possuir mais de um único volume.[119]

Castan representa um exemplo da divisão teórica dos neonazistas se apontarmos a questão antissemita como importante característica divisória. Nos sites e fóruns identificados na presente monografia, a maioria esboça o negacionismo pleno do Holocausto; considerando-o inexistente na história. Dias (2005) realiza uma etnografia nos sites utilizados em sua pesquisa, e na ficha nº02 (DIAS, 2005, p. 35, 36) expõe 34 sites com conteúdo neonazista, e destes apenas 7 não apresentam o elemento "5º Posiciona-se, politicamente, a favor de uma abordagem revisionista, quanto a questão do holocausto?".

Há uma parcela do neonazismo brasileiro, portanto, que segue por uma linha negacionista. Interessantemente, conforme apresenta Almeida (2004) ao citar a primeira edição do fanzine paulista "Raça e Pátria" revela que o autor S. E. Castan era alvo de inúmeras críticas. Uma delas, e a de, para o caso aqui abordado, maior destaque, é o a ótica de Castan sobre o Holocausto. O fanzine discorda, ao dizer:

> Quanto a (sic) questão dos Judeus, 6 milhões talvez (sic) seja um exagero, **mais que o NS limpou a Europa isso todos nós sabemos, e se não fosse Hitler, o que seria da Europa hoje?** É claro que os Judeus inventam muitas histórias para assustar a humanidade, pois o mentir é tão essencial quanto para o gato miar, mas o livro não precisava exagerar tanto. Para mim o que o Sr. Castan queria (como já existem inúmeros livros sobre a história da II guerra mundial, e ele seria apenas um escritor) era fazer algo diferente para chamar a atenção e vender bem e ele aparecer bem, como de fato aconteceu, e aconteceu até mais porque ele conseguiu alguns adeptos de suas idéias fantásticas e idiotas (ALMEIDA, 2004, p. 59, grifo nosso).

Estranhamente, o mesmo fanzine possuiu artigos de Castan, e até divulgou a editora Revisão em edições posteriores. O fato de criticar a ideia da não-existência do holocausto vai além do revisionismo e de sua não aceitação por parte de alguns neonazistas; abrange, ainda, um seleto grupo que abraça as ações atrozes[120] da

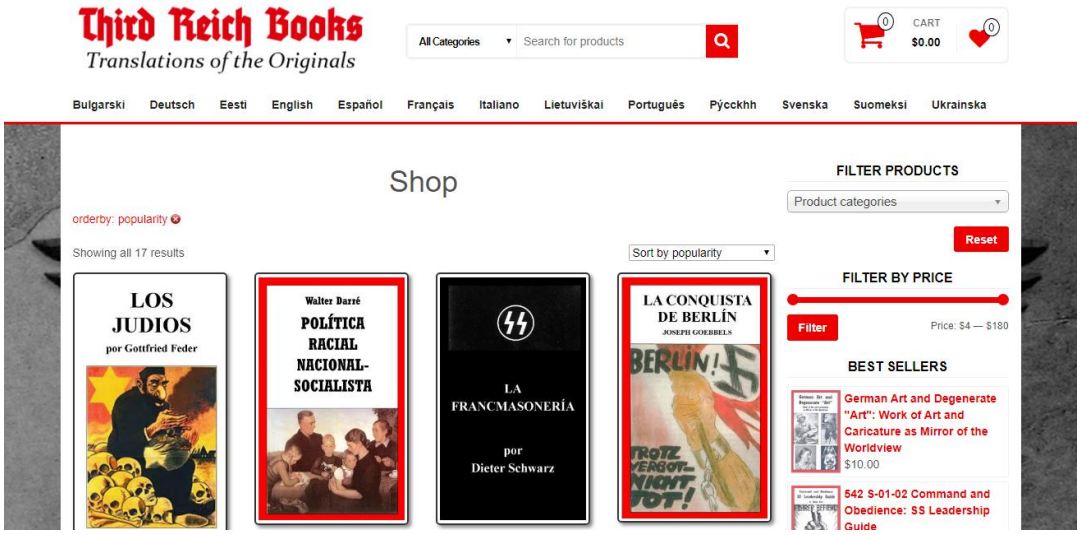
[119] Disponível em < https://www.osentinela.org/loja/ > Acessado em 31/10/2020

[120] Outro caso que demonstra a divisão dos neonazistas é a abordagem quanto ao atleta negro Jesse Owens, que ganhou 4 medalhas de ouro nas provas de 100 e 200 metros nas olímpiadas de Berlim,

NSDAP e, usando o exposto em relação a moral nazista por Guterman (2013), é como se um resgate da moral estatal se apresentasse em alguns militantes.

Há, ainda, uma quantidade enorme de sites que vendem livros e que fornecem materiais desse teor. Listá-los aqui tomaria uma parcela desnecessária da pesquisa, mas podemos destacar o site Third Reich Books, que, só em sua aba principal, oferece livros em 13 idiomas. Ainda sobre os *fanzines*, também chamados *skinzines*, quando utilizados pelos skinheads, foram o principal meio de divulgação ideológica desses grupos, junto com a música, por muito tempo. Atualmente, a internet ocupou o espaço destes boletins informativos, mas muitos passaram a ter uma versão digital.

Figura 10 - site estadunidense que realiza entregas ao Brasil.



Fonte: Captura feita pelo autor, https://third-reich-books.com/, 2020

Com a popularização da internet, os assuntos que antes eram tratados exclusivamente nos folhetins agora são postados e debatidos em fóruns e sites.

em 1936. Após sua vitória, Hitler optou por não felicitar os vencedores. Diante do fato, S. E. Castan afirma que a decisão do Führer não teve cunho racista, que Owens era, inclusive admirado na Alemanha, e que Hitler apenas acatou o pedido do COI, Comitê Olímpico Internacional. Por outro lado, o fanzine “Raça e Pátria” repugna a defesa de Castan, e quanto a vitória de Owens, ela “[...] não prova nada, por que (sic) naturalmente qualquer homem tende a perder uma prova se for posta para competir com um animal! O homem más (sic) veloz perderá para um cachorro ou para um cavalo.”

Ainda são, no entanto, comercializados nestes grupos, como característica cultural dos skinheads.

Figura 11- skinzine Das Ruas para as Ruas, que faz menção ao coronavírus.

Fonte: Born Pissed, 2020

Diante da situação oferecida pela web, com todo o acesso facilitado a conteúdos supremacistas, revisionistas e, no geral, neonazistas, um perigo que se destaca é o potencial nocivo que o revisionismo possui quando consumido por um público específico. Ou seja, caso o livro Holocausto Judeu ou Alemão? seja lido por alguém, que, com seu conhecimento prévio, não consegue desmantelar os argumentos propostos – ou não se empenha em se informar em outras referências – há, logo, uma possibilidade plausível deste simpatizar com o negacionismo e o revisionismo utilizado por este e tantos outros autores. Por exemplo, após ler a obra A Implosão da Mentira do Século, de S. E. Castan, certo Dr. António Carlos, de Porto Alegre, elogiou-a muitissimamente, afirmando

> **Sou um privilegiado**. Sim, sou um privilegiado - concluí ao terminar de ler a última folha dos originais de mais este fantástico livro de Siegfried Ellwanger Castan, cognominado desde agora, de no "**famoso caçador de mentirosos!"** (CASTAN, 1992, p. 14, grifo do autor).

A descrição de ser um privilegiado descreve a sensação do leitor ao se inteirar das informações que lhe foram privadas, escondidas e substituídas por inverdades. Só através desse conhecimento não deturpado, os indivíduos podem, de fato, fugir do rebanho alienado. Torna-se, logo, uma questão paradoxal, uma vez

que o indivíduo se impele para uma forma distinta de perspectiva, se anexando a um grupo, uma sociedade de indivíduos, onde

> [...] cada um deve ser um indivíduo. A esse respeito, pelo menos, os membros dessa sociedade são tudo menos indivíduos diferentes ou únicos. São, pelo contrário, estritamente semelhantes a todos os outros pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia devida e usar símbolos comuns comumente reconhecíveis e legíveis - para convencerem os outros de que assim estão fazendo (BAUMAN, 2005, p. 26).

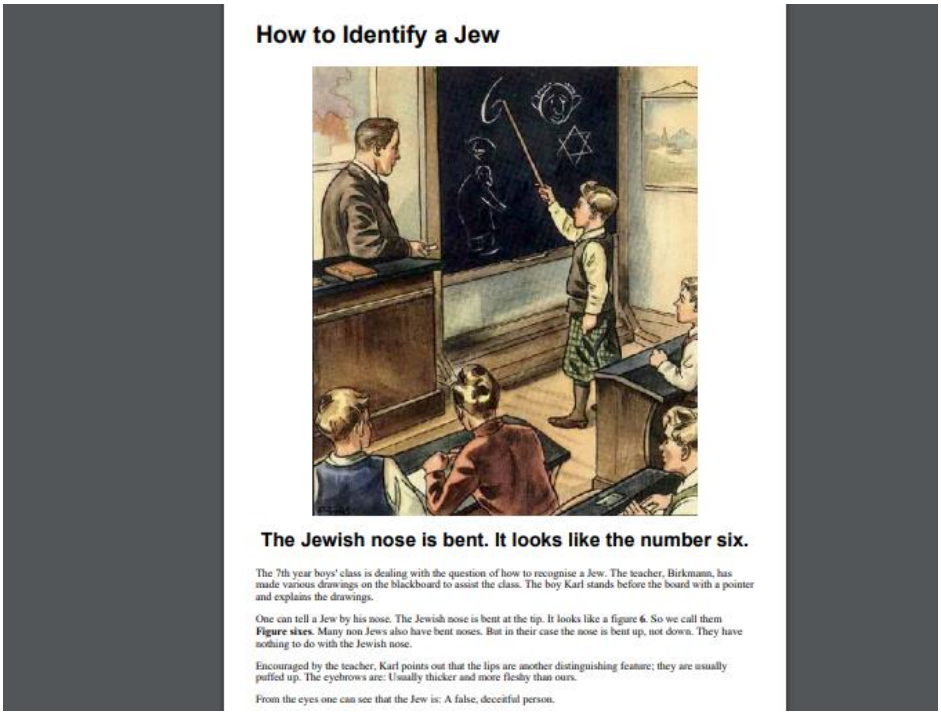
O ineditismo aparente desses indivíduos são similares, comumente encontrado nos sites analisados, e, como destacado no comentário citado de Dr. António Carlos, exprimem um afastamento ideológico; estes sujeitos creem que estão, finalmente, observando os fatos históricos, sem estarem sendo manipulados pelo judaísmo internacional (teoria conspiratória). Tal ação fora explorada por Zizek (1996), onde aponta que, por vezes, a inserção numa ideologia soa como uma libertação; o sujeito sente que está se libertando de uma doutrinação, mas se doutrina aos moldes da ideologia.

> Esses exemplos da atualidade do conceito de ideologia também esclarecem [sic] as razões por que, hoje em dia, apressamo-nos a renunciar a noção de ideologia: acaso *a* **crítica da ideologia não implica num lugar privilegiado**, como que isento das perturbações da vida social, que faculta a um sujeito-agente [sic] **perceber o mecanismo oculto que regula a visibilidade e a invisibilidade sociais**? [...] Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse. [...] Em todos esses casos, o paradoxo e que a saída daquilo que vivenciamos como ideologia é a própria forma de nossa escravização a ela (ZIZEK, 1996, p. 9, 12, grifo nosso).

Assim, nesses estudos revisionistas, o que se apresenta é uma série de posições que, gradualmente, o leitor, tratando-se daquele que frequenta fóruns e sites na web, como já exposto, passa a compactuar; posições estas que vão desde o racismo científico a intervenção judia na imprensa mundial. Constrói-se, assim, um *modus operandi* em comum. Como comenta Andrade (2014, p. 8-10), estas comunidades não se vem como skinheads, mas como uma versão mais intelectualizada, consciente e munida de informação. Basta lembrar que o NSDAP possuía seus intelectuais que agiam na cultura, como Julius Streicher, professor alemão que chegou a escrever livros antissemitas infantis, como o *Der Giftpilz* (1938), O Cogumelo Venenoso, em português, que é vendido ainda hoje pelo site

Third Reich Books e disponibilizado gratuitamente pela Nazi-Lauck[121], site que pertence ao grupo neonazista NSDAP/AO.[122]

Figura 12 - uma das lições do livro Der Giftpilz – versão em inglês -, onde se ensina a reconhecer um judeu.



How to Identify a Jew

The Jewish nose is bent. It looks like the number six.

The 7th year boys' class is dealing with the question of how to recognise a Jew. The teacher, Birkmann, has made various drawings on the blackboard to assist the class. The boy Karl stands before the board with a pointer and explains the drawings.

One can tell a Jew by his nose. The Jewish nose is bent at the tip. It looks like a figure **6**. So we call them **Figure sixes**. Many non Jews also have bent noses. But in their case the nose is bent up, not down. They have nothing to do with the Jewish nose.

Encouraged by the teacher, Karl points out that the lips are another distinguishing feature; they are usually puffed up. The eyebrows are: Usually thicker and more fleshy than ours.

From the eyes one can see that the Jew is: A false, deceitful person.

Fonte: Captura feita pelo autor, Noontide Press[123], 2020

[121] No momento da elaboração desta monografia, em 31/10/2020, o site não foi mais encontrado online, mas seu material passou a ser disponibilizado pelo NSDAP/AO.

[122] Ambos foram abordados com maiores detalhes anteriormente neste mesmo capítulo.

[123] Segundo o próprio site oficial, a "[...] Noontide Press oferece livros e gravações importantes e muitas vezes difíceis de encontrar de uma perspectiva dissidente e "politicamente incorreta". Nossa grande variedade de itens estimulantes e às vezes provocativos inclui todos os livros, discos e fitas do Institute for Historical Review, um importante centro de pesquisa e publicação revisionista de história, além de livros e brochuras de Ralph Myles, um antigo editor libertário. Mês após mês, ano após ano, a Noontide Press distribui grandes quantidades de livros, DVDs, CDs, folhetos e outros itens - um recorde inigualável por qualquer centro ou empresa semelhante. Noontide Press respeita a sua privacidade. Sua transação de doação é criptografada para que suas informações confidenciais estejam seguras. As informações fornecidas pelos clientes nunca são vendidas, alugadas, trocadas ou divulgadas de maneira semelhante a outros. Congratulamo-nos com o seu apoio. As doações para manter nosso trabalho vital são dedutíveis nos impostos. A Noontide Press é reconhecida pela Receita Federal como uma empresa 501 (c) (3) de interesse público, sem fins lucrativos. Por favor, considere também um legado em sua vontade." (Tradução automática do Google Chrome) Disponível em < http://noontidepress.com/index.php?main_page=about_us > Acessado em 05/11/2020

Como exemplo da prática revisionista para o público infantil e juvenil, em 2014, após um helicóptero da polícia avistar uma suástica no fundo de uma piscina de uma residência, em Pomerode (SC), o proprietário da casa, Wandercy Antônio Pugliesi, virou alvo de manchetes jornalísticas no ano. Um dos motivos, além da suástica em sua piscina, era a posição que Wandercy, então professor em Blumenau (SC), assumia em sala de aula.

Uma reportagem da Superinteressante (2018)[124], que entrevistou ex-alunos de Wandercy, mostra que

> Wander não fazia pregação nazista em sala de aula, mas relativizava o Holocausto, por exemplo, comparando com o número de alemães e russos mortos na 2ª Guerra. “Eu achava esquisito. Mas os alunos se revoltavam com a posição? Nem um pouco. Era um cara adorado por vários alunos”, conta. [Melissa] O relato é parecido com o de Tatiane Scoz, hoje professora de Sociologia. Em 2000, aos 19 anos, ela teve aula com Wander e lembra que o professor justificava o nazismo e questionava informações sobre o massacre dos judeus. “Dizia que havia controvérsias sobre o Holocausto e que havia um motivo econômico para Hitler fazer o que fez, como se justificasse”, relata. “Estão tentando te enganar” era um dos bordões mais famosos do professor. A frase era usada sempre que Wander queria dizer aos alunos que a história não era bem assim como lhes ensinavam.

Wandercy não é chamado, em nenhum momento durante o relato de seus ex-estudantes, de nazista; pelo contrário, os que aparecem na matéria agradecem pelo professor ter despertado o atual senso crítico que possuem. Por trás do “a história não era bem assim”, Wandercy lecionava as ideias neonazistas em sala de aula, de modo formal e rotineiro.

[124] Disponível em < https://super.abril.com.br/historia/meu-professor-e-nazista/ > Acessado em 05/11/2020

Figura 13 - edição do jornal Zero Hora que traz Wandercy como "devoto declarado" de Adolf Hitler

ZERO HORA

Ano 32 - Nº 10.938 | PORTO ALEGRE, DOMINGO, 30 DE JULHO DE 1995 | R$ 1,50

Congresso entra na fase decisiva das reformas

Encerrado o recesso parlamentar, o Congresso retoma, nesta terça-feira, o exame da reforma constitucional. Depois da aprovação, no primeiro semestre, dos itens vinculados à reforma econômica, a próxima etapa contempla mudanças na máquina administrativa do governo. A questão mais polêmica é a que propõe o fim da estabilidade dos servidores federais.

Páginas 6 e 8

O QUE JÁ FOI VOTADO (Reforma econômica)
- Gás canalizado
- Empresa nacional
- Navegação de cabotagem
- Telecomunicações
- Petróleo

REFORMAS A SEREM VOTADAS
- Administrativa
- Tributária
- Política
- Previdenciária

As claras: o professor catarinense Wandercy Pugliese é devoto declarado de Adolf Hitler

OS NETOS DE HITLER

Avaliados pelo critério da quantidade, os neonazistas do fim do milênio parecem incapazes de interferir fortemente na vida política dos territórios nos quais agem. Outros fatores recomendam mantê-los sob estreita vigilância. Valendo-se de requintados meios de comunicação para difundir a intolerância, as seitas brasileiras mantêm inquietantes conexões internacionais. Depois de incursionar pelas sombras do neonazismo, Zero Hora revela, numa série de reportagens que termina na quarta-feira, como vivem e agem os netos de Hitler. Páginas 62 a 64

Fonte: Zero Hora, 1995

O fato dos alunos não se revoltarem com a situação retrata uma aula não coercitiva, mas didática. Correlação entre os números de mortos já fora apresentada por Castan (1992, p. 12), onde, após comparar com números de judeus fornecido pelo Congresso Mundial Judaico, constata que há uma discrepância, e que a população judia não diminuiu seis milhões após a guerra. Para Castan (1992, p. 12), “Definitivamente, os mentirosos e deformadores são péssimos alunos de História e receberam igualmente nota zero em Matemática[...]”. Dessa maneira, pelo menos para Castan, o Holocausto, como conferido, nem se quer existiu; quanto a opinião de Wandercy, vinte anos antes do incidente ocasionado pela suástica em sua piscina, participou de uma reportagem do jornal Zero Hora, que o chamou de “devoto declarado de Adolf Hitler”. Wandercy, logo, é, de fato, um neonazista, revisionista que reabilita discursos nazistas.

Outro caso de neonazismo por parte de professores foi de Altair Reinehr, que foi professor na cidade Maravilha, SC, até 1998, e utilizava livros da Editora Revisão, de S. E. Castan em suas aulas. Reinehr chegou a colaborar com alguns dos escritos da editora, e foi testemunha de defesa no julgamento que sentenciou Castan em 2003 por racismo. É difícil mensurar o impacto que as posições de Reinehr tiveram em sua carreira como acadêmico, mas tem-se o fato deste ter prefaciado um livro recentemente publicado pela editora Appris, de nome **Altas Habilidades: Um olhar psicopedagógico para além da prática** (2020), onde, em dado momento, comenta:

> "Desde tempos remotos - tempos bíblicos -, muitas vezes os superdotados eram vistos e tidos como "possessos do demônio". Os grandes líderes, inventores, reformadores e intelectuais de renome sempre estiveram à frente das massas, daí o porquê de terem sido incompreendidos. Até nos dias atuais, apesar do avanço das ciências, ainda há casos assim em considerável número" (ROEDER, 2020, p. 8).

A quem Reinehr estava se referindo ao comentar sobre os "grandes líderes [...] [que] sempre estiveram à frente das massas" e que eram incompreensíveis? A indagação possa parecer mais substancial ao conhecer o histórico revisionista de Reinehr.

Seu caso voltou a ganhar popularidade em 2020 quando sua filha, Daniela Reinehr, assumiu como governadora interina do Estado de Santa Catarina após o governador Carlos Moisés ter sido afastado do cargo em seu processo de impeachment. Questionada por um jornalista do The Intercept sobre o posicionamento de seu pai, Daniela respondeu de forma evasiva, comentando que cabia a ela manter uma relação familiar harmoniosa. Com a má impressão da resposta, Daniela Reinehr postou uma nota, onde diz:

> Antes de mais nada é preciso declarar que sou contrária ao nazismo, assim como sou contrária a qualquer regime, sistema, conduta ou posicionamento que vá contra os direitos individuais, garantias de segurança ou contra a vida das pessoas, e sinceramente, pensei ter deixado isso claro quando fui questionada durante entrevista coletiva concedida na terça-feira (27/10), independente das palavras usadas.[125]

Logo, com os casos analisados, a principal ameaça, identificável aqui, da pseudo-história é possibilitar uma releitura de genocídios, dando margem para que os ideais que o regeram – como a supremacia ariana – retornem como

[125] Daniela Cristina Reinehr Governadora Interina do Estado de Santa Catarina Florianópolis, 29 de outubro de 2020.' Disponível em < https://www.nsctotal.com.br/colunistas/renato-igor/sou-contraria-ao-nazismo-diz-daniela-reinehr-sobre-holocausto > Acessado em 31/10/2020

pensamentos inofensivos, e se proliferem, seja em grupos etários, étnicos ou sociais e na esfera educacional.

4.5 A POTENCIALIDADE DA INTERNET E CONTRASTE COM O PÚBLICO DA NSDAP

A internet como um todo vem se mostrando uma ótima ferramenta de comunicação, sendo uma das responsáveis pela Era da Informação; termo utilizado para se referir a revolução dos computadores, microprocessadores e a internet como um todo em meados de 1980, marcada pelo avanço tecnológico. No entanto, por ser uma rede de comunicação extensa, a internet possui seus benefícios e malefícios ao se tratar das relações sociais.

Conforme Chang (2008, p. 138 apud ALCANTARA, 2015, p. 5) ressalta, a internet, como instrumento de comunicação e disseminação ideológica, auxilia no crescimento da expressão social desses grupos, onde

> Na última década, a rede mundial de computadores configurou-se como o principal meio de comunicação da extrema-direita. Em páginas da web encontramos um vasto material neofascista, incluindo os textos chamados de negacionistas.

A internet mostrou-se capaz de causar grande desinformação em períodos eleitorais, como, por exemplo, nas eleições presidenciais dos EUA em 2016, que popularizou o termo *fake news*, que se refere a notícias falsas com intuito de manipular a opinião alheia sobre determinado assunto ou debate, outro exemplo foi o uso das redes nas as eleições brasileiras de 2018.

Ainda, tratando-se de figuras públicas, geralmente, no que tange o ambiente político, se tornavam conhecidas através de uma carreira política e pela aparição em grandes mídias, como aponta Levitsky (2016) ao comparar o histórico do partido republicano antes da eleição de Trump. Com o advento da internet, houve uma popularização de mídias alternativas que obtiveram mesmo – ou até maior – impacto na população (LEVITSKY, 2016, p. 70). Para uma democracia saudável, tal pluralidade de fontes e mídias é fundamental, mas quando estes passam a propagar *fake news* passam a prejudicar em vez de fortalecer o ambiente democrático. Assim, a internet tem a capacidade de potencializar determinado discurso, e não seria diferente com o discurso neonazista, que utiliza meios online

para propagar suas ideias. Há, contudo, características e predicados que distinguem o movimento com seu antecessor, o nazismo, que, embora tenha se utilizado do rádio, não teve acesso a uma rede tão abrangente como é a internet.

O nazismo clássico, primeiramente, dispunha do rádio e de meios impressos para agregar simpatizantes ao partido. Durante o período em que o NSDAP esteve no poder na Alemanha (1933 – 1945), Julius Streicher, participou de outras campanhas propagandistas do NSDAP, onde a "mídia se transformou no intelectual orgânico" (IANNI, 1998, p.268 apud MANZON, 2018, p. 30) do regime. Assim, Streicher foi um dentre vários agentes da intelectualidade nazista, como Alfred Ernst Rosenberg, autor de o O Mito do Século XX, e Theodor Fritsch, autor de Os pecados das altas finanças.

Figura 14 - charge do Der Stürmer, edição Nº 51 de 1929[126]

Fonte: Calvin College (2018 apud MANZON, 2018, p. 55)

Um jornal na qual Streicher era editor, o Der Stürmer, foi foco da pesquisa de monografia de Manzon (2018), onde aponta o potencial da propaganda e da "[...] imprensa na opinião pública e como esta[s] pode ser moldada[s] de acordo com grupos de interesses e pressões governamentais" (MANZON, 2018, p. 12). O Der

[126] "Pode-se fazer qualquer coisa com estes Alemães. Nosso povo crucificou seu Cristo na cruz e fazemos um grande negócio em seu aniversário..." Tradução de Manzon (2018)

Stürmer, além de se basear num estereótipo do judeu, similar ao encontrado na obra Der Giftpilz (1938), também fazia comparações antônimas, pondo o alemão como saudável, civilizado e moral e o judeu como degenerado, imoral e ganancioso, "[...] os culpados pelo caos alemão [...] uma raça diferente e intencionada a governar o mundo" (MANZON, 2018, p. 33). Na charge acima, por exemplo, dois judeus conversam e comentam que, além de matarem o Deus dos alemães, Jesus Cristo, ainda lucram em seu aniversário.

Streicher foi o responsável, junto do cinema e do rádio, estética didática do antissemitismo, usando-a como sátira e crítica social. O Der Stürmer, possuía um

> [...] estilo sensacionalista [...] com uma linguagem acessível que explicava questões políticas e econômicas, mantendo como seu público alvo os operários alemães e deixando claro o ódio aos judeus e minorias (MANZON, 2018, p. 33).

Ainda, quanto ao público do NSDAP, o serviço da A.O esforçava-se para alcançar os alemães que residiam fora da Alemanha, "[...] sob a bandeira do nazismo" (LUCAS, 2011, p. 1). Onde houvesse alemães, ali estava a pátria alemã; todos deviam conhecer o triunfo da nação (DIETRICH, 2007, p. 46). Esse contato remetia ao dever de todo patriota, sendo que toda propaganda direcionada a eles:

> [...] foi dirigida na direção de um "chamado" — todos os alemães deveriam fazer a sua parte para crescimento da nação, mesmo que, muitas vezes, isto acarretasse em sacrifícios (DIETRICH, 2007, p. 46).

Assim, estabelece-se um público alvo dos nazistas, os alemães. Como exposto anteriormente, o NSDAP admitia apenas alemães nascidos na Alemanha, a "[...] "raça de eleitos", que foi chamada de uma espécie de "elite do Führer". (DIETRICH, 2007, p. 46). Não-alemães, que aqui configuravam também os descendentes, os chamados teuto-brasileiros, não tinham acesso aos materiais nazistas, e o contato que possuíam se restringia a rádios e jornais que abordavam tais ideias – algo que qualquer cidadão poderia ter acesso – o que Dietrich (2007, p. 69) reconhece como nazismo rural[127].

Além da limitação espontânea do NSDAP, algumas limitações eram físicas, como o contato com a colônia catarinense de Companhia Território Sul Brasil, que

[127] Conforme Dietrich (2007, p. 69), "[...]a divulgação do nazismo não se fazia apenas pela presença física dos partidários; enquanto as crianças eram doutrinadas dentro do espírito nacional- socialista nas escolas alemãs, os adultos ouviam rádios da Alemanha136, liam jornais germânicos, falavam alemão como língua corrente, iam a cultos de pastores protestantes pró-nazismo e festejavam os feriados alemães. Caracterizava-se então o que se chama de nazismo rural."

requeria uma viagem de três dias de carro da cidade Cruzeiro do Sul; há situações em que a viagem demorou até três semanas, por causa das fortes chuvas (DIETRICH, 2007, p. 68).

Tem-se, logo, um trabalho propagandista com público alvo específico, o que leva a uma clara delimitação de quem o NSDAP desejava integrar ao partido. Por mais que houvesse a influência do partido na sociedade teuta, a exigência em ser um "nascido na Alemanha" transformava o público em potencial, que poderia consumir da fonte ideológica por meios institucionais[128], em consumidores passivos, **nazistas rurais***.* Não alcançava, no Brasil, as massas[129], mas apenas um grupo seleto de indivíduos.

Referente ao neonazismo da atualidade, os grupos utilizam inúmeros recursos visuais para expor suas insatisfações e críticas ao *status quo* étnico e social. Por mais que nem todas as charges e artes sejam produzidas por indivíduos neonazistas, há um uso constante de charges – algumas releituras das charges do período do Der Stürmer - e memes.[130] O modo como estas artes são apresentadas se assemelham as do Der Stürmer – não o suficiente para se propor uma continuação artística de ambos – e evidenciam as artes, em formato de charges, humorísticas ou não, como instrumento de expressão dos adeptos dos nazistas e neonazistas. A arte como elemento de sátira e crítica social é muito usada no meio humorístico, mas é, também, utilizada pelos neonazistas, fazendo com que suas charges e memes se misturem com indivíduos que não compactuam, necessariamente, com a supremacia branca.

Tais charges e artes supremacistas cresceram na internet nos últimos anos, um crescimento de 120% nos EUA se comparados os anos de 2018 e 2019, com 1.214 casos em 2018 e 2.713 casos em 2019, segundo a Liga Anti-Difamação, ADL.

---

[128] Outra terminologia empregada por Dietrich (2007, p. 69), onde o nazismo se mostra presente de forma institucional, com reuniões do partido, com filiações, numa série de ações que demonstravam uma relação mais direta, não-velada, com o NSDAP.

[129] Utiliza-se, aqui, o termo de Hannah Arendt, onde "O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder do voto. (ARENDT, 2007, p. 360 apud BRITO & MELO, 2014, p. 7)

[130] A expressão meme de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet) > Acessado em 05/11/2020

Dentre os casos, 90% são responsáveis por três grupos - Patriot Front, American Identity Movement e New Jersey European Heritage Association. Ainda, 66% dos casos são de autoria do grupo Patriot Front – grupo derivado do Vanguard America.[131] O grupo é assumidamente fascista, supremacista e antissemita, segunda a ADL.[132]

Um exemplo de formato típico adotado pelos internautas em fóruns e sites são os desenhos do cartunista que adota o pseudônimo A. Wyatt Mann, que são constantemente usados nos fóruns *4chan, 55chan* e no *Stormfront.*[133] Aparecem, na maioria das vezes, em tópicos denominados Politicamente Incorretos (/pol/), e alguns, por possuírem uma versatilidade de assuntos, são editados constantemente.

A seguir, uma série de memes. capturados nessa pesquisa monográfica, e alguns de seus usos online:

Figura 15 - Happy Merchant, de A. Wyatt Mann (a esquerda) e tweet da emissora Al Jazeera[134] (a direita)

Fonte: https://knowyourmeme.com/ Fast Forward, 2017

---

131 Disponível em < https://www.bbc.com/news/world-us-canada-51480500 > Acessado em 05/11/2020

132 Disponível em < https://www.adl.org/resources/backgrounders/patriot-front > Acessado em 05/11/2020

133 Disponível em < https://knowyourmeme.com/memes/people/a-wyatt-mann > Acessado em 05/11/2020

134 Tradução do Google Tradutor: texto da conta Al Jazeera; "Por que você não deve confiar nos negadores das mudanças climáticas." Texto do meme: "He, he, he, Meu aquecimento global, uh, quero dizer, o golpe da mudança climática está funcionando perfeitamente para nosso plano talmúdico de longo prazo de dominação mundial!"

Figura 16 – postagem do fórum 55chan[135]

Fonte: Captura feita pelo autor, 55chan.com, 2020

A caricatura Happy Merchant é a mais utilizada na *web* onde assuntos, como o judaísmo internacional[136] e a 'mentira' do Holocausto, são citados. Como exemplo da popularidade do meme, a emissora Al Jazeera, a maior emissora do mundo árabe, chegou a postar um tweet onde afirmava e/ou fazia menção de uma atuação judaica internacional por detrás da questão do aquecimento global. A emissora apagou o tweet momentos depois.[137]

O uso da figura Around Blacks Never Relax é feito com maior liberdade na internet, mas há casos de seu uso, como em pôsteres, em universidades, praças e também em ocasiões onde busca-se aplicar a culpa de algum crime ocorrido a presença afrodescendente na América. Em 2017, por exemplo, pôsteres supremacistas foram espalhados pelo bairro Del Ray, na cidade de Alexandria, Virgínia, EUA, pelo grupo Vanguard America; um dos pôsteres era a figura Around

[135] Desenho original chama-se Around Blacks Never Relax, de A. Wyatt Mann

[136] A sigla ZOG é usada com frequência por grupos neonazistas para se referir ao "Zionist Occupied Government" (Sionista ocupando o governo), onde afirmam haver um complô judaico por trás do governo americano. Disponível em < https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/zog > Acessado em 05/11/2020

[137] Disponível em < https://forward.com/fast-forward/373476/al-jazeera-tweets-deletes-anti-semitic-greedy-jew-meme/ > Acessado em 05/11/2020

Blacks Never Relax. Os moradores arrancaram as manifestações racistas e substituíram por outras antirracistas, como resposta ao Vanguard America.[138]

No mesmo ano, Kendrix J. White tentou esfaquear uma série de pessoas no campus de Austin, na Universidade do Texas. Pôsteres com a figura Around Blacks Never Relax também surgiram pela universidade, relacionando o fato de Kendrix ser negro com o ato que havia cometido; um jovem foi assassinado durante seu ataque. Inicialmente, em relação a figura Around Blacks Never Relax, os alunos da universidade imaginaram tratar-se de uma imagem advinda exclusivamente do site neonazista Daily Stormer, mas, pelas postagens observadas online, a figura existe há, pelo menos, 8 anos.[139]

A prática de usar o slogan e a figura Around Blacks Never Relax tem maior frequência nos EUA, onde algumas organizações supremacistas, como a Vanguard America e a Road to Power, a utilizam para culpar a presença afrodescendente na América por crimes cometidos pelo país. Após o assassinato de Tessa Majors, em 11 de dezembro de 2019, esfaqueada por três jovens negros, funcionários do Barnard College, onde estudava Tessa, receberam uma série de ligações, onde uma mensagem gravada acautelava justamente o proposto pelo desenho de A. Wyatt Mann, *around blacks, never relax.*[140] A mensagem, que dava créditos a organização Road to Power, rotulada como um grupo de "supremacia branca e um canal de transmissão anti-semita [sic]" pela Liga Anti-Difamação, afirmava que o crime possuía motivação racial; as autoridades policias descartaram a hipótese.[141]

Como já comentado anteriormente, o neonazismo online descarta quase que todos os critérios do nazismo brasileiro. Enquanto o nazismo exigia *o jus sanguinis*, o sangue alemão, o neonazismo se desprende de toda ascendência específica, com exceção da branquitude. Há, por vezes, até mesmo pessoas de outras etnias que compactuam com o pensando neonazista que são utilizadas como exemplos pelos neonazistas. No fórum Stormfront.org, por exemplo, um dos artigos mais acessados

---

[138] Disponível em < https://www.dailymail.co.uk/news/article-4552552/Virginia-residents-outraged-white-supremacist-posters.html > Acessado em 05/11/2020

[139] Disponível em < https://www.okayplayer.com/news/around-blacks-never-relax-fliers-austin-knife-attack.html > Acessado em 05/11/2020

[140] Disponível em < https://www.columbiaspectator.com/opinion/2020/01/27/actions-speak-louder-than-words-columbias-deeply-rooted-anti-blackness-problem/ > Acessado em 05/11/2020

[141] Disponível em < https://www.nytimes.com/2019/12/27/nyregion/racist-robocall-barnard.html > Acessado em 05/11/2020

é de um negro que ‘reconhece sua inferioridade’; ou melhor, se baseia em referencias que demonstram sua limitação lógica e social.[142] As afirmações parecem, mais uma vez, existirem sobre a ótica racialista[143], onde, de acordo com outro usuário no Stormfront (grifo nosso):

> **Não é questão de inferioridade e sim de diferença.** O povo negro é um povo muito festivo e impulsivo. Eles não possuem a visão à longo prazo e o planejamento que os brancos possuem. Eles não tem a tendência de se abster do consumo no presente para poupar e acumular capital para seu desenvolvimento, eles tendem a gastar tudo de imediato, ao contrário do branco que economiza e acumula recursos para o futuro.[144]

Logo, o fato de um negro reconhecer sua inferioridade torna-o útil para os simpatizantes do neonazismo, e, geralmente, são utilizados unicamente dessa forma. Ou seja, até mesmos os inimigos da causa neonazista, negros, imigrantes e judeus, são bem vindos para terem acesso a dados materiais e a reconhecerem sua inferioridade racial e da mentira que sua ‘raça’ prega sobre o holocausto, referente aos judeus.

Em questão do público alvo dos neonazistas, não há resposta definitiva, uma vez que o grupo não é unificado, não possui uma A.O, uma instituição voltada a comunicação exterior, como possuía o NSDAP. Pode-se afirmar, ainda assim, que há uma singularidade; no sites observados, a grande maioria dos usuários de sites e fóruns da web apresentam simpatia com a supremacia branca (BRITO & MELO, 2014, p. 2). O ser branco revela-se a única exigência para integrar-se no cerne desses grupos, além de consumir seus materiais. Os critérios exigidos por estes

---

[142] Destes referenciais, o autor do texto, Benedito Cangeno, utiliza de filósofos iluministas, como Voltaire, Kant e Hume para discorrer sobre a inferioridade ontológica; em primeiro momento, contesta tais afirmações, mas conclui com um parágrafo provocativo, onde em um das frases inquiri: “Porquê que aquilo que é do Branco está sempre mais asseado e mais bem organizado do que o que é nosso? é o branco nos impede de sanear os esgotos putrefatos e nauseabundos que infestam as capitais dos nossos países?” Disponível em < http://www.angoenciclo.de/negro.html >

[143] O temo “racialismo” apareceu com frequência nas declarações observadas. Dias (2007, p. 39) aborda o caso do professor de jiu-jitsu Eduardo Toniolo Del Segue, que, junto com a sua esposa, Franciele, comandavam um grupo supremacista no Paraná. Franciele, durante um depoimento para o Ministério Público, afirmou "Sou 'racialista'. Defendo que, da mesma forma que os negros pregam o orgulho negro, nós também tenhamos o direito de ter orgulho de ser branco". Almeida (2004, p. 75, 76) aponta, dentre os outros trechos, um do fanzine *Raça e Pátria* (nº 2, 1989), onde afirma que “[...] todos possam viver em harmonia em paz deve-se ter uma sociedade composta apenas por seres da mesma espécie, da mesma raça... europeus e descendentes com europeus e descendentes, africanos e descendentes /mestiços com africanos e descendentes /mestiços, vermelhos com vermelhos e assim por diante... ISTO É UMA LEI DE DEUS UMA LEI DA NATUREZA que não pode e não deve ser alterada”

[144] Disponível em < http://www.angoenciclo.de/negro.html >. Texto de 2018. Acessado em 31/10/2020

são quase nulos, com exceção dos grupos skinheads[145], que exige de seus membros uma série de comportamentos violentos para o indivíduo ser reconhecido como pertencente ao círculo social.

Alcantara (2015), ao comentar sobre o desenvolvimento da identidade racial de grupos como a Blood & Honror cita um artigo disponibilizado pelo próprio site da organização, onde um dos líderes, que se apresenta como Max Hammer, afirma que

> Os dias de uma xenofobia patriótica pura e imperialismo estão acabados. Eles derramaram suficiente sangue ariano para a felicidade de seus mercadores messiânicos de guerra e destruição. O termo "não mais guerra de irmãos" apenas pode ser alcançado através de uma cooperação internacional e entendimento entre o povo branco, baseado numa historia [sic] racial e destino comum enquanto respeitando o direito de autodeterminação de cada pessoa e nação (HAMMER, [20-?], apud ALCANTARA, 2015, p. 6).

Ou seja, a vitória ariana, antes a cargo da Alemanha hitlerista, agora é acessível a todos os irmãos brancos, que devem abraçar o conceito de "não mais guerra de irmãos*"*. Para Hammer, não há mais espaço para uma xenofobia patriótica pura, é preciso que os brancos se reúnam sobre a égide da branquitude.[146]

Ainda, como observa Arendt (1989, p. 188), o fascínio que o racismo nazista teve em esfera mundial, especificamente na Europa, revelava uma conivência ativa desses países; embora apenas Alemanha promovesse a doutrina racista de forma estatal, revela-se que o racismo "refletia a opinião pública de todos os países." Da mesma forma, os que tendem a minimizar ou reabilitar as pautas nazistas compartilham, ao menos, de um sentimento segregacionista, racista e nacionalista. Portanto, os discursos dos neonazistas cativam os com predisposição a compactuar de suas pautas. Nesse caso, tratando-se do neonazismo, este é apenas um dos posicionamentos da supremacia branca, que representa um campo muito mais amplo. É, ainda, difícil identificar dentro dos grupos supremacistas aqueles que se

---

[145] Conforme Almeida (2004, p. 46) "O "batismo", como o nome sugere, era uma espécie de ritual de passagem entre os Carecas do Subúrbio. Consistia basicamente no espancamento de um aspirante a Careca por outros Carecas como meio de simular uma briga na rua e medir a sua capacidade de resistência. Em uma outra variante do batismo, o aspirante deveria enfrentar um Careca mais antigo e mais forte do que ele em uma luta, como forma de verificar também a sua resistência e a sua virilidade em não ceder diante de um oponente mais forte.

[146] Como complementado por Alcantara (2015, p. 8), "[...] a proposta disseminada pela Blood & Honour significa uma ruptura com a lógica de atuação estatal do nacional-socialismo, uma vez que a analisados principais textos que contém o núcleo do pensamento e diretrizes de atuação da Blood & Honour, revelam uma apologia à atuação extra estatal [...]"

aproximam dos ideais do NSDAP. Todo neonazista é supremacista, mas nem todo supremacista é neonazista.

Se durante a década de 1930 fora difícil separar racistas de meros nacionalistas na Alemanha (ARENDT, 1989, p. 195 apud ALCANTARA, 2015, p. 7), a atualidade resguarda a dificuldade de distinguir atitudes racistas, anti-imigratórias e ultranacionalistas das declaradamente nazifascistas. É preciso, na maioria das vezes, que políticos comentem algo que vá além do racismo, como a negação do holocausto, para identifica-lo como simpatizante das práticas que o geraram.

Tendo em mente este cenário, que neonazistas se misturam com outros racistas e que utilizam a internet para propagar seu material, colocamos esse público, os branco, em perspectiva através da internet. Não se deve supor, atendendo a determinados pensamentos do senso comum, que os materiais e/ou acesso desses grupos são secretos, reclusos e fechados ao grande público. Os sites consultados nessa monografia – muitos expostos nas figuras do discorrer do texto – são de fácil acesso, não existindo exclusivamente na deep web. Basta pouco esforço para se deparar com informações didáticas sobre supremacia branca, xenofobia, racismo e nazismo.

A compreensão da atual dimensão dos grupos skinhead no Brasil é incerta, uma vez que, como pontuado anteriormente, os grupos existem na clandestinidade, e suas atividades são registradas, na maioria das vezes, através de ocorrências policias e investigações fora do alcance público. Por conta disso e da limitada exposição, muitas vezes são confundidos com “[...] movimentos no mesmo patamar: separatistas, nacionalistas, partidos de direita” (JESUS, 2003, p. 1). Ainda assim, é possível acessar uma série de conteúdos que possibilitam compreender pontos cruciais para o funcionamento desses grupos, mesmo que, no caso de alguns sites, estejam fora do alcance de pesquisa do Google e de outras ferramentas de pesquisa. O que fora observado, por outro lado, é uma rede que estes sites mantém, com um site levando ao link de outro, criando uma complexa rede de fóruns e blogs. Basta um destes ser acessado por alguém que simpatiza com o movimento para ter acesso a muitos outros.

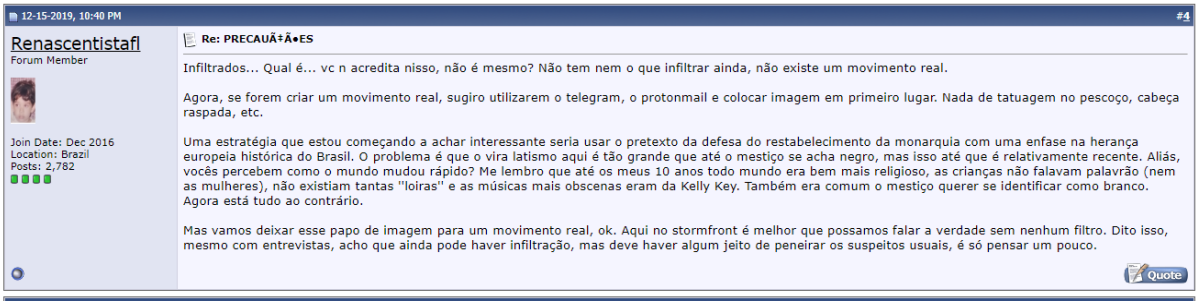
Há um fato relevante para esboçar o contingente neonazista brasileiro; estes não são formados unicamente por skinheads. Ou seja, muitos supremacistas não

se inserem no círculo social skinhead, e muitas vezes de forma proposital. Os skinheads, por exemplo, possuem características que os fazem reconhecíveis, com relação a tatuagens, raspar a cabeça e vestimentas típicas. Os neonazistas que se utilizam principalmente da internet como meio de contato não seguem, necessariamente, estes padrões. Além de não exigir uma vestimenta especifica, a internet possibilita um elemento crucial dos grupos neonazistas; o anonimato. Jesus (2003, p. 7) que:

> [...] a internet, além de possibilitar o anonimato e a proximidade ainda maior entre grupos e partidos, também facilita a divulgação de um revisionismo de caráter militante que procura enaltecer os velhos dogmas nazistas e minimizar seus maiores crimes.

Esse revisionismo de caráter militante alcança uma série de indivíduos, e alguns passam a consumir materiais neonazista com frequência, contatam os que compartilham de suas ideias, se organizam e se associam a células neonazistas. Logo, o contexto social que constrói determinados adeptos do neonazismo é diferente do que gera os típicos skinheads. Como resultado, o trabalho de policiar esses grupos se torna limitado pela mudança da estética estereotipada e da natureza *online* de sua organização e comunicação. Como comentado numa seção de nome Precauções no fórum Stormfront, um dos integrantes ressalta a necessidade de não serem facilmente reconhecidos, de serem cautelosos, ao mesmo tempo que reconhecesse a existência de infiltrados, que deduz serem os que acompanham o fórum com fins de pesquisa ou investigação policial.

Figura 17 - comentário em um dos fóruns da Stormfront.org a respeito das precauções que os integrantes deveriam tomar.[147]



Fonte: Captura feita pelo autor, Stormfront.org, 2020

147 Na mesma sessão de discussões, de nome PRECAUÃ‡Ã•ES [sic], Adriana Dias (2005), antropóloga pela UNICAMP, é citada: “[...]fase dourada comeÃ§ou [sic] a terminar quando a pesquisadora Adriana Dias fez um trabalho de espionagem contra nÃ³s,”

Ambas as formações neonazistas, porém, consomem materiais *online.* Quanto aos skinheads, Paulo César Jardim, delegado da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, acompanha esses casos e conhece o *modus operandi* dos neonazistas. Em entrevista ao G1 (2016)[148], ele afirma que os indivíduos desses grupos já possuem, em maioria, antecedentes criminais. Portanto, sabem que são vigiados, e o refúgio virtual se mostra uma alternativa para suas ações.

> Em sua construção social a ideia de digitalizar relações permite a negociação entre anonimato e publicidade, o anonimato está implícito na publicidade: há tanto no campo, que nada é muito público. O anonimato é garantido pela dissolução da informação nas ondas gigantescas da digitalização: é possível "apresentar-se" a milhares de pessoas e ainda garantir-se anônimo, servir-se da rede para pescar e guardar-se da guarda costeira (DIAS, 2005, p. 20).

Em relação ao material consumido, este torna-se fundamental para o funcionamento destes grupos. Considerando que se trata de uma ideologia estrangeira, advinda da Europa e dos EUA, o conteúdo primário utilizado por grupos neonazistas brasileiro também advém desses territórios, e isso abrange os inúmeros símbolos, como a já citada insígnia Totenkopf, os códigos 88[149], 18[150] e 14[151], as *runas armanem* e o dito respaldo científico utilizado. Contudo, sites brasileiros que oferecem esses conteúdos são relativamente mais jovens e muitos esbarram na fiscalização brasileira. Isto posto, são constantemente derrubados, e quaisquer materiais físicos em posse dos detentores desses domínios são confiscados.

Como exemplo da ação legislativa a respeito de, como já expostos, crimes dessa natureza, a Lei 9.459/97 § 2º e 3º, de 13 de maio de 1997**,** (BRASIL, 1988, apud FERNANDES & AZEVEDO, 2017, p. 10, grifo nosso), estabelece:

> § 2º Se qualquer dos crimes previstos no caput é cometido por intermédio dos *meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza*: Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. § 3º No caso do parágrafo anterior, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência: I - **o**

[148] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=0ev9IuaFxBI > Acessado em 05/11/2020

[149] Código que reúne a oitava letra do alfabeto, H, duas vezes, numa abreviação da saudação nazista 'Heil Hitler'.

[150] Código que reúne a primeira e oitava letra do alfabeto, numa abreviação de Adolf Hitler.

[151] Código que se refere as 14 palavras do supremacista David Lane "We must secure the existence of our people and a future for white children." (devemos assegurar a existência de nosso povo e o futuro de nossas crianças). (ALMEIRA, 2003, p. 22, tradução do autor)

> **recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo; II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas.**

Diante dos dispositivos legais que os impedem de livre manifestação nazistas, racista e recentemente homofóbica, o ambiente online se apresenta como um espaço de resistência*,* como exposto por Dias (2007, p. 30), esboça-se numa das frases do site Vallhala88, “Proibidos em todos os lugares, presentes na internet!!!!”. A web resguarda

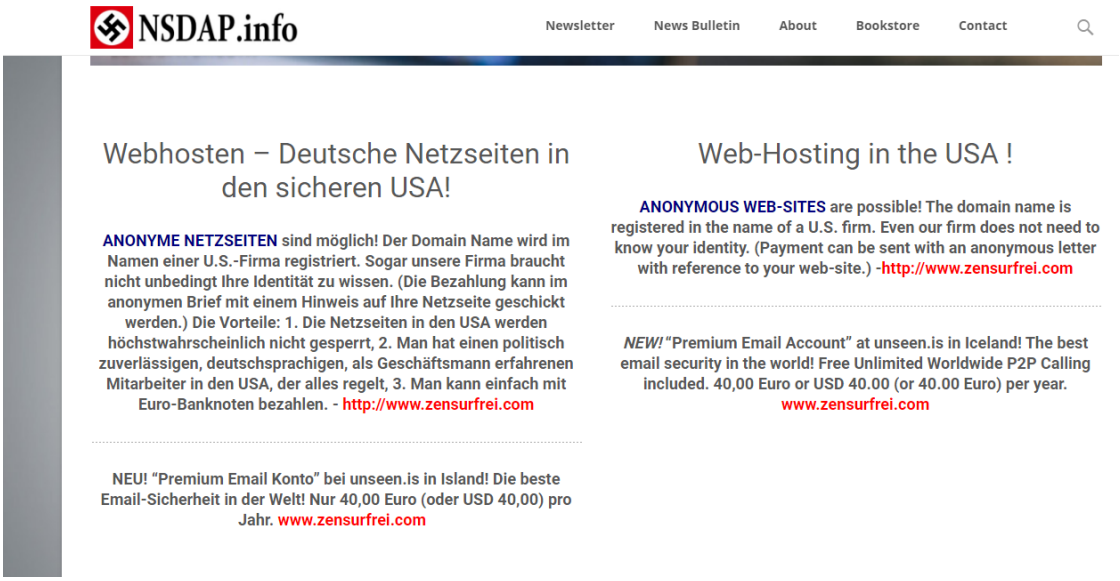
> [...] uma forma de se esquivarem de penalidades pela prática de “crimes de ódio” e/ou crimes contra a humanidade. Ao agir assim, a branquitude acrítica busca refúgio em uma solidariedade global, que poderia ser expressa ironicamente na seguinte sentença: “povo branco superior do mundo, uni-vos!” (CARDOSO, 2009, p. 15).

O retocado discurso de “intocabilidade legal” se mostra frágil, uma vez que o registro em IP estrangeiro apenas dificulta o trabalho de rastreio por parte das autoridades, mas em nada blinda juridicamente quem frequenta ambientes *online* com temática neonazista. Como bem aponta Dias (2007, p. 28):

> [...] crimes cometidos por brasileiros são punidos por leis brasileiras, conforme o sétimo artigo do código penal brasileiro (crime cometido por brasileiro, no exterior, por estar o brasileiro em território nacional - seria aplicável também se este morasse no exterior e entrasse em território nacional).

Na tentativa de auxiliar adeptos de países onde a apologia ao nazismo é crime, alguns grupos, como o site NSDAP/AO, vende domínios estadunidenses para hospedar sites ou blogs que pretendem abordar temas passíveis de crime.

Figura 18 - vendas de sites hospedados nos EUA anunciados em um site neonazista.



Fonte: Captura feita pelo autor, www.nsdap.info/, 2020

Mesmo o racismo sendo tipificado como ato criminoso, esses sites existem e são acessados constantemente. Em defesa, alguns sites "[...] advogam o direito à liberdade de expressão e afirmam não se considerarem racistas" (DIAS, 2005, p. 44). Ainda, muitas de suas ações são travestidas de causas inofensivas ou de menor impacto. Como exemplo citado anteriormente, conforme reiterado por um dos membros da Blood & Honror (RASTROS, 2013), outros, ainda sobre a acusação de racismo, se dizem racialistas, um "novo racismo"[152], como apontado por Jesus

[152] Sobre a questão racialista, a ideia de "[...] "novo racismo" é baseada na premissa de que "todas as raças e culturas possuem o direito ao desenvolvimento pleno e irrestrito, porém, devem se manter separadas e independentes, ou mais precisamente, este desenvolvimento deve se dar dentro dos limites bem definidos, no interior da cultura própria a cada uma delas." (CRUZ, 1997, p. 241 apud, JESUS, 2003, p. 2). A questão que procura responder se houve uma ruptura ou se há uma divergência no modo como racismo se apresenta pode servir de empecilho na compreensão das ações desses grupos. De forma sintética, o velho racismo busca a remoção física de determinadas etnias, enquanto que o "o novo racismo", como posto, asseguraria que todas as raças possuem o direito de existência, no entanto, distantes da **pura ariana**. Como observado por Jesus (20003, p. 6), fora visto nos skinheads e nos hooligans da década de 80 comportamento parecido, que não pregava, necessariamente, a superioridade racial, mas o distanciamento e a não-mistura racial necessária. Mas tal afirmação não se sustentou, sendo "[...] visto, tanto nas ruas como nos estádios

(2003) e Dias (2005), e advogam que a acusação, de serem racistas, advém da mídia, que manipula a realidade desses grupos. Utiliando-se de uma transição indireta, alguns defendem a monarquia brasileira como sinonimo do ideal *white power,* defendendo-a com enfase na herança europeia histórica no Brasil.

O site Valhalla88, retirado do ar em 2007 (DIAS, 2007, p. 27), foi um dos percussores do tipo de site que seria modelo entre os neonazistas brasileiros; muitos, ainda, se aproveitando de inúmeros artigos que, originalmente, advinham do Valhalla88. Segundo Andrade (2014, p. 8-10, grifo nosso), o Valhalla88

> [...] apresenta aspectos interessantes relativos a sua ideologia racial. Em um primeiro momento, afirma-se como grupo nacional- socialista, procurando **desmistificar, segundo eles, qualquer alegação de racismo e xenofobia.** [...] Partindo da própria autodefinição [sic] veiculada pelo grupo, ele se intitula como sendo nacional-socialista, procurando se apresentar como movimento sério, acadêmico e intelectual, isto é, o avesso dos tradicionais grupos skinheads e neonazistas. O Valhalla 88 tem pouca militância efetiva, raramente vemos seus membros saírem às ruas para passeatas ou arrumando briga e chamando a atenção da sociedade. O site, seus artigos e seu conteúdo não pertencem a uma pessoa física, não existe um autor específico. O site é assinado apenas pelo grupo, pois isso garante o anonimato e preserva a integridade dos membros.

Ao que indica alguns artigos e livros digitalizados, como as da editora Revisão, de S. E. Castan, sobreviveram a extinção do site[153]; é possível encontrar também, ainda digitalizados pelo grupo, livros como *História Secreta do Brasil*, de Gustavo Barroso, escritor integralista e antissemita brasileiro; *Dos Judeus e suas Mentiras*, de Martinho Lutero[154]; *Acabou o Gás... O fim de um mito*, de S. E. Castan.[155]

---

de futebol, a presença do "velho racismo", baseado na superioridade racial, na afirmação de que o outro, pelo simples fato de ser visto como diferente, deveria ser tratado como inferior." (JESUS, 2003, p.6)

[153] Disponível em < https://www.4shared.com/folder/zPxL6uPZ/002/_online.html?detailView=false&sortAsc=true&sortsMode=NAME > Acessado em 05/11/2020

[154] Em arquivos online, como o Internet Archive (archive.org), há uma série de outros títulos com o mesmo teor. Pelo menos estes três são provenientes do extinto site Valhalla88, por constar, no início do arquivo em PDF, o autor da digitalização. Possivelmente, muitos outros livros, muitos de autoria da editora Revisão, foram vinculados na internet através do Valhalla88. No Internet Archive, por exemplo, um dos arquivos, de nome "Livros históricos banidos no Brasil" contém 60 obras completas. O compilado de obras foi postado 2016, e, até o presente momento, já recebeu 18513 visualizações. Disponível em < https://archive.org/details/LivrosHistoricosBanidos >; Acessado em 20/02/2020.

[155] Disponível em < http://aaargh.vho.org/fran/livres9/acabou.pdf > Acessado em 05/11/2020

Ainda, com a queda do site Valhalla88, o site Nuevorden, que foi o maior site neonazista da Espanha, chegando a alcançar dois milhões de acessos diários (DIAS, 2007, p. 27), passou a vincular o material postado, além de também digitalizar e divulgar livros, como *Holocausto Judeu ou Alemão?*[156], de S. E. Castan, e a elaborar, ou pelo menos transliterar, artigos encontrados facilmente na web, como o Hitler e os Animais.[157]

Com dadas limitações, os sites que são retirados da internet voltam a aparecer sobre novos domínios. Dias (2005, p. 44) revela uma estrutura onde "Há, necessariamente uma, rede de internautas dispostos a arregimentar novos "discípulos".

> Outros sugerem maneiras de como manter o material distante das autoridades competentes. Por esta característica, muitos sites, principalmente os disponibilizados em provedores gratuitos são retirados do ar, para em seguida reaparecerem, múltiplos em três ou quatro servidores novos, inclusive em domínios estrangeiros. Um dos sites pesquisados afirma exatamente isto: Para cada site retirado do ar, assume-se o compromisso de disponibilizar, pelo menos, três novos. Isso evidencia uma rede (DIAS, 2005, p. 44).

Surpreendentemente, a comunicação é bilateral, e as informações e materiais não são somente de natureza externa. Como primeira demonstração, o documentário **Rastros no Subúrbio – Os Resquícios das Grandes Utopias** (2013), do sociólogo David Vega, apresenta uma série de informações úteis para a compreensão dessa comunicação bilateral. Em trechos do documentário, três neonazistas dão suas versões sobre a militância supremacista, e um deles afirma ser o fundador da filial Blood & Honror no Brasil, recebendo aval do próprio líder inglês do grupo em 2007. Logo, a Blood & Honror, a definida pela SPLC (Southern Poverly Law Center)[158] como uma "coalizão internacional sombria de gangues

---

[156] Disponível em < http://aaargh.vho.org/fran/livres9/Castan26e.pdf > Acessado em 05/11/2020

[157] https://ssbiblioteca.webs.com/Hitler%20e%20os%20Animais.pdf Acessado em 05/11/2020

[158] De acordo com o site oficial, a SPLC (Southern Poverly Law Center) é "[...] the premier U.S. non-profit organization monitoring the activities of domestic hate groups and other extremists – including the Ku Klux Klan, the neo-Nazi movement, neo-Confederates, racist skinheads, black separatists, antigovernment militias, Christian Identity adherents and others." Tradução do Google Tradutor "[...] a principal organização norte-americana sem fins lucrativos monitorar as atividades de grupos de ódio domésticos e outros extremistas - incluindo o Ku Klux Klan , o neo-nazista movimento, neo-confederados , skinheads racistas , separatistas negros , milícias antigovernamentais , Christian Identity adeptos e outras." Acessado em 09/11/2020

racistas de skinheads", está presente no Brasil, mesmo com os inúmeros impeditivos legais.

Figura 19 - neonazistas com ligação com a Blood & Honror, sendo o primeiro, da esquerda pra direita, o autoproclamado fundador da filial no Brasil.

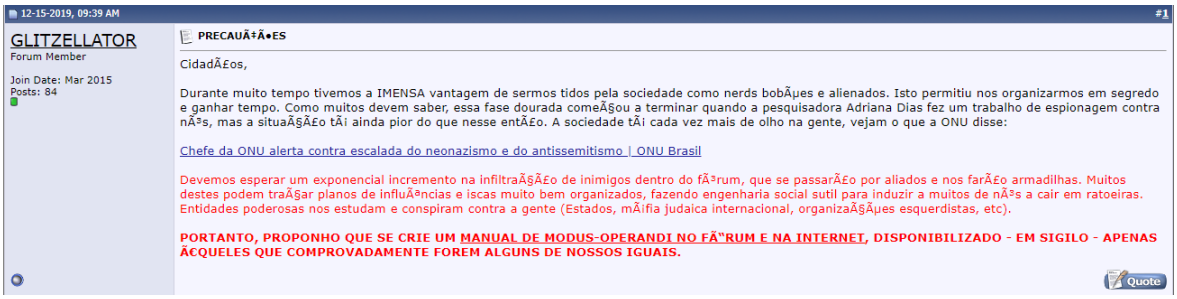
Fonte: RASTROS, 2013

Figura 20 - membros da Blood & Honror no Brasil

Fonte: RASTROS, 2013

Possivelmente pela dada ilegalidade de suas ações, de moda oficial, a Blood and Honror não demonstra possuir contatos no Brasil, segundo seu site oficial. Os internautas, não se referindo especificamente aos da Blood and Honror, tem noção de que são acompanhados e vigiados; seja por investigação policial ou não, como já foi demonstrado anteriormente. Na imagem abaixo, por exemplo, um dos internautas cita a pesquisa de Dias (2005; 2008) e pedindo cautela aos outros simpatizantes e recomendando que um manual de *modus operandi* seja feito.

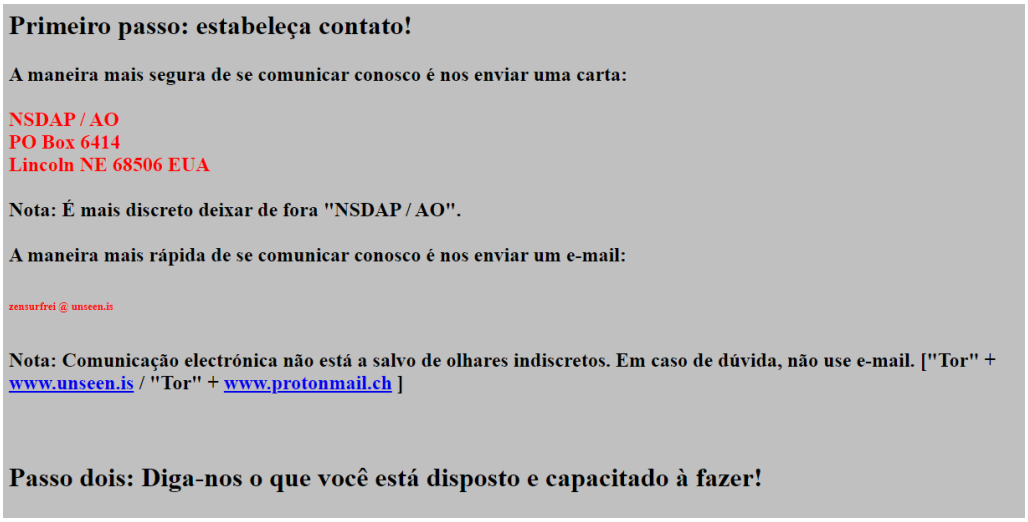
Figura 21 - seção onde a antropóloga e pesquisadora Adriana Dias é citada.



Fonte: Captura feita pelo autor, Stormfront.org, 2020

Através desses sites, a angariação de militantes se torna mais prática por, pelo que foi observado em nossa pesquisa nos mesmos, três motivos gerais, que envolvem: 1) fácil acesso ao conteúdo neonazista e a comunicação com correligionários, não existindo, ambos, unicamente na *deep web;* 2) pelo caráter conspiratório e de linguagem sedutora, prometendo revelar informações, até então, escondidas por grandes governos e corporações; 3) por se dirigir a indivíduos que se dizem injustiçados, discriminados e desapontados com o *status quo* social e étnico. Todas as singularidades apresentadas aqui auxiliam para que esses grupos cresçam e constituam células pelo país. O site Nazi Lauck chega a fornecer instrução de contato, dentre elas, como demonstra a Figura 23, a preferência pela discrição ao utilizar cartas, ao não expor informações que poderiam ser percebidas por órgãos de inteligência. Por vezes, esses grupos impelem alguns de seus membros a ataques terroristas. Embora não haja publicamente estatísticas e dados que possam corroborar certa relação entre os atentados, é possível apontar ligação com materiais de cunho neonazista e/ou possíveis contatos com facções *online.*

Figura 22 - seção do site Nazi Lauck NSDAP/AO[159] que fornece meios seguros de contato



Fonte: Captura feita pelo autor, www.nazi-lauck-nsdapao.com, 2020

O massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, onde Guilherme Taucci Monteiro e Luiz Henrique de Castro mataram 8 pessoas e feriram 11, é um exemplo recente do uso da internet como comunidade terrorista. Após o crime, fóruns *online*, como o Dogolachan[160] e 55chan[161] comemoraram o atentado e chamaram os jovens de heróis.[162]

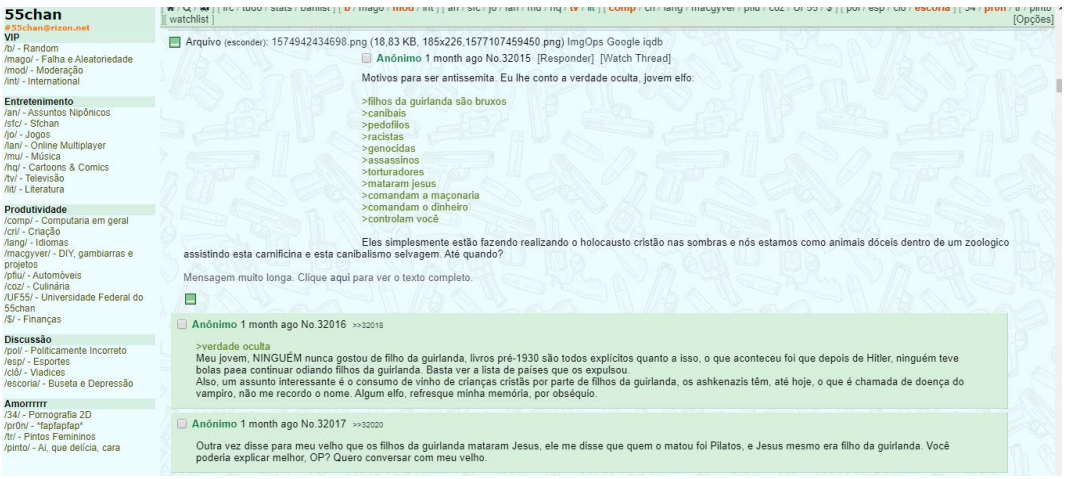
[159] Domínio migrado para www.nsdap.info/, estando, atualmente (16/09/2020) o domínio www.nazi-lauck-nsdapao.com/ fora do ar.

[160] Segunda Pereira (2017, p. 34), no Dogolachan "[...] são promovidos uma série de comentários de caráter racistas, misóginos, homofóbicos, xenófobos, entre outros; organizando os próximos ataques virtuais e suas possíveis vítimas; divulgando documentos confidenciais – como processos judiciais, notas de concurso público; por fim, os grupos ainda realizam sátiras às leis e as punições aos crimes virtuais que eles comentem."

[161] De acordo com o próprio 55chan.org, "Ao contrário dos outros chans, nos focamos em assuntos do mundo real, tais como estudos, política e finanças. Também cobrimos hobbies, e temos o /mago/ e o /b/ como boards gerais. Atenção: Sim, você é anônimo para os demais participantes, e não, os IPs das postagens são salvos, portanto é correto dizer que já está registrado ao postar - pense duas vezes antes de vir com conteúdo ilegal. Leia a página de regras e o FAQ para mais informações." No entanto, o aviso de "pensar duas vezes antes de vir com conteúdo ilegal" parece não ser considerado por inúmeros frequentadores, uma vez que em poucos minutos na rede de fóruns, foi possível achar conversas racistas e negacionistas. (Consultar Figura 17)

[162] Disponível em < https://oglobo.globo.com/brasil/frequentadores-de-foruns-extremistas-na-internet-comemoram-ataque-em-suzano-23522564 > Acessado em 05/11/2020

Figura 23 - fórum no 55chan, onde um usuário anônimo busca dar respaldo para o antissemitismo.



Fonte: Captura feita pelo autor, 55chan.org, 2020

De acordo com o chefe do Ministério Público da época, o procurador-geral de Justiça, Gianpaolo Smanio, em entrevista ao portal G1[163]:

> A gente tem notícia de que os assassinos se comunicavam pela 'deep web' com outras pessoas. Isso, portanto, precisa ser investigado para se verificar se há uma organização criminosa atuando por trás da ação que cometeram

Ainda de acordo com o G1 (grifo nosso), um dos atiradores teria postado num fórum da ‘deep web’: “Muito obrigado pelos **conselhos e orientações**... esperamos não cometer esse ato em vão”

Os atiradores teriam recebido ‘conselhos e orientações’ de outros frequentadores da deep web. Com os jovens, de acordo com o general Campos, envolvido na força tática que encontrou os dois atiradores momentos antes destes suicidarem, foram encontrados um revólver calibre 38, uma besta, um arco e flecha e uma machadinha.[164] O G1 ainda afirma que foi encontrado com os atiradores um Jet loader (um carregador rápido) e um coquetel molotov.

> Para a polícia, os indícios mostram que os três estavam habituados a negociar produtos ilegais pela internet. "Têm por hábito o comércio de instrumentos ilegais, como armas de fogo com numeração suprimida, pinadas, como a gente fala,

163 Disponível em < https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/14/mp-de-sp-apura-se-organizacao-criminosa-na-deep-web-incitou-assassinos-a-cometerem-massacre-em-suzano.ghtml > Acessado em 05/11/2020

164 Disponível em < https://www.terra.com.br/noticias/brasil/autores-de-massacre-em-suzano-eram-ex-alunos-da-escola-diz-secretario,b3d665ca3200d1cc722fc6d2846b42562uszxgnd.html > Acessado em 05/11/2020

> através da internet. Neste caso sabiam o que estavam fazendo e para quem estavam vendendo. Por isso estão presos", disse o seccional.[165]

Tatiana Taucci, mãe de Guilherme Taucci, um dos terroristas, revelou que o filho simpatizava com o nazismo.[166] Frequentadores da lan house que Guilherme e Luiz Henrique frequentavam comentaram que ambos usavam um pingente da cruz de malta, com a suástica nazista no meio.[167]

Não afirmo que os atiradores eram neonazistas, por mais que uma informação ou outra possam, indiretamente, relacioná-los ao saudosismo nazista. Os atiradores se inspiraram no nazismo tanto quando se inspiraram em inúmeras outras informações provenientes dos fóruns e sites online; sendo, possivelmente, alguns destes de cunho nazista. Assim, fomentando um quesito importante na presente monografia, o neonazismo existe como uma das muitas influências sociais que povoam a mentalidade dos frequentadores dessas partes da *web.*

Cinco meses depois, a polícia civil da cidade Nova Rita (RS) frustrou um possível massacre inspirado no de Suzano, onde, segundo o delegado Mário Souza, foram apreendidas:

> [...] uma réplica de pistola, desenhos, DVDs, livros, revistas e suásticas, todos com temática nazista, além de foto do ditador chileno Augusto Pinochet e da autobiografia de Adolf Hitler. [...] Posteriormente, foram identificados **"perfis em redes sociais que eram abastecidos com propaganda nazista, neonazista, Ku Klux Klan, manifestação xenofóbica e racista,** além de farto material similar aparentemente ao ataque a escola que ocorreu em Suzano, em São Paulo". (grifo nosso)

Além dos inúmeros artefatos que são notoriamente nazistas, há materiais que fazem menção a Pinochet e a Ku Klux Klan, que obviamente são movimentos de épocas e lugares diferentes.

---

[165] Disponível em < https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/04/11/negociacao-de-armas-para-uso-no-massacre-de-suzano-foi-feita-por-redes-sociais-diz-policia.ghtml > Acessado em 05/11/2020

[166] Disponível em < https://oglobo.globo.com/brasil/ele-sempre-gostou-dessa-coisas-de-nazismo-gotico-diz-mae-de-atirador-23522945 > Acessado em 05/11/2020

[167] Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/atiradores-eram-amigos-de-infancia-e-extremamente-calados-relatam-vizinhos-23519143> Acessado em 05/11/2020

Figura 24 - arma de brinquedo apreendida na residência do mentor do possível atentado de Santa Rita (RS)[168]

Fonte: Litoralmania (2019)

Nos fóruns acessados pelos atiradores de Suzano, é possível, em poucos minutos de busca, achar postagens pró-integralismo, anti imigração, pró-conservadorismo, entre uma série de outras que estampam posicionamentos muitas vezes divergentes. O neonazismo, neste formato online, é tudo e nada ao mesmo tempo; não possui corpo, não é organizado. Pode-se dizer, portanto, que é adaptável a quem busca encontrar referencial de teor revisionista, e, com uma dose de ação prática, conceber barbáries como a de Suzano.

Por vezes, esses grupos, que se originam online, se relacionam com partidos políticos e revelam sua potencialidade política. De forma similar ao contato com os skinheads ingleses possuíam com o National Front, no Brasil há, pelo menos, um registro de relação similar, que fora o caso do Frente Nacionalista, criado em 2015 na “Dezembrada”, evento ocorrido em Curitiba destinada ao público skinhead. Caldeira Neto (2016, p. 2) define o grupo como “[...] de corte autoritário orientado ideologicamente pelo fascismo “clássico” do entreguerras [sic] [...]”. Caldeira Neto (2016, p. 9-14) pontua sobre a aproximação do grupo com o partido político de PRTB, do político Levy Fidelix, que chegou a concorrer às eleições presidenciais em 2010 e 2014.

168 No cabo da arma de brinquedo, está escrito “um povo, um império, um líder”; no ferrolho, uma derivação da frase “deus é conosco”, onde Wotan, nome referente a Odin, principal divindade nórdica, é posto no lugar da palavra alemã Gott, formando “Wotan (Odin) é conosco”; e também “remove kebad”, que faz alusão a música e propaganda Sérvia durante a Guerra da Iugoslávia. (Todas as traduções são provenientes do Google Tradutor)

Há, no entanto, grupos internacionais que possuem envolvimento com os ativistas brasileiros. Além do caso da Blood & Honror, que já fora comentado anteriormente, a organização Misanthropic Division merece atenção especial ao tratarmos sobre relação internacional. Em 2016, a polícia civil do Rio Grande do Sul, através da Operação Azov, frustrou o desenvolvimento do recrutamento de neonazistas para confrontos na Ucrânia; estes seriam encaminhados para o Batalhão Azov, um grupo paramilitar ucraniano, que luta contra a presença russa no país, e que possui fortes características fascistas e neonazistas. O recrutamento no estado do Rio Grande do Sul se dava pela Misanthropic Division, que ainda dá sinais de presença no estado. O delegado Paulo César Jardim, que comandou a operação, não afirmou que o grupo fora desmantelado, mesmo os mandados judiciais ocorrendo em sete cidades.[169]

Figura 25- Batalhão Azov com bandeira do grupo Misanthropic Division

Fonte: Captura feita pelo autor, Youtube, 2020

Na internet, através de grupos de redes sociais e de fóruns, é notada a menção tanto a Misanthropic Division como ao Batalhão Azov. As menções, embora a maioria, quando referente as dos fóruns 55chan e 4chan, são de opinião, outras são a respeito do recrutamento, e, embora vagas, levantam a hipótese de que ainda há ação da organização no estado do Rio Grande do Sul.

[169] Disponível em < http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/operacao-combate-recrutamento-de-neonazistas-do-rs-para-ucrania.html > Acessado em 31/05/2020.

Outra investigação, que repercutiu em abril de 2020, ano de pesquisa da presente monografia, foi a da cidade São Paulo, SP, que investiga a apologia ao nazismo no estado, que ganhou repercussão após Paula Carina Caputo Gomes, que usa o nome de Paula Diamond, e Fernando Paes Cândido, conhecido como Nandão, serem denunciados em postagens no Facebook por publicações de cunho neonazista. A investigação ainda está em andamento, e segue em segredo de justiça, conforme dito pela SSP-SP (Secretaria da Segurança Pública de São Paulo) ao jornal Ponte.org. O caso segue sobre investigação no Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância). Mas, com as informações denunciadas por internautas, é possível observar algumas características importantes; como a bandeira da Misanthropic Division em uma das fotos de Paula e Fernando.[170]

Figura 26 - Paula Carina Caputo Gomes, que usa o nome de Paula Diamond, e Fernando Paes Cândido, conhecido como Nandão, com a bandeira da Misanthropic Division ao fundo

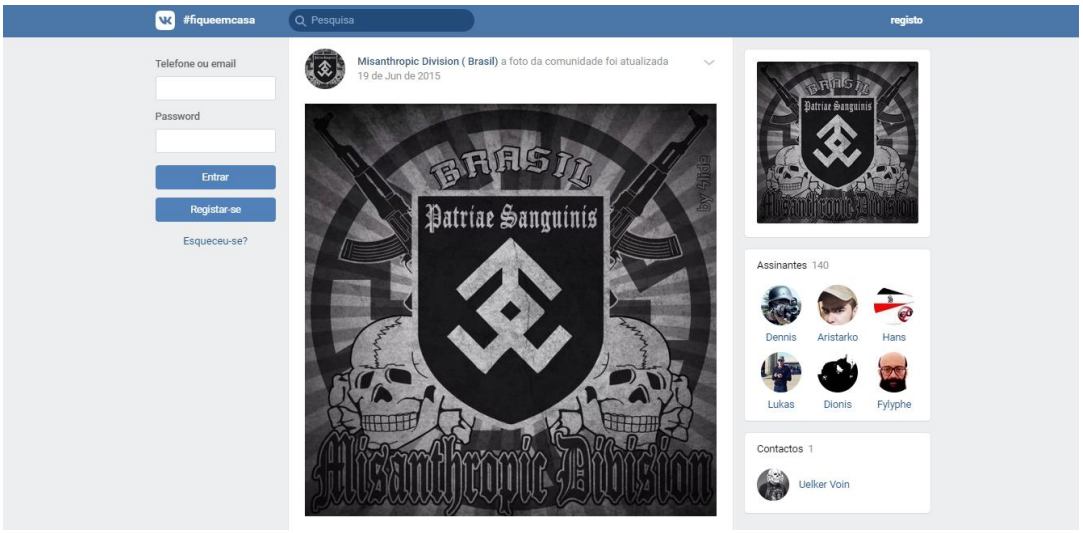
Fonte: ponte.org, 2020

Ainda, segundo informações dadas ao jornal, há páginas na VK, rede social de maior circulação na Rússia, utilizadas pelos neonazistas brasileiros; talvez como uma forma de desviar a atenção da polícia brasileira. Além da página, outros perfis, utilizados, supostamente, por brasileiros, divulgam materiais neonazistas. Há, fora postagens que fazem menções a Misanthropic Division e ao Batalhão Azov,

[170] Disponível em < https://ponte.org/policia-civil-de-sp-investiga-grupo-por-apologia-ao-nazismo/ > Acessado em 31/05/2020

comentários de internautas estrangeiros, revelando que há a participação de usuários de diversas nacionalidades.

Figura 27 - página na rede social VK

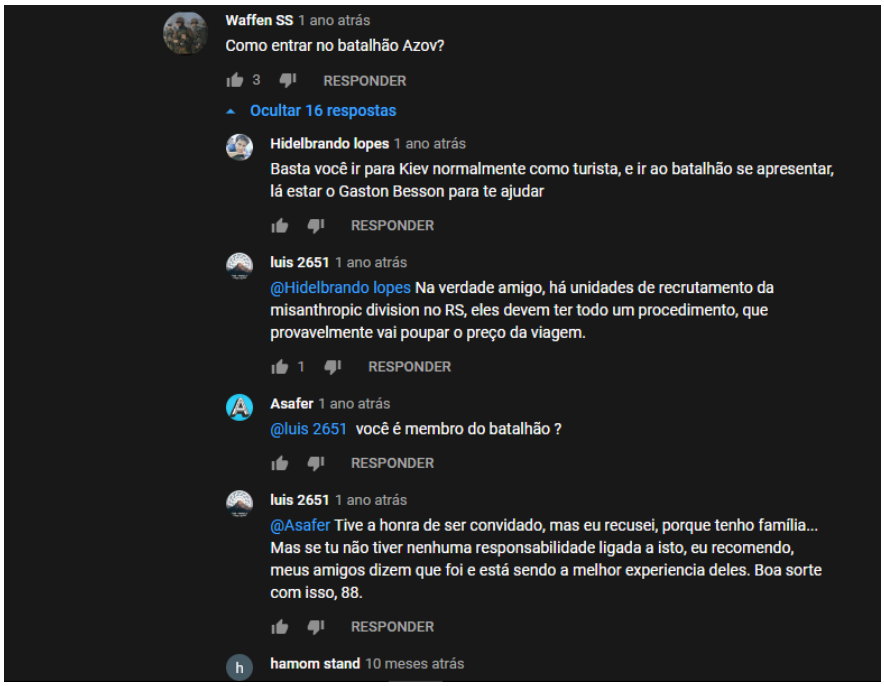


Fonte: Captura feita pelo autor, www.vk.com/public96499683, 2020

Apesar das operação Azov em 2016, o caso de Paula Diamond e Nandão,levanta a suspeita de que a Misanthropic Division é presente em, ao menos, dois estados brasileiros, se levarmos em consideração que Paula Diamond é integrante do grupo ou conhece alguém que é, pelo fato de possuir uma bandeira especifica do mesmo. Além de caso de Paula Diamond, ao observar determinados vídeos do Youtube, como treinamentos militares do Batalhão Azov, é possível notar alguns internautas indicando que a Misanthropic Division ainda recruta membros no RS.

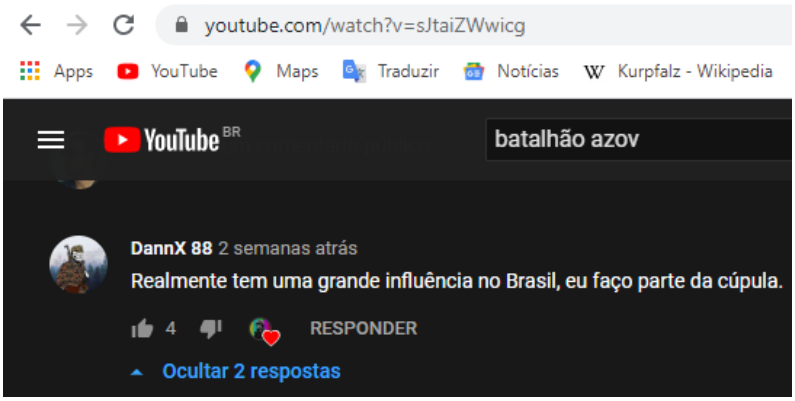
Abaixo podemos ver uma série de recortes dos comentários do Youtube e do fórum 55chan:

Figura 28 – usuários comentando sobre a existência de "unidades de recrutamento da Misanthropic Division"



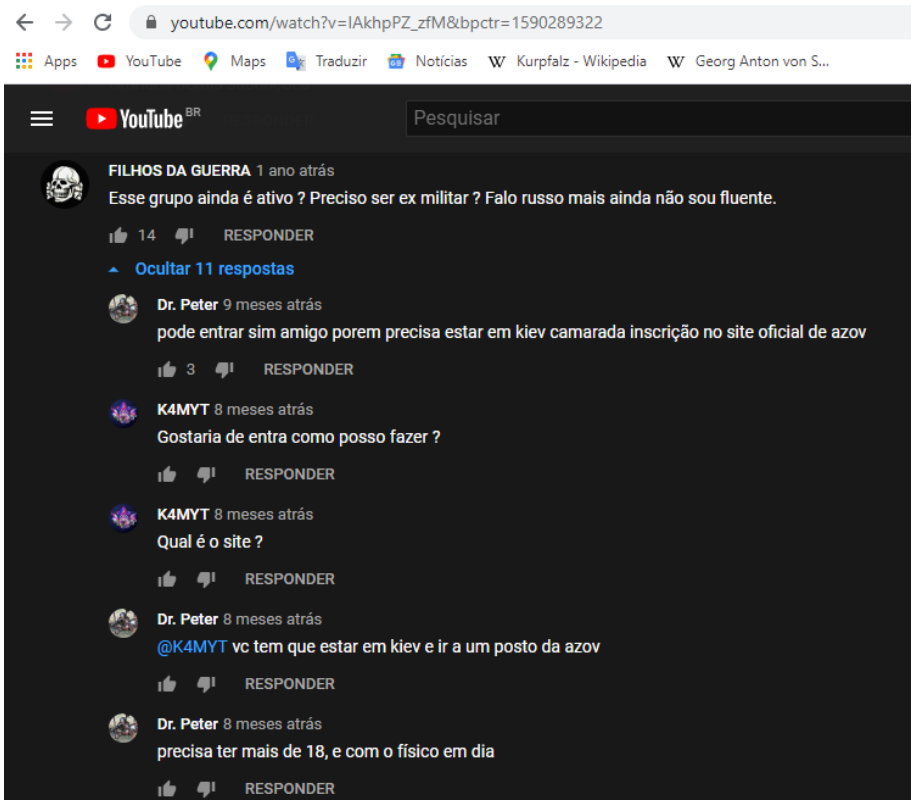
Fonte: Captura feita pelo autor, Youtube, 2020

Figura 29 - comentário de usuário no Youtube



Fonte: Captura feita pelo autor, Youtube, 2020

Figura 30 - usuários dando instruções de como contatar o Batalhão Azov

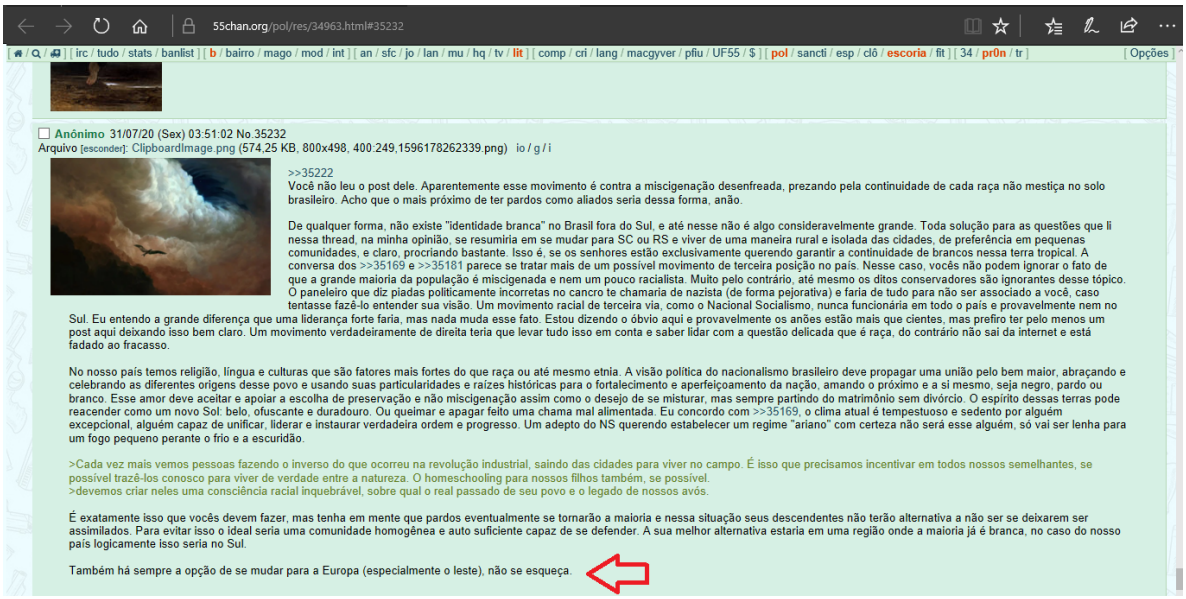


Fonte: Captura feita pelo autor, Youtube, 2020

Figura 31 - usuários citam a rede social VK como forma de contato

Fonte: Captura feita pelo autor, Youtube, 2020

Figura 32 - membro do fórum 55chan encerra um post, declaradamente racialista, com a alternativa de imigrar para o leste da Europa. (Destaque nosso)



Fonte: Captura feita pelo autor, www.55chan.org, 2020

A Alemanha, preocupada com a atuação da Misanthropic Division no país, mantém um policiamento constante nas redes sociais. O governo federal financia instituições como a jugendschutz.net, que visa propiciar um ambiente seguro para crianças e adolescentes na internet, e reconhece, como comentado no artigo *Extremists use all social media channels for recruiting. Communities, messengers et al. – this is how right-wing extremists target young people* (tradução: Os extremistas usam todos os canais de mídia social para recrutamento. Comunidades, mensageiros et al. - é assim que os extremistas de direita visam os jovens)[171], de fevereiro de 2017:

> “Since major platforms like Facebook have repeatedly taken action and deleted right-wing extremist groups in the past, the Russian Facebook equivalent VK becomes more and more important for these activists. Here, right-wing extrem- ists get away with inciting racial hatred and posting photos of their weapons along with statements like 'Armed and ready. Project 'wogs out' is running'. The operator makes al- most no effort to delete illegal content. The Russian neo-Nazi movement 'Misanthropic Division' dis- seminates its militant and inhuman propaganda on this platform. They post photos of visits to concentration camp memorials along with mocking comments or post anti-Se- mitic memes and make the corresponding links available to a wide user group through social media (JUGENDSCHUTZ, 2017, p. 2-3).[172]

[171] Tradução do Google Tradutor

[172] Tradução do Google Tradutor: “Como grandes plataformas como o Facebook agiram repetidamente e excluíram grupos extremistas de direita no passado, o equivalente russo do Facebook, VK, se torna cada vez mais importante para esses ativistas. Aqui, os extremistas de direita

A instituição alemã revela significativa preocupação em relação a Misanthropic Division e destaca o uso da rede social VK como ferramenta de comunicação. Como comentado no artigo (JUGENDSCHUTZ, 2017), e também pelo que foi analisado nos sites e blogs online, há um policiamento mais rígido quanto ao conteúdo neonazista. Se não puderem utilizar determinado meio de comunicação online, esses grupos, pelo que foi observado, optam por outras redes sociais e outros sites. Estes, embora não tenham tanto alcance quanto teriam em redes mais populares no ocidente, como Facebook e Instagram, recebem visitas através de redirecionamento de links, ou seja, em postagens no Facebook, por exemplo, anexam links que levam para sites ou artigos neonazistas.

Essa resiliência dos grupos e organizações neonazistas e supremacistas, são demonstrativos de como é difícil a derrubada desses conteúdos no ambiente virtual, mostrando-se esse um espaço propício à organização e disseminação desses ideais. Cada país tem mostrado sua forma de lidar com as manifestações neonazistas online, e estabelecer limites a liberdade expressão tem-se mostrado uma assunto delicado, uma vez que outras esferas da internet podem ser afetadas, dependendo dos mecanismo de censura utilizados. As redes sociais, no geral, não tem capacidade de checar pessoalmente cada denúncia e/ou cada post que determinado algoritmo Independentemente das decisões tomados grandes domínios, como o Facebook, é necessário, como Adriana Dias comenta exaustivamente, soar o alarme sobre a expansão do neonazismo no Brasil.[173]

escapam incitando o ódio racial e postando fotos de suas armas junto com declarações como 'Armado e pronto. O projeto 'wogs out' está em execução '. O operador quase não faz nenhum esforço para excluir conteúdo ilegal. O movimento neonazista russo 'Divisão Misantrópica' divulga sua propaganda militante e desumana nessa plataforma. Eles publicam fotos de visitas a memoriais de campos de concentração, comentários comentados ou memes antissemita e disponibilizam os links correspondentes para um amplo grupo de usuários através das mídias sociais."

[173] Disponível em < https://www.dw.com/pt-br/%C3%A9-preciso-soar-alarme-sobre-a-expans%C3%A3o-do-neonazismo-no-brasil/a-51354617 > Acessado em 12/11/2020

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer de todos os dados e reflexões apresentados é possível constatar algumas características que envolvem o movimento neonazista no Brasil e do mundo. Inicialmente, ficou nítida a dificuldade em identificar esses indivíduos, já que estes, por vezes, não se identificam como sendo neonazistas, ou então apresentam um comportamento ou outro que se assemelha ao neonazismo, que podem ser insuficiente para uma melhor categorização. Também é relevante pontuarmos que uma parcela do conteúdo neonazista se assemelha com outros de estirpe racista, sendo consumidos e compartilhados por internautas que não se declaram como sendo neonazistas. Assim, o compartilhamento, tanto do conteúdo humorístico quanto do pseudocientífico, chega a ambientes diversos, podendo alcançar, inclusive, diferentes faixas etárias.

O fenômeno da internet é imprescindível para a compreensão do neonazismo como um todo, já que é nesse espaço que o mesmo expande sua rede de influência. O neonazismo, bem como os ideais supremacista, utilizam a internet para, além de divulgar seus materiais, recrutar novos simpatizantes, que podem variar em níveis de ativismo, com alguns podendo culminar em tragédias como o Massacre de Suzano. Sem a internet, portanto, o neonazismo tomaria outras proporções, e seria, muito provavelmente, distinto do atual. A internet é um espaço importante para a disseminação e difusão do neonazismo.

Quanto as ações que visem conter essa articulação na internet, muitas vezes sutis regras ou diretrizes da rede social geralmente são usadas por algoritmos que identificam, por exemplo, a simbologia nazista e imagens violentas. Como diferenciar, nesses casos, um vídeo que aborde de forma crítica esses conteúdos, como documentários da Segunda Guerra Mundial, e imagens propagandistas? É preciso, nesse sentido, uma supervisão humana que possa, através da revisão do conteúdo, conferir se este se trata de uma apologia ao que é mostrado ou não. Tendo em vista essa limitação e morosidade (em muitos casos penalizando pessoas com conteúdo educativo e não segregacionista), algumas iniciativas passaram, por conta própria, a combater a disseminação de *fake news* online, como a Sleeping Giants; e como a Safernet, que defendem os direitos humanos online, combatendo sites que divulguem neonazismo, pedofilia entre outros crimes. A tarefa de ir contra esse rede nociva de informação tem se mostrado, por vezes, perigosa. O fundador

da versão americana da Sleeping Giants, grupo de ativismo online que cobra que as empresas retirem anúncios de sites que propagam *fake news*, já recebeu ameaças de morte; o fundador da versão brasileira, que atua desde meados de maio de 2020 no grupo, teve seu anonimato ameaçado quando o primeiro site desmonetizado pela CPMI das Fake News, o Jornal da Cidade, exigiu, através do Tribunal de Justiça do Rio de Grande do Sul, que o Twitter revelasse a identidade dos administradores do grupo.[174] A ação proposta pela Sleeping Giants é significativa no combate a informações falsas na internet, representando uma vontade popular em combater a prática de disseminação de conteúdo falso e/ou criminoso, já que surgiu não foi por iniciativa de alguma das redes sociais citadas, mas pela mobilização de contas individuais no Twitter. Os limites e os alvos escolhidos pelo grupo Sleeping Giants, por vezes, geram discussões online sobre a imparcialidade do grupo ou sobre os limites da suposta censura que pregam. Um dos alvos do grupo, por exemplo, foi o escritor Olavo de Carvalho, citado na presente monografia, que negou a existência da pandemia de coronavírus, afirmando que não nenhuma pessoa havia morrido por causa da doença.[175]

Em relação ao público que acessa o conteúdo neonazista, destaca-se os jovens, que estão idade de aprendizado e que podem ser, dependendo da idade e da formação, facilmente convencidos. Inclusive adultos possuem dificuldade em desacreditar informações falsas repassadas pelos neonazistas. Logo, é importante ensinar, desde a juventude, a história das atrocidades do Holocausto com responsabilidade, de forma com que o estudante, através de metodologias próprias da história, possa compreender os fatos dos séculos passados e suas influências no presente.

Em relação a este último ponto, talvez esta seja uma das principais características que distinguem o neonazismo de seu antecessor, referente ao público alvo. O nazismo, por um lado, visava, fora da Alemanha, apenas nascidos alemães, enquanto o neonazismo exige tão poucos critérios que facilitam a agregação de novos simpatizantes, sendo exigido, principalmente, apenas o ser branco. Logo, uma vez o sujeito sendo branco e se interessando pela prática

---

[174] Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-25/acoes-judiciais-tentam-revelar-identidade-de-administrador-do-sleeping-giants.html > Acessado em 12/11/2020.

[175] Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-19/sleeping-giants-vai-direto-na-fonte-para-minar-financiamento-de-olavo-de-carvalho.html > Acessado em 18/11/2020

revisionista e negacionista, este pode se tornar parte de um grupo, ser integrado a um movimento, se tornar parte motora de algo que pode significar substancial em sua vida. E tal participação, apesar de muitos imaginarem estar presentes apenas em regiões de difícil acesso na internet – como a *deep web* – constatou-se que uma parte dessa estrutura existe, primeiramente, na *surface web*, ambiente comum da internet alcançável por mecanismos de busca, como o Google. Aliás, com exceção do *Dogochan*, todos os blogs, fóruns, lojas e sites abordados nessa monografia estão presentes na *surface web*, o que torna o contato com a esfera neonazista muito mais fácil e prático; uma vez que se tem o primeiro contato com um destes sites, em geral, há uma indicação de uma série de outros domínios que abordam o mesmo teor revisionista.

Além do didatismo revisionista estar presente na internet, casos envolvendo professores revela a possibilidade desse revisionismo partir de profissionais da educação, que reforçam ainda mais o potencial das ideias neonazistas. O caso de Wandercy e Altair Reinehr, ambos no estado de Santa Catarina, revela como tais comportamentos podem não gerar necessariamente, um ostracismo; Wandercy possuía relatos públicos de apologia ao neonazismo desde 1995, mas ganhou notoriedade apenas em 2014, com a descoberta de uma suástica no fundo da piscina de sua casa; Altair Reinehr manteve um revisionismo em sala de aula, ao que sugere as informações, até sua aposentadoria em 1998, chegando a prefaciar um livro da editora Appris em 2020.

Por sob o meio democrático com direitos assegurados, os neonazistas se valem da liberdade de expressão para expor seus posicionamentos literalmente nocivos, que vão desde a legitimação do extermínio à segregação racial, que prejudicam a boa convivência entre diferentes etnias, uma vez que torna legitimo o massacre de outra. A serpente, descrita por Monteiro (2017), eclodiu no entre guerras e se alastrou perigosamente pela Europa durante a vigência do NSDAP. Apesar da queda do eixo, sua existência ainda se faz presente no mundo de forma sorrateira, sútil, perigosa, que adentra em grupos online, humorísticos ou não, políticos e apolíticos e em inúmeras outras situações do cotidiano na internet. Com a crescente onda de xenofobia e racismo surgindo na última década, é importante atentarmos para que movimentos como este não se validem do anseio e mede popular para, novamente, cometerem as barbáries do século passado.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Samoel R. de. 2015. “**Skinheads White Power na América do Sul: a internacionalização do discurso nacional-socialista da Blood & Honour.**” Revista Espaço Acadêmico 14 (175): 18-26.

ALMEIDA, Alexandre. **"Skinheads: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista."** 2004, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2004.

ANDRADE, Guilherme Ignácio F. **“A trajetória da extrema-direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930-2012).”** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA "REVOLUÇÕES NAS AMÉRICAS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO", 5., Anais..., p. 75, 2013.

_____ **“O Nacional-Socialismo do grupo Valhalla 88: a construção de um movimento nazista no Brasil.”** Revista Mediações, Londrina, v. 19, n.1, p. 18-40, Jan./Jun. 2014

ATHAIDES, Rafael. **O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo.** Revista Diálogos, Maringá, v. 18, n.3, p. 1305-1333, set-dez./2014

BARBOSA, Jefferson R. **“Ideologia e intolerância: a Extrema Direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do Eixo.”** Aurora, ano II, n. 2 p.2-11, jun., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. ***Modernidade Holocausto****.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____**Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005

_____**Retrotopia*,*** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BORDIN, João Viera Gabriel. **“Estudo empírico sobre o crescimento eleitoral da extrema direita na Grécia no contexto da crise econômica: o caso do Aurora Dourada.”** 2013, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituiçao.htm. Acesso em: 26/07/2020

BRITO, Israel Carlos F.; MELO, Patrícia T. **”Os “carecas do subúrbio” e o neofascismo na produção musical.”** *Periódico Científico Projeção, Direito e Sociedade* | *vol. 5* | *no 1*, 2014.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. ***História de Santa Catarina.*** Florianópolis: Lunardelli Editora, 1994.

CALDEIRA NETO, Odilon. **"Entre a ressignificação e o apagamento: Neointegralismo e o Antissemitismo."** In: Simpósio Nacional de História – ANPUH”, 2011, Anais do XXVI, São Paulo, Julho de 2011.

_____ **“Frente nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil”**. Faces de Clio. Revista do programa de pós graduação em história - UFJF, vol. 2, n. 4, p. 20-36, 2016.

_____ **"Neonazismo no Brasil: Uma leitura e algumas hipóteses."** Revista eletrônica ComCiência, Dossiê Violência, 14 de outubro de 2017, p. 1-5. Disponível em < http://www.comciencia.br/neonazismo-no-brasil-uma-leitura-e-algumas-hipoteses/ > Acessado em 04/08/2020

CARDOSO, Lourenço. **“Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista”**, Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Manizales, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), 2009, p. 607-630.

CARVALHO, Olavo. **O imbecil coletivo.** 7º edição. Rio de Janeiro: Editora Faculdade da Cidade, 1999

CASTAN, Siegfried E. **"A implosão da mentira do século."** Editora Revisão, 1º edição, 1992.

CASTRO, Ricardo Figueiredo. **“EXTREMA-DIREITA, PSEUDOHISTÓRIA E CONSPIRACIONISMO: O CASO DO O CASO DO NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO.”** In: *Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas, 2014, Anais do XVI, p. 74-86.*

DALRYMPLE, Theodore. **Não com um estrondo, mas com um gemido: a cultura do declínio;** tradução de Huo Langone. - 1 ed. – São Paulo: É Realizaçãoes, 2016.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **"LINKS DE ÓDIO: Uma etnografia do racismo na Internet."** 2005. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2005.

_____. **Os anacronautas do teutonismo virtual: Uma etnografia do neonazismo na Internet**. 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2008.

DIETRICH, Ana Maria. **"Organização política e propaganda Nazista no Brasil (1930-1945): O Nazismo tropicalizado."** In *ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 2005.

_____. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil.** Tese de Doutorado em História Social, FFLCH- USP, São Paulo, 2007

EUA. [Constituição (1787)] Constituição dos Estados Unidos da América de 1787. Disponível em < http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUARecDidaPESSOALJNETO.pdf >

FAUSTO, Boris. ***Fazer a América.*** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERNANDES, Rômulo M.; AZEVEDO, Anna C. O. **"LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O DISCURSO DE ÓDIO: NOTAS SOBRE A JURISPRUDÊNCIA CONSTITUCIONAL DOS EUA, DA ALEMANHA E DO BRASIL."** Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva | Belo Horizonte | n.32 | p.148-161

GERTZ, René. **"Considerações sobre opiniões e estudos em torno de nazismo e "neonazismo" no Brasil"**, 2009. Disponível em < https://www.renegertz.com/arquivos/baixar/Opiniao.pdf > Acessado em 26/07/2020

_____ **“De Otto von Bismarck a Angela Merkel: do 'perigo alemão' ao 'neonazismo' no Brasil.”** História: questões e debates, Curitiba: UFPR, vol. 58, n. 1, p. 89-112, 2013

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon; ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. **Neonazismo e transição democrática: a experiência brasileira.** Anuário IEHS, Tandil: Universidad Nacional del Centro, vol. 32, n. 2, p. 221-240, 2017.

GIL, Antonio Carlos. ***Como elaborar projetos de pesquisa.*** 4º edição. São Paulo: Atlas, 2002.

IDOETA, Paulo Adamo. ***Massacre em escola de Suzano: Padrão de atiradores envolve crise de masculinidade e fetiche por armas, dizem especialistas***. São Paulo, SP, 16 de 03 de 2019.

GUTERMAN, Marcos. "A moral nazista. Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler." 2013, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social (Tese de Doutorado), USP, 2013.

HANNAH, Arendt. ***Origens do totalitarismo***, trans. Roberto, Raposo São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWN, Eric. ***Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 2º edição.

JESUS, C.G.N. “**Neonazismo: Nova Roupagem para um velho problema.”** Akrópolis, Umuarama, v.11, n.2, p.67 -73. 2003

JOCHEM, Toni V. **“A FORMAÇÃO DA COLÔNIA ALEMÃ TERESÓPOLIS E A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA (1860 – 1910)”**, 2002. CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, UFSC, 2002.

JUGENDSCHUTZ.NET. **"Extremists use all social media channels for recruiting"** Fevereiro de 2017. Disponível em <

https://www.jugendschutz.net/fileadmin/download/pdf/Extremists_use_all_social_media_channels_for_recruiting.pdf >

LIPOVETSKY, Gilles. ***Os Tempos Hipermodernos.*** São Paulo: Barcorolla, 2004.

LECHTHOLZ-ZEY, Jacqueline. **“The Laws Banning Holocaust Denial”** - Revised From Genocide Prevention Now (GPN). 2012. Disponível em < http://www.ihgjlm.com/wp-content/uploads/2016/01/Laws_Banning_Holocaust_Denial.pdf > Acessado em 26/07/2020

LUCAS, Taís Campelo. **“Nazismo d’além mar: conflitos e esquecimento.”** In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 2011

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. “**Neonazismo: o retorno da intolerância.”** UFF, 1997.

MANZON, Pietra. **"PERMISSÃO E NATURALIZAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM MASSA: O INIMIGO PÚBLICO ALEMÃO SOB A ÓTICA DAS IMAGENS PUBLICADAS NO JORNAL DER STÜRMER NO PERÍODO DE 1927 A 1932."** UNISUL Curso de Relações Internacionais, Tubarão, 2018.

MATIAS, Renata C. **"Carecas do Subúrbio - A experiência urbana narrada pela música, as práticas sociais e a construção de um herói nacional."** 2018, PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP), 2018

MENDES, Willian. **“A CENA MUSICAL ALTERNATIVA TUBARONENSE: O ROCK UNDERGROUND E OS GRUPOS PUNK, HARDCORE E BANGER ENTRE 1990 E 2010.”** Tubarão, Unisul, 2019.

MONTEIRO, Felipe Carvalho. **“PROPAGANDA IDEOLÓGICA E ASCENÇÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODERNA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA: A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE.”** Unisul, Tubarão UNISUL, 2017.

MOURA, Gerson. ***Relações exteriores do Brasil : 1939-1915 : mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial.*** Brasília: FUNAG, 2012.

NOGUEIRA, Flávio S. P. S. ***O Papel dos EUA e da URSS na Reconstrução do Estado Alemão na República de Weimar.*** Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Economia, 2009

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga. **"BLOOD & HONOUR: NEONAZISMO E TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS."** *Enfoques, Rio de Janeiro, Vol.1, n.14.*, 2015: 159-179.

PEREIRA, Edérson da R. **Grupos neonazistas no Rio Grande do Sul: da realidade virtual à ficção histórica**. Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens, UNISA, 2016.

PEREIRA, Danielle R. **"Entre Sanctos e mascus: o estudo sobre o ciberfeminismo e cibermisoginia no Brasil (2011-2017)."** 2017, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2017

PIAZZA, Walter. ***A Colonização de Santa Catarina.*** Florianópolis: Lunardelli Editora, 1994.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. As relações diplomáticas entre Alemanha e Brasil, no período de 1937 a 1942. História Unisinos17(2):168-178, Maio/Agosto 2013.

RAZZO, Francisco. ***A imaginação totalitária [recurso eletrônico] : os perigos da política.*** Rio de Janeiro: Record, 2016.

RINKE, Stefan (2014), **"Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços",** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 21 (1), pp. 299-316.

ROEDER, Iliane. **"Altas habilidades: um olhar psicopedagógico para além da prática."** 1º ed. - Curitiba: Appris, 2020

ROSSETTI, Regina; JUNIOR, David S. **"Distorções midiáticas do movimento Punk em tempos de autoritarismo político."** *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Juiz de Fora, Vol.9 • nº2 • dezembro 2015*, 2015.

SANTANA, Nara Maria Carlos. **"Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade."** *Dimensões*, 2010: p. 235-248. ISSN: 1517-2120.

SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. "**Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura."** Educar em Revista, Curitiba, v.34, n.68, p.253-268, 2018.

SEYFERTH, Giralda. **"IDENTIDADE ÉTNICA, ASSIMILAÇÃO E CIDADANIA; A imigração alemã e o estado brasileiro."** In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1994: 103-122.

SILVA, R. J. B. **"História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-socialismo."** 2009**,** Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

VEJA. "**TJ mantém condenação de Bolsonaro por resposta a Preta Gil e falas ao CQC"** Redação. 2019. Disponível em < https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-preta-gil-e-falas-ao-cqc/
Acessado em 05/11/2020

VALENCIA, Sérgio Eduardo. **"A IDEOLOGIA SKINHEAD COMO INFLUENCIADORA COMPORTAMENTAL DO JOVEM CONTEMPORÂNEO RAÍZES, REFLEXÕES E RAMIFICAÇÕES DE UM PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO."** Universidade Gama Filho, Curso de Pós-graduação lato sensu em Sociologia, São Paulo, 2013.

WERLE, Bibiana. "**Memória da Campanha de Nacionalização nas regiões de imigração alemã."** In XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL - MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 2012, UFRGS, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos, 2012

ZIZEK, Slavoj. **"Um mapa da ideologia."** Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1996

Documentários:

RASTROS no Subúrbio – **Os Resquícios das Grandes Utopias**. Direção de David Vega. 2013. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=190KlIEZSZ0 > Acessado em 31/07/2020